



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



JANIMEIRE MEDRADO FERREIRA

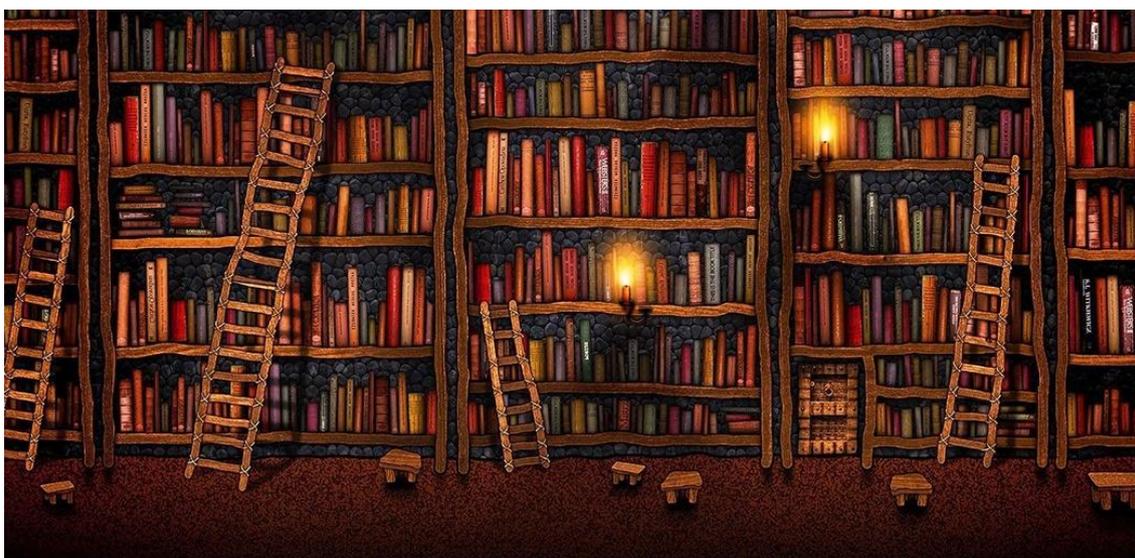
BIBLIOTECAS E PRÁTICAS DE LEITURA:
ESCOLA EM REVISTA

Salvador

2018

JANIMEIRE MEDRADO FERREIRA

**BIBLIOTECAS E PRÁTICAS DE LEITURA:
ESCOLA EM REVISTA**



FONTE: Observatório da diversidade/biblioteca (2013)

**Texto de defesa do Relatório de Pesquisa
de Mestrado Profissional apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em Gestão
e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC.**

Linha de Pesquisa

Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação

Grupo de Pesquisa

Educação, Universidade e Região - EdUReg
Interculturalidades, Gestão da Educação e Trabalho - INTERGESTO

Orientadora

Prof^a Dr^a Patricia Lessa Santos Costa

Salvador

2018

Ferreira, Janimeire Medrado

Bibliotecas e Práticas de Leitura: escola em revista/ Janimeire Medrado Ferreira –
Salvador, 2018.

124f.

Orientador: Patrícia Lessa Santos Costa

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação
Gestão da Educação e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC).

Contêm referências e anexos.

FOLHA DE APROVAÇÃO

“BIBLIOTECAS E PRÁTICAS DE LEITURA: ESCOLA EM REVISTA”

JANIMEIRE MEDRADO FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Scripto Sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração I – Gestão da Educação e Redes Sociais, em 06 de junho de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Patrícia Lessa Santos Costa
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof.^a Dr.^a Celeste Maria Pacheco de Andrade
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em História Social
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP



Prof.^a Dr.^a Lícia Maria Freire Beltrão
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dedico este trabalho à minha filha Cecília,
à minha mãe Terezinha
e aos meus eternos amores
Altamirando e Guilherme,
pela luz, inspiração e coragem
para seguir em frente, trilhando novos caminhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo na jornada desse mestrado e que, imensuravelmente, estão presentes na essência de cada discussão trazida neste trabalho. Entretanto, reservo-me o prazer de nomear alguns, que foram, através do carinho, do olhar, da palavra ou do abraço, da compreensão da minha ausência, substancialmente, os motivadores desta dissertação. Primeiramente, minha eterna gratidão a Deus, que me deu a vida, a saúde e a perseverança de estar sempre em busca do que acredito, conservando em minhas atitudes a simplicidade e a alteridade. Obrigada Senhor, pela fé e resiliência de cada dia!

A meus pais Altamirando Ferreira (*in memoriam*) e Terezinha Medrado Ferreira, pelos aprendizados, pela retidão. A eles, a minha eterna gratidão e amor e meu motivo maior de prosseguir;

À minha filha Cecília Medrado pelo apoio incondicional, pela parceria, pelo cuidado e amor demonstrados ao longo de todo o processo de estudo, pesquisa e escrita. Sua presença foi motivo para continuar firme na busca de um sonho trilhado juntos;

Às minhas amigas, em especial, Claudia Miranda, Lívia Vieira, Rita Hastenraiter, Ticiane Costa e Olívia Berbet pelo apoio, incentivo, pela vibração por cada etapa, pela força contínua e por acreditar que esse projeto era possível;

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade do Estado da Bahia, espaço de minha formação continuada, pelo encontro com professores e colegas que, com saberes, contribuíram para a significação da pesquisa;

Ao Grupo de Estudo Educação, Universidade e Região (EdUReg), pelo incentivo e partilha de conhecimento no percurso da elaboração da pesquisa; pela receptividade carinhosa, pelas alegrias compartilhadas, pelos aprendizados trocados;

Da mesma forma, traduzo meus agradecimentos a todos as colegas de orientação coletiva Ana Duarte, Nataly de Góes, Adriana Campos e Maria Félix que, cada uma, com seu jeito peculiar, estiveram presentes nessa jornada que muito contribuíram com sugestões, referências bibliográficas e interferências valiosas para o desenvolvimento da pesquisa;

À Profª Drª. Patricia Lessa, pela sensibilidade em acolher o desafio em andamento por conta das adversidades da vida. A você a minha eterna gratidão;

À Profª Drª Celeste Pacheco, pelas discussões na disciplina Pesquisa Aplicada, Desenvolvimento e Inovação e por ter aceitado participar desse importante momento de avaliação final;

Agradecimento especial à Profª Drª Lícia Maria Beltrão, pelas leituras cuidadosas, propositivas e pelas valiosas contribuições desde o exame de qualificação;

Aos funcionários do Programa, Daniel, Balbina, Fernanda, pela cordialidade, parceria e colaboração e apoio incondicional;

Às bibliotecárias dos espaços visitados e observados Aparecida França, Elma Monteiro, Lívia Freitas e aos gestores das escolas visitadas Ivete Pereira, Elísio Santos, Maísa Sousa, Claudia Cerqueira, Solange Santana, Marta Souza que tão carinhosamente me ajudaram, dispondo-se a dialogar francamente sobre os desafios contemporâneos;

Aos meus professores e professoras do mestrado Sergio Conceição, Nadia Fialho, Celeste Pacheco, Célia Tanajura, Patrícia Lessa, Artur Krombauer, Carla Liane, Claudio Rocha, Luciana Moreno, pelas suas contribuições significativas em cada momento da pesquisa;

À Secretaria de Educação do Estado da Bahia e ao Colégio Estadual Pedro Calmon, por permitirem o estudo e colaborar para as informações que este relatório apresenta;

A todos, que direta e indiretamente estiveram comigo, mesmo à distância, mas na torcida para que tudo desse certo, que eu conseguisse me organizar nas leituras, na coleta de informações, nas escritas, na conexão dos meus pensamentos, enfim, na conclusão da pesquisa, agradeço de todo o coração.

RESUMO

O relatório em foco resulta de estudos no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC). Trata-se da pesquisa intitulada “Bibliotecas e Práticas de Leitura: escola em revista”. O presente texto diz, na introdução, da trajetória e inspiração que levaram a autora ao tema e apresenta seus objetivos. Fundamenta-se numa perspectiva crítica e conta com referencial teórico que toma a biblioteca, biblioteca escolar e as práticas de leitura como categorias principais, a partir de aportes teóricos, desenvolvidos por distintos pensadores clássicos e contemporâneos. Buscou-se, no universo polissêmico das bibliotecas escolares, compreender o entrecruzamento entre o espaço de leitores e o tempo de leitura, pela lente da história cultural. A metodologia, de natureza qualitativa, acolheu diferentes e articulados procedimentos empíricos e levou em consideração à análise documental, visitas acadêmicas a bibliotecas públicas e escolares, observação sistemática registrado em diário de campo e imagens. As bibliotecas escolares foram delineadas como objeto de estudo, a partir de um percurso investigativo nas bibliotecas públicas em Salvador, Feira de Santana e Caetité. No levantamento de informações acerca da biblioteca escolar, foram analisadas ações no campo das práticas de leitura no colégio estadual Pedro Calmon em Salvador. Pelas observações, foram evidenciadas, na rotina da biblioteca escolar e seu entorno, as contradições entre as experiências exitosas e dificuldades estruturais e tecnológicas encontradas. Como síntese, importa reconhecer o relevo político e cultural da biblioteca e as distintas possibilidades de práticas de leitura na ambiência escolar como desafio estratégico para formação de sujeitos em tempo de cultura digital e dispositivos móveis.

Palavras-Chave: Biblioteca. Biblioteca Escolar. Práticas de Leitura. Cultura Digital.

ABSTRACT

The report in focus results from studies in the Professional Master of the Postgraduate Program in Management and Technology Applied to Education (GESTEC). It is the research entitled "Libraries and practices of reading: school under review". The present text says, in the introduction, the trajectory and inspiration that led the author to the theme and presents its objectives. It is based on a critical perspective and has a theoretical reference that takes the library, school library and reading practices as main categories, based on theoretical contributions, developed by different classical and contemporary thinkers. It was sought, in the polysemic universe of school libraries, to understand the intersection between the space of readers and the time of reading, through the lens of cultural history. The methodology, of a qualitative nature, welcomed different and articulated empirical procedures and took into consideration documentary analysis, academic visits to public and school libraries, systematic observation recorded in diaryfield and images. The school libraries were designed as an object of study, based on an investigative course in public libraries in Salvador, Feira de Santana and Caetité. In the collection of information about the school library, we analyzed the programs in the field of reading practices at the Pedro Calmon State School in Salvador. In the observation, the contradictions between the successful experiences and the structural and technological difficulties encountered were evidenced in the routine of the school library and its surroundings. As a synthesis, the study recognizes the political and cultural importance of the library and the different possibilities of reading practices in the school environment as a strategic challenge for the training of subjects in time of digital culture and mobile devices.

Keywords: Library. School Library. Reading Practices. Digital Culture.

LISTA DE SIGLAS

BE	Biblioteca Escolar
BEPC	Biblioteca Escolar Pedro Calmon
BEMS	Biblioteca Escolar Milton Santos
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CECM	Colégio Estadual Carlos Marighella
CEEBA	Centro de Educação Especial da Bahia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COLE	Congresso de Leitura do Brasil
DDE	Dinheiro Direto na Escola
FACED	Faculdade de Educação
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FEBA	Faculdade do Estado da Bahia Olga Metting
FNDE	Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação
FPC	Fundação Pedro Calmon
GELING	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem
GESTEC	Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação
GPL	Gabinete Português de Leitura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições
IMEJA	Instituto Municipal José Arapiraca
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INL	Instituto Nacional do Livro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
NEDHEL	Núcleo e Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras
NTE	Núcleo Territorial de Educação
OEI	Organização de Estados Ibero-americanos

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEL-BA	Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional da Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PNSL	Programa Nacional Sala de Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UCSal	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Flagrante na Biblioteca (charge)	17
Figura 2 – Évolution de L’homme Bibliotécus	30
Figura 3 – Eu quero minha biblioteca	50
Figura 4 – Borrachaloteca	54
Figura 5 – Flagrante do cotidiano das bibliotecas escolares	56
Figura 6 – Tira: Crock e os legionários	58
Figura 7 – Biblioteca Central do Estado da Bahia	74
Figura 8 – Biblioteca Anísio Teixeira/Salvador	75
Figura 9 – Biblioteca Infantil Monteiro Lobato	76
Figura 10 – Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva	78
Figura 11 – Biblioteca Thales de Azevedo	79
Figura 12 – Biblioteca Municipal Anísio Teixeira (Caetité)	83
Figura 13 – Colégio Estadual Pedro Calmon	85
Figura 14 – Colégio Municipal Visconde de Cairu	86
Figura 15 – Colégio Estadual Edivaldo Boaventura (mosaico de imagens).....	88
Figura 16 – Biblioteca Pedro Calmon	97
Figura 17 – Biblioteca Pedro Calmon	99
Figura 18 – Biblioteca Pedro Calmon	100
Figura 19 – Biblioteca Pedro Calmon	101
Figura 20 – Livro mais solicitado pelos estudantes	107
Figura 21 – Leitura coletiva	109

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Tipos de bibliotecas no Brasil - SNBP	38
Quadro 2 - Quantidade de bibliotecas por região	43
Quadro 3 - Percentual de bibliotecas por região	44
Quadro 4 - Índice de bibliotecas escolares por estado no Brasil	44
Quadro 5 - Visitas acadêmicas a bibliotecas públicas	72
Quadro 6 - Visitas acadêmicas a bibliotecas escolares públicas em Salvador	82

SUMÁRIO

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA	16
1.1. TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM NARRATIVA	18
1.2 PESQUISA EM FOCO	24
1.3 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA	25
2. BIBLIOTECAS E LEITURAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	28
2.1. BIBLIOTECAS: UM LIVRO DE MUITOS CAPÍTULOS.....	28
2.1.1. Preservação e conservação das bibliotecas como <i>locus</i> de texto.	33
2.2. ORDENAMENTO LEGAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E MODALIDADES DE BIBLIOTECAS.....	35
2.2.1 Ordenamento em questão	35
2.2.2 Biblioteca escolar e do Poder Executivo.....	37
2.2.3 Ordenamentos, objetivos e desafios sistêmicos.....	45
3. PRÁTICAS DE LEITURA E CULTURA DIGITAL	52
3.1. BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE LEITURA E CULTURA DIGITAL	53
4. TRILHAS METODOLÓGICAS: ENTRE DILEMAS E SENTIDOS	63
4.1 DIÁLOGO COM A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO	64
4.2 DESENHO INVESTIGATIVO..	66
4.3 PROCEDIMENTOS, INTERLOCUÇÕES E ACESSO À INFORMAÇÃO..	69
4.3.1 Levantamento documental	70
4.3.2 Visita acadêmica às bibliotecas públicas: itinerância por Salvador, Feira de Santana e Caetité.....	71
4.3.3 Visita acadêmica às bibliotecas escolares	82
4.3.4 Observação sistemática	90
4.3.4.1 Registro em diário de campo e imagens	90
4.4. SUJEITOS DA PESQUISA	93
4.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA EM/COM SERES HUMANOS	94
4.6 FLASHES DE LEITURA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CULTURAL	95

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA BIBLIOTECA EM MOVIMENTO	
.....	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	125

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA

Todos lemos a nós e ao mundo
à nossa volta para vislumbrar
quem somos e onde estamos.
Lemos para compreender ou para
começar a compreender.
Não podemos deixar de ler.
Ler, quase como respirar, é nossa
função essencial.

Alberto Manguel (1997, p.20)

A epígrafe, extraída da obra de Manguel, *Uma História da Leitura*, retrata a amplitude e a dimensão que envolve o debate em torno de bibliotecas e práticas de leitura, sem perder de vista a biblioteca escolar, e expressa parte da minha inspiração teórica sobre o tema do estudo em tela, intitulado *Bibliotecas e Práticas de Leitura: escola em revista*, inscrito na Linha 1 do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O desafio investigativo reconhece o relevo da leitura para formação do sujeito, mas, principalmente, o quão bibliotecas, guardada a tipologia proposta pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) que as agrupam, como nacional, pública, comunitária, escolar, pontos de leitura, universitária, especializada e centro de referência, considerando características pertinentes, podem qualificar práticas de leitura, compreendida, conforme Gomes (2007, p.18) como aquelas que correspondem à implicação do leitor com usos sociais da língua escrita, ou com os usos sociais da leitura, na perspectiva de se pensar esse equipamento, contemporaneamente, em uma sociedade que se mantém grafocêntrica, mas culturalmente digital.

Vale destacar que De Certeau (1980¹, p. 38) descreveu poeticamente a leitura como “uma operação de caça furtiva”, e sua definição dessa prática cultural – “imagem da passividade para a maioria dos observadores” – como “o paradigma da atividade tática, o exemplo de uma atividade de apropriação e de

¹ As principais formulações de Certeau sobre a leitura estão em seu livro *A invenção do cotidiano – Artes de fazer* (Petrópolis: Vozes, 1994), única (e algo sofrível) tradução para o português do livro originalmente editado na França em 1980. A tradução brasileira foi feita a partir da segunda edição, revisada por Luce Giard (biógrafa e principal colaboradora de Certeau) e lançada na França em 1990.

produção independente de sentidos”, tem sido a base sobre e em torno da qual vários estudiosos – com destaque para Roger Chartier – têm desenvolvido, nos últimos vinte anos, suas pesquisas sobre a história da leitura e as diferentes maneiras de ler, encontradas em momentos e contextos históricos e sociais diversos, ao longo da história da humanidade.

Figura 1- Flagrante na Biblioteca



Fonte: Stein, 2012. (Adaptada)

Nesta perspectiva, a Charge de Stein, em destaque, nos provoca, nos leva à reflexão sobre a biblioteca e seu reconhecimento como espaço apropriado da leitura, notadamente para gerações mais novas.

Nesse cenário, localizamos no estado da Bahia, bibliotecas de três diferentes tipologias apresentadas pelo SNBP – públicas, escolares, comunitárias e que inspiram o objeto de estudo do presente relatório, considerando o que nelas se relacionam com a cultura digital. Assim, importa destacar os nexos entre minha trajetória acadêmica e profissional, sobre a qual passo a narrar, com a pesquisa em tela.

1.1 TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM NARRATIVA

Ao refletir sobre a minha trajetória escolar e sua implicação com o objeto de estudo da pesquisa em questão, vale relatar algumas passagens nas escolas em que tive a oportunidade de estudar em Feira de Santana. Tal como

a epígrafe exposta, a minha experiência em espaços públicos aconteceu também em uma biblioteca pública. A minha escolarização teve início na pré-escola no Colégio Estadual General Osório. O colégio era muito grande, agradável e organizado, porém não tenho recordação da biblioteca. Os primeiros livros que tive nas mãos foram os escolares.

Em seguida, passei a estudar no Colégio Padre Ovídio, onde cursei parte do Ensino Fundamental. Esse colégio era dirigido por uma congregação das Irmãs do Santíssimo Sacramento e, desde a sua fundação em 1879 até 1986, o colégio só matriculava estudantes do sexo feminino. Também nesse colégio não tenho recordação de experiências vinculadas à biblioteca. Do 6º ano ao 9º do Ensino Fundamental, passei a estudar no Colégio Municipal Joselito Amorim. Esse colégio que tanto me traz boas lembranças, não só do espaço que era muito agradável, como dos bons professores e colegas que por lá tive, foi muito importante na minha formação.

Nessa época, lembro de como meu pai que, mesmo com os limites da sua formação, nos incentivava a ler e estudar; ele, sempre que podia, conversava sobre temas polêmicos numa época em que ainda fervilhava a ditadura civil e militar em nosso país, e os valores mais conservadores ocupavam um lugar especial na formação dos docentes. Tínhamos na estante da sala, em nossa casa, uma pequena biblioteca com a *Enciclopédia Delta Larousse*, alguns livros sobre a Segunda Grande Guerra Mundial, livros de poesias e autores como Émile Zola e Pablo Neruda e, apesar de meu pai ser ateu, havia uma Bíblia ilustrada enorme que, com o passar do tempo, desapareceu de casa.

O meu interesse de leitura recaía sobre as histórias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Lia alguns livros escondidos do meu pai que dizia ser inadequado por não ter idade para compreender o que estava se passando. Ele gostava de escrever poemas e sempre dizia que um dia iria escrever um livro de memórias e poesia para registrar a sua história de vida. O sonho literário distante só ganhou forma e conteúdo, após seus 70 anos de idade. Quando a veia literária começou a pulsar e nunca mais parou até falecer, aos 85 anos. Ele deixou dois livros publicados² e três ficaram inacabados em

²Altamirando Ferreira publicou dois livros pela Editora Quarteto: Memórias, contos e poesia (2010) e Minha mãe, minha vida (2013).

manuscritos, deixando, assim, um exemplo de que não há idade para escrever e ler.

A existência de uma grande biblioteca pública que ficava ao lado do meu colégio ficou marcada em minha memória. Ali, passei uma boa parte da juventude, realizando pesquisas em enciclopédias sobre temas propostos pelos professores. Atualmente, com a violência urbana ao lado das tecnologias móveis, a biblioteca tem a sua ocupação comprometida. Como, de modo historicamente situado, reinventar esse espaço?

Ao ingressar no Ensino Médio, cursei o magistério no Instituto de Educação Gastão Guimarães, ainda em Feira de Santana, onde pude experimentar os primeiros passos de uma formação docente com a certeza de que teria que prosseguir com os meus estudos para além do magistério. Nessa caminhada formativa, pude vivenciar diferentes experiências pedagógicas: projetos literários, ações interdisciplinares, oficinas temáticas, bem como coregência e regência de classe. Nesse período, a presença da máquina de datilografar era uma constante. Após fazer um curso intensivo de datilografia, passei a realizar os meus estudos utilizando essa tecnologia. Somente na graduação, passei a utilizar um computador como ferramenta para estudar.

Tal trajetória deixou, de modo vivo, a compressão acerca da formação continuada. Nessa perspectiva, após um curto período na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na graduação de Ciências Sociais/Sociologia, ingressei no curso de Letras da Universidade Católica de Salvador (UCSal), onde tive o prazer de ter como minha mestra Lícia Beltrão, professora que fez a diferença e que semeou em mim a importância de ser criativa e generosa no trato com a leitura e com o ensino da nossa língua brasileira. Neste período de graduação, já ministrava aulas em escolas da rede privada de Salvador, estudava Inglês e era dirigente do Sindicato de Professores das Escolas Particulares da Bahia. Participei de cursos de aperfeiçoamento, congressos e seminários.

Ao concluir a graduação, realizei um curso de Especialização em Projetos Educacionais e Informática na Faculdade de Educação da Bahia Olga Metting (FEBA), onde tive a oportunidade de produzir um *site* reunindo artigos, dissertações e teses sobre interdisciplinaridade e nossas impressões sobre o tema. Também realizei uma Especialização/atualização em Gestão Escolar a distância na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Recentemente, participei

do Curso de Aperfeiçoamento em Tecnologias Educacionais/UNEB e do Curso de Formação em Deficiência Intelectual: fundamento e práticas pedagógicas inclusivas/CEEBA.

Após essa breve narrativa sobre minha trajetória escolar/acadêmica, destaco que as minhas experiências como docente e gestora escolar concorreram para a retomada da minha formação continuada em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*.

A experiência docente ocorreu em diferentes escolas públicas estaduais e particulares na condição de professora efetiva. O conjunto de tais atividades pedagógicas perfaz uma trajetória de quase três décadas no magistério. Vale destacar o *Projeto Educando Pela Literatura*, concebido e coordenado pela professora Lícia Beltrão, no Colégio São Paulo, durante o período em que ali lecionei. O referido projeto convidava o professor, juntamente com os seus estudantes, a serem sujeitos críticos de seu processo de ensino-aprendizagem; reavaliando a todo instante o uso do livro didático como material soberano de leitura. Ao incentivar a leitura de autores daqui, dali e da lá e associá-la à escrita, tal projeto contribuiu significativamente para a minha formação, uma vez que a noção de mediação discutida por Colomer (2003) e sua ponderação de que o mediador é o primeiro a usufruir dos objetos culturais, foco da mediação, fora vivenciada. A experiência desenvolvida levava em consideração a articulação entre a biblioteca e os diferentes espaços da escola e da cidade como possibilidades de desenvolver a linguagem a partir de diferentes gêneros textuais e produções culturais.

Durante o período em que atuei em sala de aula nas escolas públicas estaduais, pude observar a inexistência de uma biblioteca em movimento que fosse interativa e capaz de despertar nos estudantes o desejo pela leitura. Tal constatação reforçou o desejo e a responsabilidade social de discutir, pela via da pesquisa, as práticas de leitura nos espaços das bibliotecas públicas com o objetivo de atender, por meio do seu acervo e de seus serviços os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita, das bibliotecas escolares, com o intento de fazer reverberar sua importância e reinventar, extensivamente à biblioteca, os cantinhos da escola como também espaço significativo de leitura e das bibliotecas comunitárias que têm como objetivo formar leitores, democratizar o acesso ao livro, qualificar os

espaços de leitura e acervos literários, fomentar e acompanhar as Políticas Públicas do livro, da leitura e da biblioteca. Ou seja, pensar esses espaços como possibilidade de desenvolver dinâmicas de leitura e que, a um só tempo, concorresse para que a biblioteca deixasse de ser depósito de livro didático e passasse a ser um equipamento dinâmico, interativo e de formação do sujeito leitor.

Ao ingressar na Equipe Gestora do então Colégio Estadual Emílio Garrastazu Médici, em Salvador, no período de 2013 e 2014, passei a conviver com os debates relativos aos 50 anos do golpe militar e a revelação mais contundente do papel dos presidentes do período de exceção. Tal conjuntura ganhou efervescência no cotidiano escolar e, após debates e plebiscito, por decisão autônoma da comunidade escolar, recebeu o nome de Carlos Marighella e a biblioteca, de Milton Santos. Foi um longo processo de que participei ativamente com o intento de promover leituras e releituras, tendo como objetivo estimular o ato de ler e fortalecer a democracia no ambiente escolar.

Na experiência da equipe de gestão como vice-diretora, organizamos reuniões de pais, professores e estudantes, fortalecemos os conselhos de classe, valorizando a presença dos estudantes, promovemos palestras com psicólogos, nutricionistas e assistentes sociais; construímos, juntamente com os professores e estudantes, dois seminários sobre Meio Ambiente para discutir e pensar soluções pertinentes ao ambiente escolar e familiar; coordenamos eleições de colegiados para representantes estudantis e equipe gestora. No âmbito da gestão, cabe destacar ainda o meu envolvimento e compromisso com os estudantes especiais oriundos de séries diversas e a implicação em produzir relatórios para acompanhar o desenvolvimento dos mesmos, ao longo do ano letivo, buscando, na medida do possível, implicar a escola numa perspectiva inclusiva.

Ainda na função de gestora no Colégio Estadual Carlos Marighella, pude vivenciar outra realidade que até então desconhecia. Busquei, através de projetos, com a participação da comunidade escolar, saídas para enfrentar os desafios colocados. Dentre eles, sublinho as questões referentes à biblioteca, tais como: utilização da biblioteca como depósito de livro didático, desaparecimento sistemático de livros; falta de acesso à *internet*; ao lado de questões relativas à violência, ao consumo de drogas, da falta de estrutura dos

espaços físicos, das constantes paralisações e, por fim, do desânimo que vem assolando toda a comunidade escolar e esvaziando a escola como espaço significativo de aprendizagem e tempo de distintas leituras.

Meu percurso profissional, desenvolvido na sala e na gestão, tem elucidado o entendimento acerca da relevância da leitura na afirmação de uma educação pública e socialmente referenciada.

A partir do conjunto dessa experiência como professora e gestora da educação básica e diante da minha histórica preocupação com as práticas de leitura das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias é que sistematizei um projeto de pesquisa com vistas a participar do processo seletivo para um curso de mestrado que se ocupasse da temática da educação básica de modo implicado com sua realidade.

Nessa perspectiva, reconheci no mestrado profissional da UNEB uma possibilidade de desenvolver uma pesquisa com tais características. Com a aprovação do projeto e ingresso no grupo de pesquisa Educação, Universidade e Região (EdUReg), dei início à pesquisa da qual apresento este resultado. A pesquisa contou com diferentes etapas de desenvolvimento: disciplinas, orientação permanente, leituras dirigidas, campo empírico, participação em eventos acadêmicos, exame de qualificação e culminará com a defesa do trabalho ora apresentado.

No percurso do mestrado (GESTEC), são dignas de nota as contribuições oriundas das disciplinas: Gestão da Educação, Tecnologias e Redes; Gestão da Educação, Processos e Medidas; Políticas Públicas, Direitos Humanos e Educação; Tecnologia e Inovação; Práticas de Escrita na Tradição Acadêmico-Científica e Pesquisa Aplicada, Desenvolvimento e Inovação I, II e III no processo de desenvolvimento da pesquisa.

A primeira disciplina do curso, Gestão da Educação, Tecnologias e Redes, ministrada pelos professores Sergio Conceição e André Magalhães, tomou os estudos de Benno Sander como referência e problematizou os pressupostos históricos, dimensões e critérios de desempenho, compreensão acerca do campo da gestão educacional pautada nas relações sociais e econômicas.

Já a disciplina, intitulada Gestão da Educação, Processos e Medidas, coordenada pela professora Nádia Fialho, teve como objetivo oferecer uma visão panorâmica das principais referências contemporâneas a respeito das

organizações educacionais, na perspectiva do planejamento, da gestão e da avaliação, considerando o contexto da educação básica, no Brasil e apresentar os sistemas oficiais de avaliação da educação, seus processos e medidas, sob a perspectiva da estatística aplicada à educação, e com apoio no IBGE, PNAD, Censo Escolar e Censo da Educação Superior.

Em seguida, destaco a disciplina Políticas Públicas, Direitos Humanos e Educação, desenvolvida pelo professor José Claudio Rocha que coordena o projeto Educação, Direito e Diversidade – uma pesquisa ação sobre metodologias participativas, colaborativas e estudo sobre comunidade. Ao longo da disciplina, foram discutidas as correntes de pensamento no âmbito dos direitos humanos: Direito Fundamental, Direito Internacional e Direito Emancipatório.

Tecnologia e Inovação, desenvolvida pelo professor Artur Krombauer, foi uma disciplina importante para aprofundar o entendimento sobre tecnologia e educação na contemporaneidade com a pretensão de desenvolver um catálogo (produto) sobre o uso de aplicativos e redes sociais, na perspectiva das propriedades da Computação Ubíqua e Pervasiva, no processo de ensino aprendizagem dos discentes matriculados nos cursos presenciais de Ciências Sociais Aplicadas da UNEB.

Importa destacar ainda a disciplina Práticas de Escrita na Tradição Acadêmico-Científica, ministrada pela professora Rosângela da Luz Matos. A referida disciplina possibilitou uma aproximação com os teóricos em torno do livro, da leitura e da escrita como prática cultural, com ênfase nos estudos de Chartier, Danrton e De Certeau.

Por fim, a disciplina, tripartite, Pesquisa Aplicada, Desenvolvimento e Inovação I, II e III ministrada pelas professoras Celeste Pacheco, Célia Tanajura, Carla Liane e Patricia Lessa, refletiu sobre a dimensão conceitual relativa ao mestrado profissional, analisou os caminhos teórico-metodológicos de cada projeto, e aprofundou os desafios dos nexos entre pesquisa aplicada e inovação.

Transversalmente, fui me mobilizando para constituir o projeto de pesquisa. Gradualmente, foram sendo delineados os objetivos e objeto de estudo em tela.

Vencida a etapa formativa inicial e cumpridos os créditos, o caminho para o Exame de Qualificação foi se edificando. As orientações, ao lado das leituras e fichamentos indicados, se concretizaram no processo da qualificação realizada na ambiência da Biblioteca Pública da Bahia.

1.2 A PESQUISA EM FOCO

Ao iniciar o presente estudo, importou definir a temática e a delimitação do objeto de pesquisa. Na abordagem sobre o uso da biblioteca, é fundamental destacar que a sua ambiência informacional representa, segundo Gomes (2007, p. 24 e 25), “uma experiência histórica da sociedade humana em reunir e assegurar a preservação e o acesso a todo o conhecimento produzido pela humanidade e acumulado durante séculos de civilização”.

A biblioteca, concebida aqui como ambiente de leitura e consulta bibliográfica, situado no espaço formal da cidade e da escola, constitui-se um caminho teórico-metodológico cuja legitimidade a faz reconhecida como *lócus* privilegiado de sensibilização para leitura e valorização do livro. Ainda para a autora:

A biblioteca tem a missão de guardiã desse acervo, entretanto, também tem por princípio tornar possível o acesso rápido e irrestrito a todo o conhecimento representado e registrado nas fontes reunidas no seu acervo, como ainda a todas as fontes sobre as quais a biblioteca tem um controle quanto à existência, seja em outros acervos ou no próprio espaço virtual. (GOMES, 2007, p. 25)

Tal campo investigativo se inscreve nas políticas educacionais e na ampla reflexão relativa a bibliotecas públicas, escolares e comunitárias como espaço-tempo de leitura.

Dos programas instituídos nas escolas da rede oficial de ensino para garantir o acesso à cultura, informação e o estímulo à leitura, como prática social, destaco o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido a partir de 1997, pelo Ministério de Educação.

Tal programa “objetiva promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura de alunos e professores por meio da distribuição gratuita de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”. (BRASIL, 1997, p.38)

Ainda no ano de 2007, a Resolução Nº 005 amplia essa proposta, dispondo sobre o PNBE, voltado para o Ensino Médio (PNBEM). O programa mantém alguns itens já garantidos pelo PNBE, como o estímulo à leitura como

prática social, provendo as escolas de Ensino Médio de acervos compostos por obras de referência, obras literárias, obras de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de Ciências Humanas e Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, visando apoiar a atualização e o desenvolvimento profissional do professor. (BRASIL, 1997)

De acordo com a sistemática estabelecida pelo MEC, a implementação dos acervos das bibliotecas escolares deveria ocorrer progressivamente, prevendo o atendimento de forma universal e gratuita a todas as escolas públicas de Educação Básica cadastradas no Censo Escolar.

Para além da perspectiva institucional, importa discutir a biblioteca como equipamento multidimensional, implicado com a cultura digital e articulados com os diversos artefatos tecnológicos capazes de promover a interatividade entre os sujeitos e os textos escritos e imagéticos.

Assim, dado o relevo da biblioteca como experiência cultural, notadamente, em um país como o Brasil, diverso e continental, e tendo em vista a fragilidade da política de apoio e financiamento de criação e manutenção de bibliotecas, é que elegi a biblioteca pública, escolar e comunitária e as práticas de leitura como objeto de pesquisa.

1.3 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA

O presente texto sublinhou a biblioteca e as práticas de leitura como categorias teóricas substantivas e levou em consideração a história da biblioteca como base relevante e a importância dos acervos bibliográficos como estímulo à leitura em tempos de renovação dos artefatos tecnológicos.

Entretanto, a minha trajetória estudantil e profissional vem apontando para o fato de esse equipamento substantivo, que pode acionar o envolvimento dos estudantes e professores nas práticas de leitura, estar desvinculado dos projetos pedagógicos escolares, quando não em desuso total.

Nessa perspectiva, ao lado do entendimento de que a formação integral do estudante, do técnico e do professor passa necessariamente pela experiência pedagógica, envolvendo diversos conhecimentos e tendo em vista que, dentre eles, encontram-se aqueles que se implicam com a biblioteca pública, escolar e comunitária e seu acervo, é que apresento a seguinte

questão de pesquisa: As ações pedagógicas na escola potencializam a leitura nas bibliotecas como espaço sociocultural?

Para responder tal questão de modo articulado com a investigação em foco, foi proposto o seguinte objetivo geral:

Contribuir com o debate sobre o repensar da biblioteca escolar na perspectiva de uma cultura de leitura na qual os sujeitos implicados com o processo sejam capazes de gerenciar ações pedagógicas para além dos livros colocados nas prateleiras de uma biblioteca convencional.

Do objetivo geral, derivaram os objetivos específicos como desafios delimitadores da pesquisa:

- a) Caracterizar as bibliotecas em um contexto histórico e cultural no Brasil;
- b) Reconhecer o ordenamento legal, as políticas públicas e projetos político-pedagógicos acerca das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias em Salvador;
- c) Identificar as práticas de leitura e a cultura digital no cotidiano das bibliotecas escolares investigadas;
- d) Produzir imagens sobre bibliotecas escolares e suas práticas de leitura.

Posto isso, convidamos o leitor a acompanhar os caminhos e as trilhas do percurso investigativo proposto com que visei responder à pergunta da pesquisa, aprofundar a literatura sobre o tema e produzir um relatório sobre a biblioteca escolar como fenômeno histórico e cultural.

Para tanto, textualizamos a pesquisa em cinco capítulos. No capítulo 1, intitulado **Para início de conversa**, apresento a minha trajetória acadêmica e profissional, o contexto e a delimitação da pesquisa e, por fim, o problema e os objetivos da pesquisa.

No capítulo 2, denominado de **Biblioteca e Leitura: reflexões teóricas**, discuto a perspectiva histórica e cultural das bibliotecas. Em seguida, ganha relevo o debate sobre ordenamento legal e políticas públicas de bibliotecas escolares e as práticas de leitura.

Já no capítulo 3, **Práticas de Leitura e Cultura Digital**, acontece a discussão em torno da biblioteca escolar e das práticas de leitura e cultura digital.

Trilhas metodológicas, no capítulo 4, trago o percurso teórico-metodológico da pesquisa, momento em que assumo a atitude de caminhar a partir de procedimentos, interlocuções e acessos a informações. A trilha metodológica transversaliza todas as etapas da pesquisa, (documental, bibliográfica e de campo), e registra, em diário de campo e imagens as práticas de leitura nas bibliotecas escolares. O capítulo anuncia e justifica as escolhas teóricas e metodológicas, destacando os sujeitos e as etapas da pesquisa.

No capítulo 5, intitulado **Considerações Finais** resgatamos todo processo da pesquisa e suas respectivas sínteses na qual ficou evidente como os estudantes são ávidos por leitura em suporte físico e ou digital. No entanto, nem sempre encontram as devidas respostas as suas respectivas demandas literárias e interesses de leituras. As iniciativas encontradas nas visitas acadêmicas e observações carecem de condições e apoios intramuros e das políticas públicas em geral. No capítulo conclusivo, reconheço a potência da biblioteca escolar com um espaço-tempo de formação e *lócus* privilegiado de cultura em movimento, ao tempo em que, assumimos compromisso com a edificação de um produto oriundo da investigação consoante com o desafio de um mestrado profissional. Por fim, apresentamos nos elementos pós-textuais as referências, os apêndices do presente relatório de pesquisa.

2. BIBLIOTECAS E LEITURA: REFLEXÕES TEÓRICAS

No Egito, as bibliotecas eram chamadas
'Tesouro dos remédios da alma'.
De fato, é nelas que se cura a ignorância,
a mais perigosa das enfermidades
e a origem de todas as outras.
Jackes Bossuet,

O presente capítulo busca caminhar pela história e características da biblioteca, com ênfase nas que se situam na ambiente escolar. Dentre os estudos discutidos no marco teórico do texto, vale destacar Chartier (1999, p. 91), quando fala do sonho de reunir saberes acumulados e explica como o desenvolvimento histórico da biblioteca ocorreu até chegarmos à experiência universal que conhecemos. Importa sublinhar ainda que o capítulo traz os tipos de biblioteca bem como quantidade de bibliotecas nas unidades da federação e ordenamento legal em torno do tema.

2.1 BIBLIOTECAS: UM LIVRO DE MUITOS CAPÍTULOS

Tomar a biblioteca como tesouro implica em considerar seu valor para além do seu acervo de títulos. Trata-se de um lugar de promoção permanente de cultura, conhecimento e combate à ignorância, como diz Jackes Bossuet na sua histórica citação aqui posta em epígrafe.

Após a realização de uma revisão de literatura nos trabalhos acadêmicos sobre a biblioteca e leitura, foi possível observar distintos argumentos teóricos em torno dessas categorias e reconhecer três questões contemporâneas referentes ao universo das bibliotecas: históricas, legais e pedagógicas.

Inicialmente, foram reflexões sobre a história das bibliotecas no mundo e as transformações que ocorreram ao longo do tempo. Em seguida, apresento uma discussão em torno do ordenamento legal e as políticas públicas, buscando entender a implicação da biblioteca como direito.

Ao iniciar a reflexão sobre a biblioteca, importa compreender sua história e movimento. A biblioteca, por ser uma palavra de origem grega, tem como

característica reunir uma coleção de informações de qualquer natureza, como livros, enciclopédias, dicionários, monografias, revistas, folhetos, dentre outros. Atualmente, essas informações são digitalizadas e armazenadas em banco de dados e/ou repositórios.

Para dar sustentação a essa ideia, trago Hébrard (1991, p. 19), quando afirma que

A aquisição de uma biblioteca é o ponto de partida para a concretização de um pensamento que, há muito tempo, foi objeto dos mais legítimos esforços. Dotar as populações trabalhadoras de um acervo de obras interessantes e úteis é uma necessidade que, a cada dia, faz-se sentir mais seriamente. Uma vasta organização de bibliotecas municipais responderia a esse objetivo, mas essa organização apresenta dificuldade que apenas a cooperação de múltiplos desejos e sacrifícios permitiria resolver completamente.

O autor afirma ainda que, sem sombra de dúvidas, “o desejo de propagar a cultura do livro em camadas sociais não letradas pertence ao século XIX”. E Chartier (1999, p. 92) reforça a ideia de que a biblioteca “é um lugar onde se encontra o leitor e as universalidades do saber, do qual o primeiro podia se apropriar”. Ainda sobre biblioteca, afirma:

O sonho do nosso século XX, em seu final, é o de poder superar a contradição que assombrou por muito tempo a relação que os homens do Ocidente mantiveram com o livro. A biblioteca do futuro, tal como esboçada, é em certo sentido uma biblioteca sem paredes, como aquelas edificadas sobre papel por Gesner, Doni ou La Croix Du Maine. Mas, diferentemente dos catálogos que forneciam nomes de autores, títulos de obras, às vezes resumos ou excertos, ela está inscrita em um lugar no qual todos os textos podem ser convocados, reunidos, lidos numa tela. (CHARTIER, 1999, p. 92)

A partir da compreensão do autor, podemos depreender que “no universo da comunicação à distância, os textos não são mais prisioneiros da sua materialidade original”, (CHARTIER, 1994, p. 91), ou seja, eles podem ser transmitidos sem que o lugar de sua conservação e o de sua leitura sejam necessariamente idênticos.

As bibliotecas surgiram em meio ao sonho de reunir saberes acumulados. Livros raros, edições perdidas, textos desaparecidos. A partir desses desejos, surgiram verdadeiros e impetuosos prédios arquitetônicos capazes de acolher, segundo Chartier, (1999, p. 67), a “memória do mundo”.

Ao realizar a leitura do capítulo sobre Bibliotecas sem muro, Chartier (1999, p. 67) vislumbra o sonho de uma biblioteca universal que tomou como

referência as coleções do século XVIII.

Com o propósito de fazer o que seria a maior sala de leitura de toda a Europa, em 1785, o arquiteto Etienne-Louis Boullée propõe a reconstrução da Biblioteca do Rei, com o objetivo de revestir com uma imensa abóbada o pátio interno onde já estavam dispostos os andares, para expor as obras ao alcance dos leitores. Sobre a disposição dos autores e obras, Chartier (1999, p. 70) afirma:

Gabriel Naudé no seu *Advispoudresser une bibliothèque* (1627) guia o colecionador indicando os autores e obras indispensáveis à sua biblioteca. Naudé condena o modelo de gabinete reservado somente ao gozo do seu proprietário e defende a ideia de uma biblioteca pública, numerosa, contendo os principais autores que escreveram sobre grandes diversidades de temas específicos.

A biblioteca sem muros ao lado dos dicionários, enciclopédias e dos catálogos envolveram, segundo Chartier (1999), livreiros-editores da Europa do século XVIII na frustrada missão de reunir todos os textos de autores em uma mesma coleção.

Ampliando essa compreensão, encontro em Certeau (1994, p.13) o que copio: “é preciso interessar-se não somente pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de seus usuários”. Faz-se necessário, portanto, valorizar os processos criativos e sua capacidade de circulação de ideias sem descuidar-se dos produtos como síntese de um ciclo produtivo.

Figura 2:



Biblioteca e arte: Blog de Valdez (2014)

Durante o *Colóquio Internacional sobre História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas*, promovido pelo Núcleo e Estudos e Documentação em História

da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL) realizado nos dias 09 e 10 de maio de 2016 em São Luiz/MA, tive a oportunidade de assistir à palestra de Anne Chartier³ (2016). Ela discorreu sobre as relações com os livros, os estudantes e suas leituras e sobre as bibliotecas de estudo e de lazer para os jovens. Durante a sua fala, a palestrante faz uma constatação de que as bibliotecas estão vazias, de que não há mais bibliotecas “lotadas”; de que os jovens usam o seu próprio computador; tiram e editam as fotografias, usam vídeos, acessam rapidamente as informações. E afirma que “estamos diante de um paradoxo”. Diante da abundância do uso da internet, os jovens se afastaram dos livros analógicos. Anne Chartier argumenta ainda que são necessárias novas práticas de leitura para reinventar os espaços coletivos. O fato de todos concordarem que tudo está mudando, há um otimismo em relação aos dispositivos tecnológicos, pois todos aprendem a distância. A palestrante alerta que não devemos cair nas armadilhas dos nossos próprios desejos para não sermos prisioneiros do consumismo. Na continuidade, a autora afirma, na sua palestra, que “a TV e o celular colocam a leitura em perigo quando informam, distraem e unem a família de forma superficial, ao mesmo tempo em que aprisionam”.

Ainda em sua palestra, Anne Chartier, em 2016, acredita que, para preservar a biblioteca, deve-se pensar este ambiente como um espaço de troca em torno da cultura e lazer. Para a autora, faz-se necessário educar as crianças para as mídias contemporâneas de modo a garantir interatividade, criatividade e criticidade em sintonia com a biblioteca e suas distintas práticas de leitura. Ao concluir a sua fala, a palestrante destaca, mais uma vez, que é papel permanente das bibliotecas fazer mediações entre o mundo dos livros e o mundo dos jovens leitores, destaca mais uma vez que o mundo das mídias esconde armadilhas quando os usuários acreditam que as máquinas resolvem tudo e que a escola deve encorajar esses jovens leitores perpetuando os “gestos da leitura”.

Em seu artigo *História da Leitura*, Darnton (1986, p. 200) argumenta sobre o mistério da leitura em si, considerando que, ao mesmo tempo é objeto familiar e estranho, por ser uma atividade que compartilhamos com nossos

³Anne-Marie Chartier investiga a evolução das práticas e dos materiais didáticos empregados no ensino da leitura e da escrita. Ela é pesquisadora do Serviço de História da Educação do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica, em Paris.

ancestrais, embora ela jamais possa ser a mesma que eles experimentaram. Sobre os mistérios da leitura, o autor afirma que:

Podemos desfrutar da ilusão de sair do tempo para entrar em contato com autores que viveram há séculos atrás. Mas mesmo que seus textos tenham chegado intactos até nós – uma impossibilidade virtual, considerando-se a evolução dos projetos e dos livros como objetos físicos – nossa relação com esses textos não pode ser a mesma que aquela dos leitores do passado. A leitura possui uma história [...] (DARNTON, 1986, p. 200)

Darnton (1986, p. 203) chama atenção para os necessários nexos entre informação e história:

Os documentos raramente mostram os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos, e os documentos são, eles próprios, textos, o que requer interpretação. Poucos deles são ricos o bastante para propiciar um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura e alguns poucos casos excepcionais podem não ser suficientes para se reconstruírem as dimensões interiores dessa experiência. Mas os historiadores do livro sempre exibiram uma grande quantidade de informação sobre a história externa da leitura.

Por ter estudado a leitura como um fenômeno social, os historiadores buscam responder muitas das perguntas “quem”, “o quê”, “onde” e “quando”, facilitando, assim, as abordagens mais difíceis dos “porquês” e “como”. Tal movimento investigativo permitirá compreender, a partir das observações sistemáticas, o processo das práticas de leitura nas bibliotecas escolares selecionadas de modo a estabelecer uma implicação entre as práticas de leitura e as indicações de leitura em sintonia com o seu cotidiano.

Nesta perspectiva, a escola, segundo Gadotti; Romão (1997, p.38), não pode “cristalizar-se numa só concepção de cultura”. Ela precisa estar aberta para novas manifestações culturais, no sentido do próprio respeito pelo outro. Por isso, atentar para o êxito e fracasso dos alunos, sobretudo os das classes populares, depende, de acordo com os referidos autores “do equacionamento da relação entre identidade cultural e itinerância educativa”. Para tanto, a mediação proposta constitui-se caminho qualitativo para perceber a escola como marco inicial, levando em consideração as possibilidades históricas de produção do conhecimento para além dos muros da escola.

Portanto a escola, por ser um ambiente multicultural e envolver muitos sujeitos com identidades diversificadas, deve acolher da cultura popular à erudita e dialogar com a cultura midiática contemporânea. A biblioteca escolar assume, então, um espaço considerável de produção de leitura neste ambiente de formação coletiva e, ao mesmo tempo, individual.

2.1.1 Preservação e conservação das bibliotecas como *lócus* de textos

Desde 1850, uma boa parte do papel usado em publicações tem sido feita de polpa de madeira que contém lignina, cujo ingrediente contribui para a deterioração do papel. Portanto, literalmente, milhões de livros e documentos estão se desintegrando nas estantes das bibliotecas. (FUNDACION PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2004).

Os dizeres de Franco (2008, p. 220) reforçam a necessidade de discutir sobre a preservação e conservação dos acervos.

O papel orgânico é biodegradável. O seu tempo de vida depende da qualidade das fibras e das cargas químicas aplicadas durante sua produção. Subconsequentemente, o processo de impressão e a forma de armazená-lo serão fatores que contribuirão para a sua degradação. Mesmo os papéis considerados permanentes, produzidos segundo a ISO 9706, de 1994, não são eternos. É necessário elaborar uma política de preservação impondo ações técnicas em relação ao ambiente e atitudes de funcionários agindo em equipe.

Para Cabral (1996) e Chartier (1999), que já se preocupavam com a deterioração dos documentos em papel e ascensão dos textos eletrônicos, destaca-se a necessidade de, em qualquer modalidade, garantir e ampliar o acesso às distintas possibilidades de leituras.

Em diferentes cenários, a biblioteca desempenha um papel fundamental na formação dos sujeitos leitores, atuando como um centro de saber na vida de quem vivencia esse ambiente. Portanto, sempre houve a árdua tarefa de conciliar a preservação do material bibliográfico com a difusão do conhecimento registrado. Tal postulado ganha consistência nos dizeres de Yamashita e Paletta (2008), quando asseveram que “preservar implica em garantir o acesso à informação”. (YAMASHITA ; PALETTA ,2008, p.9)

As autoras chamam a atenção para a necessidade de desenvolver novos mecanismos de ação, com vistas a enfrentar desafios para estabelecer

medidas preventivas de proteger os acervos bibliográficos bem como a conservação dos materiais bibliográficos.

Face ao descaso, aos roubos e atos de vandalismo sobre o patrimônio bibliográfico adicionado às dificuldades do alto custo dos livros, a falta de investimento e a baixa expectativa de vida útil do material, Yamashita e Palletta, (2008, p. 10) na coletânea sobre preservação e conservação de acervos em bibliotecas brasileiras, preocupadas na preservação dos mesmos para gerações futuras, as pesquisadoras propõem oficina de reparos de livros com o intento de garantir uma maior vida útil do conjunto dos acervos.

Por fim, as reflexões realizadas em torno da preservação das bibliotecas levam a crer que todas as bibliotecas precisam de cuidados para a conservação do seu acervo. Franco, (2008, p. 34), apresenta alguns cuidados para esse fim:

Cuidado com conhecimentos técnicos no armazenamento de obras, no seu manuseio e uso, monitoramento e controle ambiental, implementar programas de conservação e restauro, implementar procedimentos de reproduções, realizar a manutenção do edifício e preparar planos para enfrentar emergências. [...]

Trago, nos dizeres de Facelli (2005, p. 28), a síntese da discussão em torno do tema quando defende que a preservação do patrimônio passa pela construção cotidiana da memória. Portanto, os acervos bibliográficos juntamente com os dispositivos eletrônicos constituem patrimônio público e todo o esforço deve ser apreendido para mantê-los em conservação, garantindo, assim, a disponibilidade do uso na atualidade e futuras gerações haja visto que concebemos a biblioteca como patrimônio material e imaterial e espaço temporal de permanentes (re)leituras.

Um *lôcus* de textos que cada dia mais se inscreve na cultura digital e acolhe diferentes suportes. Textos de gêneros e tipos variados, ora clássicos, ora contemporâneos. Assim, importa consideramos o texto como uma unidade de análise.

[...] uma unidade feita de som, letras, sinais diacríticos, margens notas, imagens, seqüências, com uma extensão dada, com (imaginariamente) um começo, meio e fim, tendo um autor que se representa em sua origem, com sua unidade, lhe proporcionando coerência, não-contradição, conferindo-lhe progressão e finalidade. O texto se apresenta como um todo em sua unidade (imaginária). O trabalho simbólico do sujeito é colocar em palavras “o que tem na cabeça” converte o discurso em texto. [...] (ORLANDI, 2001, p. 112)

Reafirmada em Orlandi (2004, p. 54):

[...] um texto do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se o considerarmos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).

Nessa perspectiva, conservar e modernizar as bibliotecas e garantir diferentes suportes de leituras são desafios estratégicos para formar sujeitos leitores à altura do nosso tempo.

2.2 ORDENAMENTO LEGAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E MODALIDADES DE BIBLIOTECAS

Pensar uma gestão democrática, compartilhada, participativa no campo da educação faz parte da trajetória profissional de educadores implicados com a luta por uma escola pública e socialmente referenciada.

Tal processo nos proporcionou compreender que o deslocamento de uma política de governo para uma política de Estado requer legislação e legitimação no Poder Executivo. Um desafio de universalização como direito, precisa ser compreendido num movimento que inclui o papel do legislativo e do executivo como entes federativos.

Assim, o ordenamento legal e as políticas públicas que se ocupam da temática biblioteca convive com o paradoxo de tempos de abundância de textos escritos e imagéticos ao lado do baixo índice de leitura.

Nessa perspectiva, iniciaremos tratando da legislação em vigor nos âmbitos federal, estadual e municipal. Em seguida, discutiremos a dimensão executiva e gestão das bibliotecas.

2.2.1 Ordenamento em questão

No que se refere à legislação, já é evidente a natureza e a abrangência da biblioteca como direito em construção. De acordo com a Lei de Nº 12.244 que regulamenta a biblioteca escolar e determina a contratação de um bibliotecário nas escolas brasileiras, sancionada em 24 de maio de 2010, o Brasil precisa construir cerca de 64 mil bibliotecas até 2020, com o

objetivo de cumprir a meta de universalizar esses espaços, senão, observe-se:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei. **Art. 2º** Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura. **Parágrafo único.** Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. (BRASIL, 2010, p.).

No entanto, o mais importante é afirmar o caminho que facilite a participação da comunidade escolar como sujeito de direito, garantindo que a gestão seja democrática e participativa.

Já no artigo terceiro, a articulação entre o sistema de ensino e a universalização da biblioteca é visível:

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis n^{os} 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998. (BRASIL, 2010, p. 18)

Assim, reconhecer o conjunto ordenamento legal (Leis, decretos, diretrizes entre outros) requer discutir os nexos entre legislação e sua materialidade no âmbito dos governos. Desse modo, a biblioteca se constitui em uma importante dimensão da gestão escolar no que diz respeito ao ordenamento legal, ao tempo em que se insere como políticas públicas de natureza social e de relevância literária, cultural e educacional.

Para tanto, importa reconhecer as iniciativas históricas para garantir a biblioteca como direito substantivo. Discutir os decretos e leis e sua efetividade, como o Decreto Presidencial 520, de 13 de maio de 1992 que institui junto ao Ministério da Cultura o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. (Redação dada em vigência pelo Decreto nº 8.297, de 2014) (BRASIL, 2014). Tal decreto visa “proporcionar à população, bibliotecas públicas racionalmente estruturadas, de modo a favorecer a formação do hábito de leitura e estimular a comunidade ao acompanhamento do desenvolvimento sociocultural do país”. (BRASIL, 2014, p.2).

A existência de leis que obriguem as escolas a terem, do ponto de vista estrutural, elevadores, rampas, pisos não escorregadios, banheiros adequados e espaços adequados para a circulação de cadeiras de rodas ainda estão muito longe de se transformar em realidade. É necessário, portanto, que as bibliotecas escolares desenvolvam projetos que estimulem a leitura em diferentes suportes, afirmando-se como equipamento acessível e atraente nos marcos de uma educação crítica e contemporânea. E, para tanto, importa atualizar a legislação temática sobre biblioteca e comprometer os governos com a gestão das bibliotecas como responsabilidade institucional suprapartidária, dever do Estado e direito de todos.

2.2.2 Biblioteca escolar e Poder Executivo

A biblioteca escolar, por se diferenciar dos outros espaços educativos, tem como objetivo, segundo Bezerra, “promover uma interação entre o aluno, professor e bibliotecário, vinculada a uma variada gama de informações, operando como um laboratório de autoaprendizagem”. (BEZERRA, 2008, p. 5) Pode-se também considerá-la como espaço de trocas de experiências e tempo de manusear materiais bibliográficos.

Atualmente, a ideia de espaço-tempo deixou de existir em quatro paredes. Não cabe mais pensar que o sujeito só aprende dentro de uma sala de aula e só lê dentro de uma biblioteca. A leitura cabe em todos os ambientes dentro e fora dela. As possibilidades de leitura permeiam a nossa criatividade e nos levam a inseri-la como prática diária.

A Avaliação de Bibliotecas Escolares no Brasil, documento relatório produzido no âmbito do MEC, serve como referência e não como modelo. Sua base denota preocupação importante. Dele destacamos (BRASIL, 2011, p. 7), um trecho (do relatório) que apresenta, de forma sistematizada, as leituras realizadas no âmbito do projeto em questão:

Bibliotecas escolares, com qualquer nome que tenham, são uma realidade nas escolas brasileiras, ainda que estejam longe de cumprir o papel que lhes caberia para emancipar, autonomizar e encantar os leitores em formação, que a escola acolhe a cada dia mais. Conhecê-las é parte indispensável para propor políticas de acesso a suportes e materiais que guardam a memória e a vida de todos os homens e mulheres, um tempo, sua história, a ciência e o mundo.

Tal relatório registra “a escolha para compor, para fins de subsidiar políticas de formação de leitores que envolvem necessariamente bibliotecas escolares, uma síntese, destacando as principais questões” (BRASIL, 2011, p. 35). A proposta é oferecer “o conjunto de relatórios por estado e de dados tratados, além de outros materiais, como complemento e detalhamento indispensável para fazer falar a realidade” (BRASIL, 2011, p. 36.). São escritas que reforçam a luta de gerações por uma biblioteca dinâmica e vivas.

De acordo com o Sistema Nacional das Bibliotecas Públicas (SNBP), acessado em 30/01/2017, em consonância com o que advoga a Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (IFLA) a ideia de que as Bibliotecas Públicas têm por objetivo:

Atender por meio do seu acervo e de seus serviços os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Atende a todos os públicos, bebês, crianças, jovens, adultos, pessoas da melhor idade e pessoas com deficiência e segue os preceitos estabelecidos no Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas. (BRASIL, 2017, p.43)

Vale ressaltar que a IFLA, que tem surgimento no início da década de 70 na Holanda, é um importante organismo internacional e que busca representar parte da luta da biblioteca e serviços de informação e seus usuários e pouco a pouco vem ganhando representatividade junto à profissão de bibliotecários e sistematizando informações temáticas de relevo.

Ainda de acordo com o SNBP, o tipo de biblioteca é determinado pelas “funções e serviços que oferece, pela comunidade que atende, e pelo seu vínculo institucional” (BRASIL, ano, p. 2). A lei que fundamenta a sua criação toma como base a sua justificativa. Para dar visibilidade a uma tipologia, foi sistematizado em um quadro seus tipos e características.

Quadro 01 – Tipos de Bibliotecas no Brasil - SNBP, (2017, p.04.).

TIPOS DE BIBLIOTECAS	CARACTERÍSTICAS
	Tem por objetivo atender por meio do seu acervo e de seus serviços os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada,

Públicas (temáticas, infantil, especial)	colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Atende à população de diferentes faixas etárias e diferentes deficiências conforme prevê o Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas. É considerada equipamento cultural e, portanto, está no âmbito das políticas públicas do Ministério da Cultura (MinC). É criada e mantida pelo Estado (vínculo municipal, estadual ou federal).
Comunitária	Surge como um espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro. É criada e mantida pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado.
Pontos de Leitura	São espaços de incentivo à leitura e acesso ao livro, criados em comunidades, fábricas, hospitais, presídios e instituições em geral. Em sua maioria, foram criados com o apoio do Programa Mais Cultura ⁴ . Serve de estímulo à criação de bibliotecas comunitárias nas comunidades.
Escolar	Atende aos interesses de leitura e informação da sua comunidade e trabalha em consonância com o projeto pedagógico da escola na qual está inserida. Atende, prioritariamente, alunos, professores, funcionários da unidade de ensino, podendo, também, ampliar sua ação para atender os familiares de alunos e a comunidade moradora do entorno. Está localizada dentro de uma unidade de ensino pré-escolar, fundamental e/ou médio. Segue os preceitos do Manifesto da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar, 2000 e, no Brasil, a Lei no. 12.244, 2010 dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país.
Universitária	Tem por objetivo apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seu acervo e dos seus serviços. Atende alunos, professores, pesquisadores e comunidade acadêmica em geral. É vinculada a uma unidade de ensino superior, podendo ser uma instituição pública ou privada. A Biblioteca Universitária dá continuidade ao trabalho iniciado pela Biblioteca Escolar.
Especializada	Voltada a um campo específico do conhecimento. Seu acervo e seus serviços atendem às necessidades de informação e pesquisa de usuários interessados em uma ou mais áreas específicas do conhecimento. É vinculada a uma instituição pública ou privada, podendo também se caracterizar

⁴ **Programa Mais Cultura** - consiste em uma iniciativa interministerial, firmada entre os Ministérios da Cultura (MinC) e da Educação (MEC), com a finalidade de fomentar ações que promovam o encontro entre o projeto pedagógico de escolas públicas contempladas com os Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador e experiências culturais em curso nas comunidades locais e nos múltiplos territórios. (Manual de Desenvolvimento das Atividades, 2014, p.03)

	como uma biblioteca universitária, quando vinculada a uma unidade de ensino superior voltada a um campo específico do conhecimento.
Centro Referência	Biblioteca especializada que atua com o foco no acesso, disseminação, produção e utilização da informação para um determinado público. Também denominada como Centro de Informação e Referência. Muitas delas não possuem acervo próprio e trabalham exclusivamente com a referência de documentos sobre determinado assunto.
Nacional	Tem por função reunir e preservar toda a produção bibliográfica do país. Em cada país existe uma Biblioteca Nacional. Toda produção bibliográfica do país deve ser enviada para a Biblioteca Nacional, isto é garantido pela lei de Depósito Legal ⁵ . No Brasil, a Biblioteca Nacional está sediada no Rio de Janeiro.

O modo tradicional de frequentar uma biblioteca vem, no decorrer do tempo, passando por transformações a olhos vistos. Para um segmento da população que tem acesso a um computador conectado à internet, esse processo vem se tornando cada vez mais rápido e simples. Para além do entrar e sair da biblioteca, vale registrar a influência da cultura digital nos modos de produção, difusão do conhecimento e práticas de leituras.

Para melhor entender a discussão sobre cultura digital, devemos levar em consideração o “imperativo categórico” nos modos contemporâneos de produção que anunciou (LÉVY, 1999, p. 127), bem como o sentido e força do fazer em Rede que articula comunicação, informação, ideias e experiência de que fala Bonilla (2009). Para a pesquisadora, a Rede é concebida como “fluxo, conexão, articulação, ou seja, em torno da infraestrutura material, forma-se um espaço de comunicação, que permite articular indivíduos, instituições, comunidades”. (BONILLA, 2009, p. 24).

Os argumentos postos buscam refletir acerca dos nexos possíveis com as bibliotecas digitais. Para tanto, trago Silva, Sá e Furtado (2001, p. 1) que,

⁵ Depósito Legal - é definido pelo envio de um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, por qualquer meio ou processo, segundo as Leis N. 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010. Tem como objetivo assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional. Nele estão inclusas obras de natureza bibliográfica e musical. (Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura, 2017, p.01).

em seu artigo, *Bibliotecas digitais: do conceito às práticas*”, consideram Vannevar Bush⁶ o precursor dessa inovação. Tal reconhecimento decorreu da sua iniciativa histórica com o registro da informação e armazenamento da produção do conhecimento. Para as autoras, foi ele quem previu, em 1945, o futuro dos repositórios de informação e apresentou o Memex. Sua criação constituiu-se em:

[...] um dispositivo em que o indivíduo armazenará seus livros, seus registros, suas anotações, suas comunicações. O dispositivo será mecanizado de modo a poder ser consultado com extrema velocidade e flexibilidade. (BUSH, 1945, apud Silva, Sá e Furtado, 2001, p. 1).

Após inúmeros desenvolvimentos tecnológicos em especial devido à criação da fibra ótica e todos os seus artefatos laterais, chegamos, na década de 1980, a uma extraordinária expansão da cultura digital potencializada pela *internet*.

A partir daí, as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas ganharam novas perspectivas, rompendo com a linearidade, alargando a rede e permitindo novas conectividades.

Neste cenário virtual, outros tipos de bibliotecas configuram-se, transformando definitivamente as práticas de leitura e repercutindo na produção e socialização do conhecimento.

Assim, são pertinentes os estudos de Silva, Sá e Furtado (2001), quando afirmam que “diversas terminologias vêm sendo empregadas para defini-las, sendo biblioteca virtual e biblioteca digital as mais recorrentes”. (SILVA, SÁ e FURTADO, 2001, p. 2) No entanto, importa reconhecer outras investigações que tomam a biblioteca virtual como objeto de estudos. Aqui, destacamos Rosetto (2002), Dias (2001) e Alvarenga (2001).

Para Rosetto (2002, p. 87), biblioteca digital é

Aquela que contempla documentos gerados ou transpostos para o ambiente digital (eletrônico), um serviço de informação, em todo tipo de formato no qual todos os recursos são disponíveis na forma de processamento eletrônico (aquisição, armazenagem, preservação, recuperação e acesso através de tecnologias digitais)”.

⁶Vannevar Bush foi um engenheiro estadunidense, inventor e político, conhecido pelo seu papel no desenvolvimento da bomba atômica. Foi também o precursor da world wide web. (Biografias e curiosidades, 2015, p.1)

Ainda nessa perspectiva conceitual, trago Dias (2001, p. 35) que reconhece biblioteca digital como a expressão que, no contexto digital, seria “um conjunto de artefatos, conhecimentos, práticas e uma comunidade, que engendra compromissos realísticos assumidos por profissionais da informação, analistas de sistemas e usuários”.

Já Alvarenga, (2001, p.24), considera a biblioteca digital

Como um conjunto de objetos digitais construídos a partir do uso de instrumentos eletrônicos, concebidos com o objetivo de registrar e comunicar pensamentos, ideias, imagens e sons disponíveis a um contingente ilimitado de pessoas, dispersas onde quer que a plataforma alcance. [...] A forma e o meio através dos quais os documentos passaram a ser produzidos e registrados: um meio mais leve, ágil e dinâmico em suas possibilidades de processamento e comunicação.

Segundo Portilho e Pinto (2012) as bibliotecas virtuais são marcadas por terem: “[...] conteúdo mais dirigido, de notório saber, pois geralmente estão ligadas a instituições de relevância acadêmica, científica e literária” (PORTILHO; PINTO, 2012, p. 35). Cabe reconhecer que os acervos virtuais brasileiros cumprem papel importante diante da carência de bibliotecas em inúmeras cidades do Brasil.

Ainda sobre o assunto, leiamos o que escrevem Portilho e Pinto:

Essas bibliotecas ‘sem paredes’ são um grande aliado para a educação e, principalmente, um importante canal para que todos tenham o acesso à informação. Em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, essa democratização já é uma realidade e seus maiores acervos estão na rede prontos para auxiliar nas pesquisas. No Brasil, ela ainda esbarra em muitas dificuldades. A digitalização é um processo caro e a maioria dos acervos do país não possui recursos para isso. Além disso, nem toda família brasileira tem um computador, muito menos acesso à *internet*. (PORTILHO e PINTO, 2012, p. 36)

Continuando, sob a lente da cultura digital, é relevante destacar a simultaneidade e a celeridade, a partir de 2012, com a chegada dos *smarthphones* bem como as redes e micro-redes de troca de informações e resignificação das práticas de leituras.

Em consonância com os dizeres das autoras, uma pesquisa realizada no Instituto Pró-livro⁷ (IPL) em sua 4ª edição, através da Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em 2016, revelou que 70% dos entrevistados nunca ouviram falar em livros digitais.

É o caso do Portal Domínio Público, do Ministério da Educação, que disponibiliza gratuitamente quase 200 mil arquivos distribuídos em diversos tipos de mídias: textos, sons, imagens e vídeos. Entre eles, está a obra completa de Machado de Assis. A biblioteca digital Brasileira, da Universidade de São Paulo, está disponível na rede desde 2005 e tem inclusive obras raras. "Parte do seu acervo, ainda em processo de digitalização, foi doada pela família do falecido empresário José Mindlin. Como bibliófilo, Mindlin adquiriu obras raríssimas como a primeira edição de O Guarani, de José de Alencar", lembra Rodrigo Ugá, mestre em Literatura e Crítica Literária e professor da rede estadual de ensino de São Paulo. (PORTILHO e PINTO, 2012, p. 37)

No que pesem as diversas formas de organização das bibliotecas, a formação de profissionais para atuar nesse segmento permanece precária. Parte dessa situação decorre do diminuto número de centros de formação em biblioteconomia conforme dados levantados no Sistema do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CFB/CRB). Na Bahia, apenas a Universidade Federal da Bahia (UFBA) oferece a formação na área.

Ao lado do esvaziamento na formação específica, vale ressaltar o tímido crescimento de bibliotecas públicas no Brasil na esteira das políticas culturais nacionais do Ministério da Cultura (MinC).

De acordo com os dados do SNBP (2015), o Brasil conta com 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal. O quadro contém informações sobre bibliotecas públicas por região.

Quadro 02 - Quantidade de bibliotecas por região

REGIÃO	QUANTIDADE
Norte	503
Nordeste	1.847

⁷ Instituto Pró-livro (IPL) é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

Centro oeste	501
Sudeste	1.958
Sul	1.293

Fonte: SNBP, 2015.

Ao analisar o site do SNBP, é possível visualizar o mapa das bibliotecas públicas cadastradas a partir do nome do município, nome da biblioteca, vínculo, endereço, bairro, telefone e *e-mail*. Também é possível observar os dados referentes às bibliotecas públicas por estado e, no caso do estado da Bahia, por exemplo, vale sublinhar o registro de cerca de 442 bibliotecas públicas. Esse processo é permanente e novas bibliotecas através do endereço eletrônico <http://bibliotecas.cultura.gov.br> estão sendo cadastradas.

Ao contrário do que prevê a legislação, a pesquisa realizada pelo Portal QEDU⁸ da Fundação Lemann a pedido da Agência Brasil com base nos dados do Censo Escolar/MEC/INEP de 2014, no limite do prazo estabelecido, aponta que 53% das 120 mil escolas públicas do país não têm bibliotecas ou sala de leitura. Este levantamento anual, realizado nas escolas do país, demonstra grande disparidade regional na oferta de bibliotecas, conforme o quadro abaixo que segue.

Quadro 03 - Percentual de bibliotecas por região no Brasil

REGIÃO	PERCENTUAL
Nordeste	30%
Norte	26%
Sul	77%
Sudeste	71%
Centro oeste	63%

Fonte: Portal QEDU da Fundação Lemann, 2014.

⁸ O **QEDu** é um portal aberto e gratuito, com todas as informações públicas sobre a qualidade do aprendizado em cada escola, município e estado do Brasil. Ele oferece dados da Prova Brasil, do Censo Escolar, do Ideb e do Enem.

Quadro 04 - Índice de bibliotecas escolares por unidades federativas

REGIÃO	PERCENTUAL
Maranhão	15,1%
Acre	20,4%
Distrito Federal	90,9%
Rio Grande do Sul	83,7%
Rio de Janeiro	79,4%
Amazonas	91,31%
Bahia	58,8%

Fonte: Portal QEDU da Fundação Lemann, 2014.

Os quadros 03 e 04 revelam ainda uma disparidade intra-regional, resultante de uma política de valorização de uma determinada região em detrimento de outras, ficando, assim, evidente a desigualdade na política de financiamento e suas consequências na distribuição de possibilidades formativas bem como dos equipamentos culturais.

Os números revelam o abismo regional com percentuais distributivos desproporcionais no Brasil com marcas continentais e instiga estudos interessados em eleger a biblioteca como caminho fundante na formação dos sujeitos escolares.

2.2.3 Objetivos e desafios sistêmicos

De acordo com a pesquisa ao arquivo, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas deve atuar em consonância com os princípios federativos para fortalecer os respectivos sistemas dos estados, do Distrito Federal e dos municípios a partir dos objetivos gerais em destaque.

I - Incentivar a implantação de serviços bibliotecários em todo o território nacional; II - Promover a melhoria do funcionamento da atual rede de bibliotecas, para que atuem como centros de ação cultural e educacional permanentes; III - Desenvolver atividades de treinamento e qualificação de recursos humanos, para o funcionamento adequado das bibliotecas brasileiras; IV - Manter atualizado o cadastramento de todas as bibliotecas brasileiras; V - Incentivar a criação de bibliotecas em

municípios desprovidos de bibliotecas públicas;⁹ VI - Proporcionar, obedecida a legislação vigente, a criação e atualização de acervos, mediante repasse de recursos financeiros aos sistemas estaduais e municipais; VII - Favorecer a ação dos coordenadores dos sistemas estaduais e municipais, para que atuem como agentes culturais, em favor do livro e de uma política de leitura no país; VIII - Assessorar tecnicamente as bibliotecas e coordenadorias dos sistemas estaduais e municipais, bem assim fornecer material informativo e orientador de suas atividades; IX - Firmar convênios com entidades culturais, visando à promoção de livros e de bibliotecas. (BRASIL, ano, p. 12)

Sobre o Plano Nacional de livro e leitura (PNLL), através do Decreto 7.559 de 1º de setembro de 2011, coordenado em conjunto pelos Ministérios da Cultura e da Educação, que por sua vez também está vinculado ao regime de cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, consiste em desenvolver estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no país e conta, em seus objetivos:

- I. A democratização do acesso ao livro;
- II. A formação de mediadores para o incentivo à leitura;
- III. A valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico;
- IV. O desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2011, p. 12).

Observa-se também neste decreto que o conjunto das ações, programas e projetos do PNLL intentam criar as condições de acessibilidade e viabilizar a inclusão de pessoas com deficiência.

Outro passo de relevo buscou instituir a partir da Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003 uma Política Nacional do Livro cujas diretrizes, pontuam-se:

- I - Assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
- II - O livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;
- III - Fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
- IV - Estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros, tanto de obras científicas como culturais;

⁹ Retratos da Leitura no Brasil: é a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento e hábitos do leitor do brasileiro.

- V - Promover e incentivar o hábito da leitura;
 - VI - Propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial
 - VII - Competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
 - VIII - Apoiar a livre circulação do livro no País;
 - IX - Capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda;
 - X - Instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro;
 - XI - Propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
 - XII - Assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura.
- (BRASIL, 2003, p. 23)

Outra legislação importante foi a Lei 12.224 de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a universalização das Bibliotecas Escolares estipulando como obrigatória sua instalação e manutenção em cada unidade de ensino no Brasil, toma proporções desafiadoras uma vez que fica evidente o número de escolas sem bibliotecas.

Portanto, para entender que a biblioteca tem a importante função de difundir a informação e ampliar o acesso à cultura, em conformidade com a legislação em vigor e ações do Poder Executivo com vistas a promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura de jovens e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. O programa divide-se em três ações: a) PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônicas, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; b) o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e c) PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

Ainda de acordo com o MEC, a apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os sujeitos leitores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo, na avaliação e distribuição de obras de literatura, tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores, material de leitura variado para promover, tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimento, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores.

O grande desafio dessas bibliotecas, independente do seu tipo consiste em construir, organizar, manter e atualizar os documentos que dispõem para que os mesmos possam ser consultados pelos usuários de acordo com as necessidades que possuem.

Ao lado da legislação discutida e das políticas públicas mencionadas, é digno de nota os nexos com os documentos internacionais que buscam afirmar a biblioteca como locus privilegiado de produção de conhecimento. Desse modo, importa compreender as implicações e necessário dialogo com o fazer internacional das bibliotecas.

O Manifesto de Caracas, escrito de 25 a 29 de outubro de 1985, dispõe sobre a biblioteca pública como fator de desenvolvimento e instrumento de mudança na América Latina e Caribe, e resultou de atividade proposta pela UNESCO.

A reunião que contou com a presença de representantes de 30 países da América Latina e Caribe, incluindo o Brasil, teve como objetivo promover estratégias para o desenvolvimento das Bibliotecas Públicas: “Manifesto Movimento por um Brasil Literário: Tem a intenção de concorrer para fazer do País uma sociedade leitora, reconhecendo como princípio o direito de todos de participarem da produção também literária”. (UNESCO, 1985, p. 35)

De acordo com o INSTITUTO C&A (2009), o referido manifesto aconteceu por meio de um grupo de instituições e pessoas envolvidas com a leitura literária no país. Tal ato representou o primeiro passo de um conjunto de ações voltadas a acolher propostas e engajar o maior número de pessoas em torno da causa da promoção da leitura. Cerca de 200 pessoas assistiram ao lançamento do manifesto, e a maioria aderiu à proposta de imediato, por meio de assinatura. No mesmo dia, os responsáveis pela iniciativa lançaram o *site*

sobre o tema com o objetivo de incentivar o movimento, colher mais adesões, veicular notícias sobre leitura e literatura, além de realizar fóruns.

Manifesto UNESCO: Preparado em cooperação com a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e aprovado pela UNESCO em Novembro de 1994. Traz diversos princípios para o desenvolvimento das bibliotecas públicas. (UNESCO, 1994, p. 24)

Desse modo, as articulações institucionais e movimentos internacionais em defesa do livro e da biblioteca ganham Manifestos e Cartas de natureza multilateral e cultural.

Tais entendimento e manifestações reconhecem a biblioteca pública como importante porta de acesso ao conhecimento e fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, com vista a tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

Nesse bojo, o Manifesto, criado em 1994, proclama a confiança que a UNESCO deposita na Biblioteca Pública, como força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos sujeitos implicados com a produção do conhecimento. Assim, a UNESCO encoraja as autoridades nacionais e locais a apoiar ativamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Portaria nº 33, de 17 de abril de 2014: Estabelece regras e critérios para a formalização de instrumentos de transferência voluntária de recursos para apoio à realização de atividades culturais e de projetos de infraestrutura, no âmbito do Ministério da Cultura. (UNESCO, 2014)

Um exemplo é a Diretoria de Bibliotecas Públicas (DIBIP), mediante gerenciamento operacional do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas da Bahia, cuja finalidade é promover e garantir o acesso livre e democrático e de modo gratuito à informação, com vista ao estímulo à leitura e à produção do conhecimento como desafio da cidadania.

A biblioteca, como porta de acesso ao conhecimento e formação do sujeito, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

Quanto ao financiamento, legislação e redes, os serviços da biblioteca escolar estão subordinados às políticas públicas e as gestões escolares. Assim, biblioteca escolar é da responsabilidade compartilhada dos gestores escolares e deve ser objeto de um programa de leitura inserida no Projeto Político Pedagógico da Instituição Escolar. Precisa ser um componente essencial de qualquer estratégia do binômio educação e cultura.

Com o objetivo de assegurar a coordenação e cooperação das bibliotecas escolares, a legislação e os planos estratégicos devem ainda definir e promover uma rede nacional de bibliotecas escolares, baseada em padrões de serviço previamente acordados.

Ao criar uma expectativa em torno do funcionamento de uma biblioteca pública escolar, espera-se que ela deva ser formulada por uma política clara, com objetivos, prioridades e serviços, relacionados com as necessidades da comunidade local. Nesta perspectiva é que reafirmamos a biblioteca escolar como movimento de fácil acesso para todos os membros da comunidade escolar e seu entorno nos projetos não formais.

Segundo Novaes (2014, p. 20), no bojo de tais políticas, fica evidente no cenário educacional:

O princípio de uma gestão democrática do ensino no país, sobretudo por expressar uma tendência a dotar a descentralização e estimular a participação e a autonomia nas instituições públicas de ensino. Nesse cenário, a implementação de novas políticas educacionais voltadas para a gestão escolar gerou e vem gerando alguns dilemas e tensões que atuam em diferentes níveis da administração. Dilemas esses, associados à incorporação de rápidas mudanças e inovações concernentes à concepção e execução da gestão educacional.

No que se referem à gestão das bibliotecas escolares, tais políticas passaram a requerer novos conhecimentos e competências para executá-las, assim como a demandar amplo envolvimento da sociedade nos assuntos relacionados à gestão. No âmbito dessa pesquisa, a configuração desse cenário proporciona diversas perspectivas de estudos e amplia as possibilidades de investigação em razão da multiplicidade de fenômenos que o envolvem. No presente texto importa fortalecer a bibliotecas como experiência dinâmica e de relevo formativo e em sintonia com o que propõe a campanha nacional “Eu quero minha biblioteca” que, segundo o *síte* com o mesmo nome, busca compartilhar informações com gestores públicos e sociedade civil pela universalização de bibliotecas em escolas.

Esta campanha entende-se que deva ser tratada como prioridade nacional face à Lei 12.224/10, sancionada em março de 2010, que garante o direito inalienável a todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, a terem bibliotecas, conforme prazo estabelecido, até o ano de 2020.

Figura 3 - Campanha Eu quero minha biblioteca



Fonte: Eu quero minha biblioteca, 2012.

Nesta perspectiva, importa dialogar, estudar e propor sínteses capazes de contribuir no processo de valorização das práticas de leitura e das bibliotecas escolares. Um desafio permanente e fonte de conhecimento. Aquele que Drummond nos diz: “Tudo que sei é ela que me ensina. O que saberei, o que não saberei nunca, está na Biblioteca em verde murmúrio de flauta-percalina eternamente”.

Assim, importa tomar a biblioteca como fenômeno cultural e criar as condições para renovar nas juventudes o gosto pela biblioteca. Uma biblioteca viva, em movimento e que deixe de ser uma política pública de governo e passe a ser de Estado.

3. PRÁTICAS DE LEITURA E CULTURA DIGITAL

O debate em torno das práticas de leitura e suas implicações com a cultura digital foi o principal objetivo do capítulo. São abordadas as experiências de práticas de leitura e cultura digital no cotidiano da biblioteca escolar, levando em consideração a dimensão pedagógica.

No primeiro momento, focamos a história da leitura na atualidade e a constituição da legitimidade desta como uma prática cultural simbólica e, no segundo momento, dialogamos com os flagrantes das observações referentes as práticas de leitura de estudantes, a fim de identificar o fazer cotidiano no tocante à prática leitora desde a leitura de livros impressos à de livros digitais.

Pensar sobre o problema da leitura na atualidade é um exercício, um desafio que nos conduz a caminhar pela história.

3.1 BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE LEITURA E CULTURA DIGITAL

Atualmente a leitura no contexto escolar vem sendo amplamente discutida. Diante da necessidade do desenvolvimento dessa competência, e das constatações em nossas escolas públicas de Educação Básica, faz necessário discutir o perfil de leitor que a escola precisa formar.

Direcionar um olhar e escuta sobre a escola significa, segundo Teves (1995, p. 12), “deixá-la falar e procurar entendê-la mediante uma multiplicidade de discursos, cujos efeitos de sentido vão nos revelando o que foi ocultado”.

A ideia aqui exposta está longe de usar palavras para denunciar os problemas da escola: “seu esvaziamento, anunciar a sua morte, fazer acusações e apontar responsáveis pela sua deterioração”, mas de realizar um estudo do cotidiano que nos “revela sua importância onde o transitório se mostra persistente, na intimidade das redes de poder que se constituem em fina e sutil malha, envolvendo a todos”. (ELZIRIK; COMERLATO, 1995, p.17). Entender a escola como experiência histórica e que se atualiza com leituras e releituras políticas e literárias.

Nesse sentido, o território escola se constitui como um espaço pedagógico dinâmico que acolhe diferentes experiências em torno da leitura textual e imagética e inexoravelmente atravessada pelas práticas cotidianas.

A vida cotidiana é a vida de todo homem, de toda mulher. Segundo Heller (1970, p. 17), ela é vivida sem nenhuma exceção, seja qual for o seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ainda sobre a vida cotidiana, a autora afirma:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade.

O dizer da autora nos faz refletir sobre a cotidianidade desse sujeito leitor que é ativo, fluido e receptivo, embora não disponha de tempo para se implicar inteiramente em nenhum desses aspectos, daí não poder desenvolvê-los em toda a sua intensidade.

Já para De Certeau (1996, p. 38), cotidiano “é tudo aquilo que nos é dado a cada dia ou nos cabe em partilha, pois o evidenciamos nas relações intersociais”. Sendo assim, pode-se compreendê-lo como um conjunto de acontecimentos que darão sentido à nossa vida.

Pensar a escola implica em pensar sua gestão e seu fazer pedagógico cotidianamente. Tal questão decorre do entendimento de que escola é um espaço-tempo no qual todos os cidadãos são obrigados a frequentar e pode ser gerido de modos diferentes. Um *lócus* social que envolve comunidade, estruturas e procedimentos organizacionais. São experiências que podem ser autoritárias e tecnocráticas ou centradas em princípios participativos e democráticos.

Para entender a instituição escolar e sua conseqüente complexidade, é cada dia mais debatida, na sociedade, a importância da formação de gestores em sintonia com os tempos de (in)certezas que vivemos na escola. Para responder aos desafios de uma instituição escolar democrática é necessário compreender o que os autores Oliveira, Moraes e Dourado (2010,

p. 55) defendem como princípios para garantir uma educação pública democrática e socialmente referenciada e que considera cada ambiente escolar como espaço favorável à participação coletiva.

A este respeito, Luck (2000) afirma que, diante da complexidade da educação, ficamos frente a um fenômeno que vai além da escola. Ela destaca o papel da sociedade, mesmo que ela não tenha consciência disso, de acompanhar de perto o que está acontecendo na escola. Tal perspectiva pode ser reconhecida na cidade e na reflexão teórica acerca da biblioteca, das distintas práticas de leituras em tempo de culturas digitais.

Figura 4 – Borrachaloteca



Fonte: <http://sousabara.com.br/> 2017

De acordo com o *site* a Borrachaloteca foi criada em 2002, no interior de uma borracharia no bairro Caieira, em Sabará/MG¹⁰. O seu acervo possui mais de dez mil obras literárias. Trata-se de um ponto de cultura e faz parte do Programa Prazer em Ler do Instituto C&A¹¹. O referido projeto é uma demonstração da combinação de boas idéias com trabalho voluntário. Ou seja, o que era apenas um local de troca de pneus, transformou-se em um espaço para a descoberta do prazer pela leitura.

O texto imagético reforça a ideia da possibilidade de se criar vínculos de leitura em diferentes ambientes sociais, tomando como princípio a democratização da leitura.

¹⁰ Sabará é um município do estado de Minas Gerais, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Sua população em 2016 era de 135 196 habitantes, segundo estimativas do IBGE.

¹¹ Programa Prazer em Ler: integra a política de responsabilidade social da empresa C&A que por sua vez concebeu, planejou e executou o programa com a finalidade de promover a leitura no Brasil. (<http://www.institutocea.org.br/>),

Vale destacar que nesse momento da história, em que a percepção do tempo é confusa e a enorme quantidade de informações assusta, o livro perdeu um certo espaço na vida cotidiana; basta observar a frequência das bibliotecas públicas, universitárias, escolares em detrimento das bibliotecas virtuais. De acordo com a concepção de Benjamin (1993) *aqui-agora*, fundamental, foi preterido em prol de um *lá-então* que permite uma maior e mais rápida circulação de informações.

Diante do reconhecimento e da importância da biblioteca como um *lócus* de mediação cultural, Martins e Picosque (2012) destacam a necessidade de promover diálogos entre os sujeitos, criando canais de comunicação que permitam estimular sensações, sentidos e sentimentos para a construção permanente de conhecimento em torno da leitura.

Desse modo, é *mister* entender o papel pedagógico da biblioteca no desenvolvimento da capacidade leitora dos jovens estudantes a partir da reconfiguração de espaços já existentes, com vista a alargar o olhar cultural do estudante bem como nos debates e trocas de experiência com a comunidade interna e externa.

Neste contexto, considero que as bibliotecas são ambientes produtores de sentidos que permitem o acesso à informação através da leitura dos eventos culturais e do contato com as artes de um modo geral.

Diante desta perspectiva, é possível dizer que o estudo aqui proposto, gira em torno da biblioteca escolar em rede, como *lócus* de produção de sentido, tomando como referência as políticas educacionais, notadamente as políticas de bibliotecas.

Buscando capturar os flagrantes do cotidiano e entender o enunciado geral do presente texto dissertativo que articula biblioteca e escola em revista, lançamos mão de diferentes gêneros textuais como fotografias, tiras e charges para melhor retratar o dia a dia das bibliotecas escolares e suas práticas de leitura.

Figura 5 – Flagrante do cotidiano das bibliotecas escolares



Fonte: Site sobre Bibliotecas. Acessada em 18 de março de 2017

Para Lubisco (2011), no seu livro sobre Biblioteca Universitária, são dignos de nota os desafios propostos pela autora para planejar e gestar a biblioteca. Ela reconhece as fragilidades na reestruturação de bibliotecas e, em pesquisa sobre o tema, demarca a importância das mesmas.

Paz (1991, p. 12) adverte que “nossa sociedade é a primeira que tenta viver sem uma doutrina além da histórica.” Assim, o autor chama atenção para o fato de que a grande revolução técnica e tecnológica das últimas décadas “vem criando gerações tecnicamente habilíssimas, mas absolutamente individualistas e com uma redução significativa no talento para a reflexão e para a linguagem” (PAZ, 1991, p. 12).

O desenvolvimento da prática de leitura deve ser compreendido como um processo que atravessa todas as áreas de conhecimento. Se tomarmos o glossário **ceale** como referência, vamos reconhecer que o uso pedagógico da expressão *práticas de leitura*, surge no Brasil e pode ser estudado a partir de duas tradições de investigativas acerca da leitura.

Primeiramente, origina-se de estudos históricos e sociológicos, sobretudo franceses, que se difundiram no País a partir de meados da década de 1990. Nesse caso, a expressão procura designar a situação da leitura em sua concretude, englobando o conjunto de elementos que concorrem para a criação dessa situação, sempre tomada como histórica e, por isso, diversificada e mutável. São estudos que se interessam, considerando um momento dado e grupos sociais determinados, por saber quem lê o quê, quando, onde, por que motivos, de que modos, com que intensidade. Essas investigações se interessam, ainda, por apreender como determinados processos – sejam de natureza técnica, sejam de natureza social mais ampla – interferem na ampliação do público leitor, nos modos de ler, nas maneiras de atribuir sentido, na própria organização da página, do impresso, de seus suportes.

A segunda perspectiva tem origem em grande medida anglo-saxônica e ficou amplamente denominada de estudos sobre o letramento.

Nesse caso, trata-se do conceito de “práticas de letramento” – das quais as de leitura seriam parte. Uma prática de letramento tem natureza abstrata e pode ser compreendida sempre a partir de um “evento de letramento”. Este tem natureza concreta e designa uma situação em que a escrita é parte estruturante da interação, seja diretamente, na forma de texto escrito, seja indiretamente, por influenciar a fala (como, por exemplo, em conferências, jornais de rádio e TV, exposições didáticas, sermões religiosos). Se o evento de letramento designa a situação concreta, as práticas de letramento e, por extensão as de leitura, designam algo que pode ser apreendido a partir de um conjunto de eventos: os significados que os agentes atribuem ao letramento, o modo como este se vincula a processos sociais mais gerais, bem como a relações de poder e dominação e padrões culturais mais amplos que organizam os usos da leitura e da escrita.

Atualmente a expressão *práticas de leitura* conta com distintas caracterizações:

[...] criação de situações reais de leitura em sala de aula, bem como à [...] busca de apreensão e negociação dos significados que os aprendizes atribuem à leitura em geral, bem como à leitura de diferentes gêneros. Em se tratando da criação de situações reais de leitura, a noção pedagógica de *práticas de leitura* retoma, ainda que de forma ampliada, a de “usos sociais da língua escrita” ou de “usos sociais da leitura”. Ela busca recriar, no interior da escola, as *práticas de leitura* que ocorrem em outras esferas do mundo social e não apenas fazer atividades para aprender a ler.

Vale ressaltar que o desafio, para um conjunto de pesquisadores que toma tal perspectiva, o desafio é “fazer aprender a ler ao mesmo tempo em que se faz o aluno participar da cultura escrita, interagindo com textos reais, com propósitos efetivos e em busca da construção de sentidos.” Assim nos associamos ao desafio da dupla dimensão de *práticas de leitura* e escrita como estratégia educativa para atrair o estudante e fortalecer o processo de ensino e aprendizagem.

Ou seja, o desenvolvimento das habilidades de leitura não deve estar centrado apenas no estudo da Língua Portuguesa. Historicamente, a escola tem negligenciado uma das principais funções da leitura que é a de além de obter informações, construir conhecimentos para fortalecer de forma crítica, a produção da escrita.

A partir de estudos em diferentes pesquisas de autores como os de Orlandi (2001), Lajolo (1993), Muniz (1994), Beltrão (2003;2005), busca-se explicar a diversidade na/da leitura e lançar, também, um olhar reflexivo sobre a importância da escrita, destacando-se como um compromisso de profissionais das mais variadas áreas do ensino.

Tira de Rechin & Wilder (2012, p. 01) nos ajuda a refletir sobre a relevância das bibliotecárias na mediação das leituras e das coordenações pedagógicas no estímulo qualificado de leituras.

Figura 6 - Flagrante do cotidiano das bibliotecas



Fonte: Site ebibliotecas.com.br.

Beltrão (2003), ao coordenar o Projeto Educando pela via da Literatura, em seus encontros nas reuniões de Departamentos de Língua Portuguesa para/com as professoras do Ensino Fundamental e Ensino Médio no Colégio São Paulo, afirma que “todo texto é composto de certezas e incertezas” e que “o escritor nos oferece informações precisas, concretas sobre o tema que está desenvolvendo, mas esses dados nunca estão completos” (BELTRÃO, 2013) e que a partir dos espaços em branco, o leitor seguirá os enigmas para serem preenchidos. Argumenta que com a leitura, as lacunas podem ir sendo preenchidas com o objetivo de aperfeiçoar o texto, a partir das experiências e da individualidade de quem lê. A autora afirma ainda que “o leitor é também criador, pois recebe a obra inacabada e dá a ela a feição que melhor serve para ele e que não é a única, uma vez que cada leitor faz isso a seu modo” (BELTRÃO, 2013, p. 34).

Ao tentar conceituar o que é leitura, trago Lajolo (1993, p.109) quando discute, sobretudo, a prática de leitura na escola analisando os seus pressupostos e equívocos. A autora faz uma relação entre o livro, a ciência e

arte numa interessante demonstração que “a leitura situa-se na confluência do sério e lúdico; fruição e aprendizado”. Portanto, “a leitura depende tanto do conhecimento de mundo do leitor, quanto da capacidade do escritor de seduzi-lo”. Ainda sobre leitura, Lajolo (1993, p.59) argumenta que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Portanto, lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Quanto mais abrangente for a concepção de mundo, mais intensamente se farão leituras do mesmo. A leitura transforma sua visão de mundo, a partir do olhar do autor e das viagens possíveis de se fazer através da leitura.

Dentre as iniciativas no campo da leitura em Salvador, destaco no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING) da Faculdade de Educação da UFBA, o projeto “Salvador Lê¹²: Observatório de Leitura”¹³ cujo objetivo é pesquisar o cenário da leitura nas escolas de Ensino Fundamental em Salvador. (GELING, 2010).

Na perspectiva da difusão do livro como um desafio, trago Gramacho (2013, p. 79) quando afirma que “a cultura livresca tem levado a inúmeras ações governamentais que buscam dirimir esse distanciamento entre o livro e o aluno-leitor”. Ou seja, instituir uma política de formação de leitores, segundo a autora, “é condição básica para que o poder público possa atuar sobre a democratização das fontes de informação sobre o fomento à leitura e a formação de professores e alunos-leitores”. (GRAMACHO, 2013, p. 79). Os argumentos da autora reforçam a necessidade da democratização da biblioteca

¹² Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING): compartilha atividades de pesquisa relacionadas à linguagem e educação, tomando a questão da constituição do sujeito leitor e atividade pedagógica enquanto práxis que enfatiza campos diversos, tais como alfabetização e letramento, produção oral e escrita, educação linguística de crianças, jovens e adultos e metodologias de ensino de língua(s). (GELING/FACED, 2010)

¹³ “Salvador Lê: Observatório de Leitura”: Projeto desenvolvido pelo GELING, vinculado à Faculdade de Educação da UFBA, e que se dedica a pesquisar o cenário da leitura nas escolas de Ensino Fundamental em Salvador e a produzir conhecimentos neste campo, através da interação com a realidade concreta da escola, da análise do acervo de livros ofertados pelos programas governamentais e da interação com os educadores e suas práticas.

das possibilidades de práticas de leitura como desafio de alcançar uma parcela restrita da população.

Assim, reafirmamos as práticas de leitura como dimensão que a cultura oferece, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade.

A escrita em foco é parte da minha experiência enquanto professora de Língua Portuguesa Brasileira, implicada com o movimento da leitura e atenta aos desafios que essa prática nos conduz no ambiente escolar.

Nos dizeres de Bourdieu (1996, p. 237), “a leitura é uma prática cultural ensinada na escola e que, ao mesmo tempo, é um lugar que mutila todo o processo criativo no ato de ler.” Porém, Chartier (1990, p. 240) afirma que “as experiências positivas, no que pese as leituras, são experimentadas nos ambientes fora da escola e há muita dificuldade em compartilhar essas vivências em detrimento do já estabelecido pela escola do que é clássico, do erudito e reconhecido.

Em diálogo com Muniz (2007, p.168), “essa perspectiva dialoga com a concepção de leitura quando o sentido emerge do texto, cabendo ao leitor resgatá-lo”. Para a autora, “a leitura constitui-se em produto da relação singular entre texto e leitor e dá ao ato de ler uma dimensão ao mesmo tempo múltipla, pelas possibilidades que apresenta, e pessoal, pelo que realiza”. (MUNIZ, 2007, p. 168)

Ressignificar a biblioteca e dar-lhe sentido mais amplo requer inscrevê-la como parte da ciência da informação. É concebê-la como direito social que pode proporcionar lazer, prazer e aquisição de conhecimentos, enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e de significado à vida e ao mundo (MOURA; PAIVA, 2014). A ideia é contribuir para que as ações voltadas para a linguagem literária no espaço de nossa biblioteca apontem para a formação de leitores, para o seu desenvolvimento sócio-educacional.

É neste ambiente da biblioteca pública escolar que pretendo discutir a leitura como cultura. Cabe sublinhar um dos principais aspectos do pensamento de Chartier (2004, p. 2) que estabelece duas possibilidades para a compreensão do ato de ler: “a apropriação ligada às práticas de leitura e a historicidade propondo a variabilidade dessas práticas segundo o tempo e seu contexto histórico”.

O livro, ainda para Chartier, (2004) “está suscetível a uma multiplicidade de usos” e no seu capítulo relativo a leitura e suas práticas urbanas do impresso, pontua:

Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes. Durante muito tempo, uma necessária sociologia da desigual distribuição do livro mascarou essa pluralidade de usos e fez esquecer que o impresso, sempre, é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido. A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas -, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade. (CHARTIER, 2014, p. 173).

O autor abre uma perspectiva de reconhecer as modalidades diversas do processo de armazenamento do saber nos livros e sua interação entre as identidades dos leitores e a arte de ler.

Atualmente, as bibliotecas passam por grandes desafios em tempos de tecnologias digitais móveis e *internet* cada vez mais rápida e acessível, embora essas tecnologias não sejam para todos. Lubisco (2015), em palestra, fala desses desafios contemporâneos quando destaca a questão da inclusão no acesso à internet e considera que a brecha digital reflete o tempo social que vivemos.

Por estarmos num mundo imersos por novidades tecnológicas é que trago Pretto (2011, p 105), quando ele afirma que “as tecnologias digitais estão mudando radicalmente a sociedade e a educação”. Nessa perspectiva, a implicação da biblioteca e seus diferentes modos de busca e acesso a títulos passam pelos artefatos digitais.

Uma questão a ser considerada é a presença dos dispositivos tecnológicos como *smartphones/celulares*, a filmadora, o cinema, o computador/*internet*, e outros aparatos tecnológicos presentes no cotidiano escolar que exercem o papel de formação desses sujeitos no processo de construção da leitura. Segundo Moran (1995), eles passam, a todo instante, informações, modelos de comportamento, o uso de linguagens coloquiais e privilegiam alguns valores em detrimento de outros, impactando nos modos contemporâneos de leitura e utilização de recursos tecnológicos nas escolas públicas, cabendo refletir sobre os dispositivos tecnológicos e suas implicações

com as práticas de leitura em tempos de extraordinário exercício da cultura digital.

4. TRILHAS METODÓLOGICAS: ENTRE DILEMAS E SENTIDOS

A condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o conhecimento, de todo o ensino.
Edgar Morin

Ao iniciar um projeto de pesquisa na área de Ciências Humanas, faz-se necessário apresentar alguns componentes necessários na elaboração e programação da mesma.

Segundo Toledo e Vieira (2011, p.21), a necessidade do rigor científico para o bom encaminhamento da pesquisa acadêmica requer, por parte do pesquisador, “um método adequado para a elaboração teórica e prática de um projeto que possibilite a execução das diversas etapas que uma pesquisa comporta”.

Para garantir a organização e o comprometimento da pesquisa dessas etapas, foi fundamental indicar, além do conhecimento básico prévio do assunto a ser pesquisado, a delimitação do problema, a justificativa da pesquisa, o objetivo, os métodos utilizados e os cronogramas, dentre outros elementos. Ao conceituar método, Cunha, 1997, p. 517, afirma:

Método é o caminho que se percorre na busca de conhecimento. Etimologicamente, é uma palavra que vem do latim tardio *methodus* e do grego *méthodus* e significa ‘via, caminho’; ordem que se segue na investigação de uma verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um fim determinado.

Para Rodrigues (2007, p. 23), a metodologia científica cumpre importante papel na organização do trabalho acadêmico e se caracteriza como “[...] um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática”. Para isso, torna-se necessário que cada objetivo descrito esteja em sintonia com os métodos e técnicas correspondentes.

Consoante com tais reflexões, traçamos o percurso seguinte: iniciamos o texto com uma reflexão sobre a pesquisa em educação, em seguida, discutiremos o desenho geral do estudo, os procedimentos de acesso à informação e respectiva análise para, ao final, apresentarmos as sínteses e o fio condutor do estudo com a descrição do processo e do produto.

Vale destacar que as influências políticas, econômicas e sociais estarão presentes em todo o percurso da pesquisa, uma vez que, segundo Toledo e Vieira (2011, p. 28), “a mesma é o resultado da soma entre influências pessoais, imediatas, objetivas com interferências sociais, mediatas e subjetivas”.

Tal proposição tem caráter transversal e ampliado, assumindo sua marca de pesquisa qualitativa do tipo descritivo que, segundo Gil (2008, p.), “serve para descrever as características de determinados fenômenos”. O autor também destaca uma de suas peculiaridades que é “a utilização de técnicas padronizadas de produção de informações, tais como observação sistemática”.

Na esteira do contexto geral e específico e consoante com o objeto de estudo é que a ênfase da presente pesquisa aponta para biblioteca escolar e toma o caso de uma escola estadual como desafio investigativo.

4.1 DIÁLOGO COM A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

No que pese aos procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais, para Gatti (2003, p. 1) o “método é ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa, na maneira como olhamos as coisas do mundo”. Em seguida, a autora complementa:

As questões de método estão imbricadas com as questões de conteúdos das próprias ciências, das características de seu campo de preocupação e das formas valorativas e atitudinais com que se abordam essas preocupações. (GATTI, 2003, p. 10)

Na educação, que tem interfaces com inúmeras áreas, o método vai sendo construído juntamente com a pesquisa. O método, segundo a autora, nasce do embate das ideias, perspectivas e teorias com a prática. Não há método sem teoria. Uma referência teórica e seus respectivos procedimentos de pesquisa são determinantes no modo de transitar pelo levantamento de dados e como interpretá-los. Nas palavras de Gatti (2003, p. 12), “o método é a vivência do próprio pesquisador com o pesquisado”.

As características do ato de pesquisar se constroem socialmente, sendo que, em ciência, o que se busca são aproximações da verdade, historicamente construídas e, por isso, provisórias da realidade em que vivemos. E o que propicia a vitalidade metodológica é a cultura especializada e a sobrevivência do espírito crítico que afasta os dogmas e acompanha o desenrolar das histórias.

Ao buscar rigor e qualidade na pesquisa, André (2001, p. 57) afirma ainda que, apesar de tantas questões significativas, deve-se cuidar “da sistematização e controle de dados; que seja devidamente planejado, que os dados sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados”.

Sobre a pesquisa qualitativa, valho-me inicialmente dos estudos de Flick (2009), Chizzotti (2015) e Gil (2002) para refletir as abordagens, os critérios e as estratégias metodológicas.

Para Flick (2009), é importante considerar, na abordagem, a relevância que as questões de qualidade na pesquisa adquirem. A partir dos estudos de Chizzotti, (2015, p. 28), é possível afirmar que o desafio central na pesquisa qualitativa, localiza-se na capacidade de extrair os significados quando destaca:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa para extrair deste convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma tensão sensível.

Para construir os nexos da pesquisa, Chizzotti (2015, p. 28) afirma que a opção pela pesquisa qualitativa decorre da amplitude que essa perspectiva ganhou. Tal afirmação pode encontrar legitimidade em seus estudos:

A pesquisa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo e adotando multimétodos de investigação para um estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. (CHIZZOTTI, 2015, p. 28)

Ainda sobre pesquisa qualitativa, são pertinentes as palavras de Gil (2002, p. 41) quando classifica de modo consoante como objetivo geral, diferentes tipos de pesquisa. Para efeito deste trabalho, adotei a pesquisa exploratória coadunando com o autor quando afirma que “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. No bojo desse percurso exploratório, cabe ressaltar que a experiência foi marcada pela flexibilidade de modo que “possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

Ao considerarmos a pesquisa qualitativa como descritiva, a escrita assume um lugar de destaque nesse tipo de abordagem, uma vez que o pesquisador é o sujeito mais confiável de observação, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção quanto na disseminação dos resultados. Nesse sentido, a opção pela abordagem qualitativa se faz após a definição do problema e do estabelecimento dos objetivos da pesquisa do tema em questão.

4.2 DESENHO INVESTIGATIVO

Pensar o processo e o produto em um mestrado profissional requer entender sua característica e ordenamentos legais. Segundo a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), de acordo com a Portaria Normativa de nº17, de 28 de dezembro de 2009, o Mestrado Profissional é uma modalidade de pós-graduação *stricto sensu* voltada para a capacitação de profissionais nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos ou temáticas que atendam a alguma demanda do mundo de trabalho.

Tendo em vista que o presente Programa de Mestrado Profissional em Educação considera como relevante a possibilidade de uma síntese capaz de contribuir de maneira significativa para dar consequência ao estudo realizado, é que a presente pesquisa Aplicada assume um papel de destaque, uma vez que os conhecimentos adquiridos devem ser utilizados para contribuir na superação do problema em estudo e no nosso estudo, as limitações postas no cotidiano da biblioteca escolar.

Nessa perspectiva, acompanhamos Appolinário (2004, p. 45) quando salienta que as pesquisas aplicadas têm como objetivo solucionar as necessidades de forma concreta e em um curto período de tempo, sempre observando atender às necessidades do campo empírico no qual nasceu o problema de pesquisa.

Nesta perspectiva, trago também Gatti (2007, p. 18), quando estabelece diferenças entre pesquisa acadêmica e pesquisa aplicada ou “engajada”:

A pesquisa acadêmica tem a teoria como ponto de partida e de chegada. A problematização é construída com base na teoria ou em referentes teóricos e visa evidenciar realidades a partir de uma perspectiva teórica dada: validar teorias, criar novo ramo explicativo, levantar lacunas na teoria, propor outra ótica explicativa. A pesquisa “engajada” tem a realidade empírica como ponto de partida e de chegada. A problematização tem origem em impasses educacionais concretos e visa evidenciar fatos específicos, pela compreensão de situações localizadas, buscando soluções e propondo alternativas.

Seguindo essa discussão, a autora avalia que ambas exigem metodologia apropriada, modalidades e meios de investigação cuidadosos. Contudo, refere que as pesquisas no campo educacional devem também voltar-se para as necessidades do próprio campo e não somente para as necessidades da área de conhecimento *stricto sensu*.

Conforme Vilaça (2010) e Appolinário (2004), as pesquisas aplicadas dependem de levantamento de informações de variadas fontes e podem ser realizadas por diferentes procedimentos. O conjunto das informações como entrevistas, gravações em áudio, registro de imagens, diário de campo, análise de documentos, entre outros, são possibilidades que podem potencializar investigações qualitativas.

Os referidos autores consideram que a estruturação de um trabalho acadêmico deve levar em consideração a fundamentação teórica, seguida de procedimentos metodológicos, análise e discussão produzidos, para, na sequência, propor um produto e/ou uma intervenção no campo empírico.

Os dizeres de Vilaça (2010, p. 66) ganham pertinência ao fazer referências a diferentes autores, para representar os objetivos a serem alcançados com a pesquisa aplicada, como:

Buscar respostas e resoluções para os problemas, formular teorias, testar teorias, produzir conhecimentos, caracterizar um contexto ou uma população, mensurar fenômenos, identificar probabilidades,

observar e descrever comportamentos, explorar um aspecto pouco conhecido, determinar condições de fenômenos e estabelecer classificações.(VILAÇA, 2010, p. 66).

Nos dizeres de Barros e Lehfeld (2000, p. 78), a pesquisa aplicada “tem como motivação a necessidade de produzir conhecimento para aplicação de seus resultados, com o objetivo de contribuir para fins práticos, visando à solução”.

Vale destacar, também, as contribuições de Gatti (2014) em sua apresentação no I Fórum de Mestrados Profissionais em Educação (I FOMPE) sobre o que seria a pesquisa ou o trabalho final de conclusão do curso do Mestrado Profissional. Ao definir que os mestrados profissionais em educação estão voltados para a prática profissional dos educadores, Gatti (2014, p. 123) argumenta que “a pesquisa deve ter como foco as dinâmicas relacionais de trabalho nas organizações educacionais e seus consequentes resultados, deve também mobilizar conhecimentos que permitam melhor qualificação do trabalho”.

O Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vinculado ao Departamento de Educação (DEDC), Campus I, Salvador-BA foi, segundo Hetkowski e Dantas (2016, p. 93), “o segundo programa *stricto sensu* do Brasil, constituído como mestrado profissional na área de Educação” e tem como finalidade:

A produção de conhecimentos, a atualização permanente dos avanços da ciência e das tecnologias, a capacitação e o aperfeiçoamento de profissionais na área da gestão educacional e processos tecnológicos, bem como o desenvolvimento da pesquisa aplicada e a inovação tecnológica no campo da educação. (HETKOWSKI e DANTAS, 2016, p. 93)

De acordo com os dizeres das autoras, o curso “é um espaço acadêmico-científico propositivo à construção e ao aprofundamento das relações entre universidade e educação básica”. (HETKOWSKI e DANTAS, 2016, p.34). O Plano Nacional em Pós-Graduação 2011-2020 leva em consideração a educação básica como um novo desafio. (BRASIL, 2010)

Cevallos e Passos (2012, p. 807) destacam que “o Mestrado Profissional pode criar oportunidades de reflexão sobre suas práticas e compartilhamentos”

das experiências vividas, “perspectivando a construção e consolidação de uma postura criativa e integradora para a atividade educativa”.

Ao visitar o ponto de vista de vários teóricos sobre Mestrado Profissional e Pesquisa Aplicada, importa destacar a compreensão em torno dessa modalidade de pesquisa que nos ajudará a entender os diferentes aspectos ligados à realização da pesquisa na prática.

4.3 PROCEDIMENTOS, INTERLOCUÇÕES E ACESSO À INFORMAÇÃO

O desenvolvimento da pesquisa levou em consideração os estudos de Lüdke e André (1986). Para as autoras, o pesquisador deve estar em contato com o contexto e com a situação a ser investigada, atento ao que o campo empírico lhe apresenta.

Além disso, o pesquisador deve fazer a análise social do objeto pré-construído a partir da análise das pré-noções de Bourdieu (2002). Ou seja, descrever e analisar as informações, objetivando compreender suas inquietações e as demandas emergentes nas entrelinhas. Dos procedimentos indicados pelo autor, Matos e Sampaio (2013, p. 124) destacam:

A necessidade de inscrever o problema a ser pesquisado num dado campo. Ou seja, falar do objeto a partir de uma posição relacional, procurando fazer visíveis os jogos de força que ali estão operando, de tal sorte que se configure claramente a posição desse objeto nesse campo de disputas e sua condição de dominado ou dominante.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que é importante construir um problema de pesquisa socialmente implicado e que conduza “seu objeto de estudo a um conjunto de confrontações”. (MATOS E SAMPAIO, 2013, p. 124) Essas confrontações devem levar em consideração a análise das pré-noções, mas também do “[...] *habitus* e do campo que configuram o objeto de estudo tal qual o vemos e denominamos”. (MATOS E SAMPAIO, 2013, p.123). Nas palavras das autoras,

O procedimento proposto por Bourdieu (2002) é denominado de princípio da inversão metodológica e enfatiza a necessária tensão entre teoria e experiência para dar à prática da pesquisa sociológica condição de uma ciência rigorosa.

Assim, o fio condutor da pesquisa deve levar em consideração o objeto e objetivos da pesquisa, referenciais teóricos substantivos e adotar procedimentos metodológicos capazes de responder ao problema central da investigação.

Em diálogo com os autores, o presente estudo reconhece três procedimentos de acesso à informação que foram fundamentais na pesquisa, a saber: levantamento documental, visitas acadêmicas a bibliotecas públicas e escolares, observação sistemática com registro escrito e imagético.

4.3.1 Levantamento documental

No caso da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, o acesso a documentos consiste numa técnica decisiva para a pesquisa, de modo a lastrear o trabalho de investigação, uma vez que é realizada a partir de documentos atuais ou antigos considerados cientificamente relevantes.

O levantamento documental, segundo Ludke e André (1986, p. 89), “constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Para Toledo e Gonzaga (2011, p. 102), a pesquisa documental “é todo registro feito de forma intencional ou não, de fatos, dados e interpretação sobre aspectos da história humana, de indivíduos ou de grupos, institucional ou livre”. Para ele, “os documentos indicam os acontecimentos, mas revelam também as intenções e interpretações daqueles que elaboram os registros”. Portanto, tudo que o ser humano diz, escreve ou faz deve ter registros sobre ele.

Os documentos utilizados na pesquisa, foram oriundos do Poder Legislativo e Executivo. No âmbito do Poder Legislativo, discutimos as leis nacionais, estaduais e municipais em vigor sobre biblioteca. Já no cenário do Poder Executivo, levantaremos as políticas públicas (programas, projetos e ações) relativas às bibliotecas escolares, com ênfase nas diretrizes dos Projetos Político-pedagógicos das escolas públicas municipais observadas.

Para aprofundar os passos metodológicos da investigação em foco, procederemos a análise do levantamento documental em diferentes esferas públicas. Inicialmente, recolheremos dados junto ao sistema nacional de

biblioteca (Ministério da Educação) e ao sistema estadual (Secretaria de Educação), buscando acessar os seus respectivos bancos de dados.

Ao considerarmos que a seleção de fontes é um passo significativo da pesquisa, após o recorte temático e a formulação de problemas, iniciamos uma busca por fontes de informações relativas ao tema da pesquisa.

Levando em consideração que não existe um livro de receitas para a análise de fontes, mas existem concepções de leitura favoráveis a análises documentais, a ideia é apresentar uma possibilidade de análise dessas fontes, como produtos históricos e não estabelecer uma verdade incontestável. Nesse sentido, vale destacar que, embora o passado seja um dado que não se possa modificar, seu conhecimento está em constante construção.

4.3.2 Visita acadêmica às bibliotecas públicas: itinerância por Salvador, Feira de Santana e Caetité

A itinerância vivida no caminhar da pesquisa constitui-se em uma experiência rica e qualitativa para alargar nosso entendimento sobre as contradições do universo diverso das bibliotecas.

As visitas observacionais foram de curta duração com vistas a aprofundar o objeto de estudo, visou atender as demandas afloradas no decorrer da investigação e aos passos de aproximação com o campo empírico. Esses estão expressos em Quadros que apresentam o curso das visitas acadêmicas às bibliotecas, cujo intento visou conhecer e reconhecer a situação de algumas bibliotecas públicas e escolares de Salvador, Feira de Santana e Caetité.

Com o intento de estabelecer um percurso exploratório sobre o tema, o quadro 5, registramos as bibliotecas públicas que foram visitadas. No quadro 6, figuram as bibliotecas escolares também visitadas.

Após a apresentação dos quadros, inicio uma descrição aqui denominada de visita acadêmica, para a qual reúno informações sobre as características de cada biblioteca, seu corpo técnico administrativo, seus usuários e seus projetos de leitura, bem como sua história e localização na cidade. Para tanto, adotei o seguinte roteiro: diálogo com a direção institucional; diálogo com a bibliotecária ou técnica responsável pela biblioteca; observação do espaço e equipamento e questionamento acerca da biblioteca e suas práticas de leitura.

Quadro 05 – Visitas acadêmicas a bibliotecas públicas

BIBLIOTECAS	DATA VISITA	LOCALIZAÇÃO	ATIVIDADES
Do Estado da Bahia/Central	Maio/2017	Barris/Salvador	Visita acadêmica
Anísio Teixeira/IAT	Maio/2017	Paralela/Salvador	
Infantil Monteiro Lobato	Maio/2017	Nazaré/Salvador	
Municipal Arnould Ferreira da Silva	Julho/2017	Centro/Caetité	
Juracy Magalhães	Julho/2017	Centro/Caetité	
Municipal Thales de Azevedo	Maio/2017	Costa Azul/Salvador	
Casa Anísio Teixeira	Outubro/2017		

Fonte: Autora, 2017.

Para a eleição das visitas às bibliotecas em Feira de Santana, Salvador e Caetité, foram levados em consideração dois critérios: a importância histórica e a implicação afetiva.

A escolha da biblioteca pública em Feira de Santana decorreu da minha vivência na condição de estudante da Educação Básica e do meu despertar para a leitura.

Quanto às bibliotecas públicas e escolares em Salvador, o fiz também motivada pelas referências históricas de brasileiros que, a exemplo de Anísio Teixeira, deram significativas contribuições para pensar a educação no Brasil.

Por fim, ao selecionar a biblioteca pública e escolar do município de Caetité, busquei valorizar as contribuições de Anísio Teixeira ao desenvolvimento cultural brasileiro com os olhos sempre voltados para o futuro, deixando, assim, a sua marca como referência histórica.

Outra motivação para a escolha da visita acadêmica à biblioteca pública de Caetité se deu por conta da seleção do Projeto Bibliotecas na Bahia: leitura e arte em movimento, através do Edital 007/2017¹⁴.

Trata-se da produção de um vídeo documentário sobre as bibliotecas na Bahia, tomando como referência a Fundação Anísio Teixeira em Caetité.

¹⁴ Edital: 007/2017 - Conforme aviso nº 009/2017, publicado no D.O.E. de 24/01/2017 Visou apoiar financeiramente a divulgação e disseminação da produção extensionista de natureza científica e/ou tecnológica, esportiva, artística ou cultural, bem como de caráter político-acadêmico, a serem realizadas, pelos discentes dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB.

A seguir, apresento a itinerância das visitas às bibliotecas acompanhada de um breve relato:

a) Biblioteca Central do Estado da Bahia

A Biblioteca Central do Estado da Bahia, também conhecida como “Biblioteca Central dos Barris”, é um espaço que fica localizado no Centro da cidade Salvador, no bairro dos Barris. Por ser pública, ela está integrada ao Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, subordinada à Fundação Pedro Calmon/Secretaria de Cultura do Estado (FPC/SecultBA).

Esta biblioteca foi inaugurada no dia 13 de maio de 1811 e funcionava na Catedral Basílica no Terreiro de Jesus. A partir daí, em razão da crise política que se instalou no país e de um incêndio, ela sofreu sérios danos em seu acervo, percorrendo, assim, uma trajetória de mudanças até chegar à sede atual.

Por ser a primeira biblioteca do Brasil e da América do Sul e a maior do estado da Bahia, a BPEB também é conhecida por conter o maior acervo da América Latina. Possui duas salas de cinema: Walter da Silveira e Alexandre Robato; a galeria Pierre Verger, o Teatro Espaço Xisto Bahia, biblioteca infantil, a Diretoria de Imagem e Som da Bahia, um acervo de mais de 600 mil jornais.

Além das seções comuns a todas as bibliotecas, deve-se destacar a existência dos setores de obras raras e valiosas. Temos também o espaço Braille, reservado para os deficientes visuais; o espaço de audiovisual e mapoteca que apresenta um arquivo de mapas. Atualmente, é possível consultar e reservar o acervo da biblioteca pela *internet*.

Durante a visita acadêmica à Biblioteca Pública da Bahia (Central), foi possível observar o movimento dos sujeitos leitores: estudantes de escolas públicas e particulares do Ensino Fundamental e Médio; estudantes universitários, pesquisadores, escritores e trabalhadores do comércio local no ambiente, dialogar com a bibliotecária sobre os desafios ali colocados e tomar ciência da programação vigente no mês de maio. Foi observado também que a sala multimídia é o espaço mais procurado pela juventude. As salas dos periódicos estavam completamente vazias e carentes de títulos atualizados

com o espaço visivelmente deteriorado e necessitando de melhorias em seus equipamentos. A visita acadêmica foi realizada no dia 31 de maio de 2017.

Figura 7- Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Salvador/BA)



Fonte: Autora, 2017.

Ainda de acordo com o *site* ao lado das observações *in loco*, essa biblioteca conta com o “Projeto Primavera para todos”, criado em 2009, e é realizado anualmente no mês setembro para celebrar a chegada da primavera e celebrar a luta da pessoa com deficiência. Tal projeto tem como objetivo “contemplar ações de acessibilidade, com a finalidade de estabelecer um diálogo com a sociedade para humanização e atenção às pessoas com deficiência”. (2011, p. 1).

Outro projeto é a “Mulher em cena” que realiza uma série de atividades voltadas para a valorização do gênero feminino, como sarau de poesias, lançamento de livros, palestras, filmes seguidos de debates.

O site da BPEB apresenta o Projeto Lavagem da Biblioteca Central que é realizado também neste espaço como forma de celebrar o Dia Nacional da Cultura e o aniversário de inauguração da sua sede atual. A ideia é comemorar o Dia Nacional da Cultura “como uma grandiosa ação cultural, nos moldes que mais identificam a nossas raízes”. (BPEB, 2011, p. 1). Um dos objetivos “é ratificar a baianidade desta Instituição e fazer reverberar o seu

comprometimento para com a sociedade por ser um equipamento plural, democrático, inclusivo e popular”. (BPEB, 2011, p. 2).

b) Biblioteca Anísio Teixeira

Outra visita acadêmica realizada em 10 de maio de 2017 foi à biblioteca funcional Anísio Teixeira, localizada no Instituto Anísio Teixeira (IAT) no bairro de São Marcos. Durante a visita, tive a oportunidade de dialogar com a bibliotecária efetiva, há quase vinte anos, sobre a existência das práticas de leitura no ambiente em questão. Ela informou que desde 2015 a biblioteca Anísio Teixeira vem sofrendo com a crise econômica em que se abateu o país. A bibliotecária ressaltou que o espaço vive de doações, não conta com acervos atualizados em virtude do corte de verbas. A bibliotecária conta com a parceria de outros profissionais como professores para desenvolver os projetos vigentes no ano letivo, envolvendo os professores e estudantes das escolas públicas.

Figura 8 - Biblioteca Anísio Teixeira – IAT (Salvador-BA)



Fonte: Autora, 2017.

Vale destacar que essa biblioteca, vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia está a serviço apenas dos professores da rede. Quando o professor solicita o espaço para realizar uma determinada atividade de leitura,

o agendamento é feito. Logisticamente falando, apenas os estudantes do Colégio Aplicação frequentam o espaço, sob a orientação de algum professor; sozinhos eles não têm autorização para entrar, pois a equipe de profissionais que atua na biblioteca não aprova a ideia dos alunos usarem o computador para jogar.

c) Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

Com o objetivo de celebrar a trajetória do homem que criou o universo mágico do Sítio do Pica-Pau Amarelo, povoando a imaginação de pequenos e grandes leitores, relembro aqui os personagens que ficarão para sempre na memória. Impossível esquecer as travessuras da boneca Emília, da sapiência do Visconde de Sabugosa, das aventuras de Pedrinho e Narizinho, da generosidade de Tia Anastácia e Dona Benta. Nesse cenário, trago a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato para o cenário de mais uma visita acadêmica.

De acordo com o *site* da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, Lobato nasceu em 1882 e faleceu em 1948.

Criou a Editora Monteiro Lobato e mais tarde a Companhia Editora Nacional. Foi o primeiro autor de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil e são destacadas pelo caráter nacionalista e social.

A visita acadêmica à Biblioteca Monteiro Lobato, situada na Praça Conselheiro Almeida Couto, S/N, Nazaré, Salvador/BA, aconteceu no dia 31 de maio de 2017. Durante a realização dessa atividade, pude observar a dinâmica desse espaço de leitura e as estruturas em pleno funcionamento. Fui recepcionada pela secretária e autorizada a percorrer o ambiente.

Figura 9 – Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato (Salvador-BA)



Fonte: Autora, 2017.

d) Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva

Segundo o *site* oficial da Prefeitura de Feira de Santana, a primeira Biblioteca Municipal da cidade foi fundada no dia 16 de janeiro de 1890, mas somente em 26 de abril de 1966 o equipamento foi inaugurado em um espaço amplo no centro da cidade.

Atualmente, é uma das mais importantes bibliotecas escolares municipais do estado e conta com um acervo de mais de 15 mil livros. Aberta ao público de segunda-feira a sábado, o equipamento registra cerca de 200 visitas diárias. Vale registrar que essa biblioteca também **funcionava** aos domingos e **contava** com um público significativo. No entanto, após consulta interna realizada entre os funcionários, eles descobriram que apenas esse espaço municipal abria aos domingos e, por razão desse motivo, que deveria ser orgulho, um exemplo positivo e de referência dada a frequência do público, a partir de uma reivindicação trabalhista, ficou acertado o fechamento aos domingos para se igualar a todas as outras instituições públicas do município. Essa decisão configura um retrocesso no campo da cultura e do incentivo à prática de leitura em Feira de Santana.

Ao realizar a visita acadêmica nesta biblioteca e, ao mesmo tempo, revisita-la após 30 anos, percebi que mesmo com a presença dos dispositivos eletrônicos no ambiente, o interesse dos usuários em manusear o livro, as revistas e jornais estava assegurado. Fica evidente também que os frequentadores reconhecem a biblioteca como o espaço ideal para a formação de leitores críticos.

No dia da visita, havia um número considerável de estudantes e pesquisadores no local. O ambiente extremamente calmo, limpo e ventilado, proporcionava uma tranquilidade para a prática de leitura e escrita.

Figura 10 - Biblioteca Municipal Arnold Ferreira Silva (Feira de Santana - BA)



Fonte: Autora, 2017

e) *Biblioteca Municipal Thales de Azevedo*

Situada na Rua Adelaide Fernandes da Costa, S/N, Costa Azul, Salvador/BA, a visita acadêmica aconteceu no dia 30 de maio de 2017. Foi recepcionada por uma funcionária, pois a bibliotecária não estava presente. Durante a visita, conheci os equipamentos e projetos ali instalados no ambiente.

Figura 11 - Biblioteca Municipal Thales de Azevedo (Salvador/BA)



Fonte: Autora, 2017.

De acordo com o *site* da Biblioteca, Thales de Azevedo nasceu em 1904 em Salvador e faleceu em 1995. Desenvolveu pesquisas na área de medicina, história social, relações raciais, imigração/aculturação, catolicismo popular, relações estado-igreja, caráter nacional, ideologia, cotidiano, dentre outras.

Durante a visita acadêmica, fui recebida pela secretária da biblioteca. Na oportunidade, tomei conhecimento de que a Biblioteca Pública Thales de Azevedo atende a pessoas de diferentes faixas etárias com acervo de cerca de 20 mil obras literárias, periódicos, favorecendo, assim, o desenvolvimento de pesquisas. Vale ressaltar o funcionamento de um centro de referência da cultura norte-americana, de modo articulado com o consulado dos Estados Unidos.

f) Biblioteca Municipal Anísio Teixeira (Caetitê)

De acordo com o site oficial da Fundação Anísio Teixeira (2009, p.1), a Casa Anísio Teixeira (CAT) está localizada no prédio onde a família e o próprio

Anísio Teixeira morou em Caetité, por ser um patrimônio tombado, é uma entidade cultural vinculada à FAT. Ainda de acordo com o *site*, ela foi inaugurada em fevereiro de 1998 e tem como objetivo “preservar e divulgar o pensamento e a obra do educador, bem como promover o desenvolvimento regional do ponto de vista da Educação e da Cultura”; inspirando-se nos ideais e princípios do educador, que sempre defendeu a “expansão das oportunidades de educação pública, gratuita e de qualidade” em nosso país.

Ao realizar a visita em outubro de 2017, ficou evidente através da presença de estudantes para a realização de leituras, empréstimos de livros, realização de oficinas de arte, aula de música. Um movimento cultural que faz acender e semear possibilidades artísticas e literárias em meio ao crescimento da cidade no caminho da desconstrução da história da cidade.

Ao analisar o site da Casa Anísio Teixeira, percebe-se que algumas páginas propostas para fornecer informações acerca do ambiente, está desativada, o que dificulta para o usuário, obter informações sobre o local.

Figura 12 - Biblioteca Anísio Teixeira/Caetité



Fonte: Autorial, 2017.

Dentre as atividades desenvolvidas para dinamizar a vida cultural da cidade de Caetité e região, segundo o *blog* da Fundação Anísio Teixeira, (2009, p.2), destaque:

Um Centro de Memória que preserva a arquitetura e o mobiliário de época, onde são apresentados hábitos e costumes de uma família dos séculos XIX e XX; uma Biblioteca Pública informatizada e equipada também com uma Biblioteca Móvel que atende a população

da zona rural, buscando despertar o interesse pela leitura; um Cine-Teatro que funciona como Auditório e Sala de Cinema (ambos esses projetos implantados com patrocínio da empresa pública federal INB - Indústrias Nucleares do Brasil, através do Programa FAZCULTURA - Programa Estadual de Incentivo à Cultura do Governo da Bahia); Oficina de Arte-Educação que atua ressaltando a importância da educação ambiental; Núcleo de Contação de Histórias que busca incentivar e formar contadores de histórias, priorizando a literatura infantil nacional e releituras de clássicos incorporados à nossa cultura; Sala de Cultura Digital, instalada em parceria com a INB, equipada com quatro computadores conectados à *internet*, via cabo, e disponibilizados à população, em especial aos usuários da Biblioteca; com a ajuda permanente de um monitor; e um pátio externo para eventos culturais e educativos.

Um dos projetos existentes neste espaço é o Clube do Gibi que, segundo a professora da Educação Básica na cidade de Caetité, Ana Duarte (2017) “consiste em promover, de forma lúdica, a leitura de revista em quadrinhos”. Já a sala de vídeo, segundo a professora, “está localizada na sessão infantil e está programada para acontecer diversas atividades temáticas como filmes, palestras e leituras dirigidas”.

É importante ressaltar a importância da Fundação Pedro Calmon, vinculada à Secretaria de Cultura da Bahia, (SecultBA) que, inspirada no poder transformador da leitura, foi concebida na década de 80. A FPC, assim como o seu patrono, acredita que a leitura pode proporcionar “conhecimento, informação, divertimento e, sobretudo, cidadania. (FPC, 2017)

Vale destacar também que Fundação Pedro Calmon, no bojo das suas competências:

Coordena o sistema de Arquivos e Bibliotecas Públicas do Estado. Atua no recolhimento, organização, preservação e divulgação de acervos documentais de arquivos públicos e privados e no estímulo e promoção de atividades relacionadas às bibliotecas e arquivos, organizando, atualizando e difundindo seus acervos. É também da competência da Fundação Pedro Calmon a assistência técnica a bibliotecas e arquivos municipais, buscando a preservação e estruturação dessas unidades. (2017 p.2)

Portanto, a FPC (2017), de maneira expressiva, contribui para a preservação da história e memória da Bahia através de bibliotecas públicas, localizadas em diferentes bairro e cidades. A Biblioteca Virtual 2 de Julho, A Biblioteca do Arquivo Público do Estado da Bahia, e o Centro de Memória e Memorial dos Governadores e atividades externas como a Feira Mensal de Livros no Campo Grande, são outras possibilidades de incentivo “à constituição

da identidade do baiano e no reconhecimento do Estado como importante elemento na consolidação da nação brasileira”.

4.3.3 Visita acadêmica às bibliotecas escolares

Ao caminhar para a escola com o intento de reconhecer as bibliotecas como espaço de leitura em sintonia com o tempo do leitor, é que visitei as escolas relacionadas no quadro abaixo.

Quadro 06 – Visitas acadêmicas a bibliotecas escolares públicas em Salvador

ESCOLAS DA REDE OFICIAL DE ENSINO	DATA	LOCAL	ATIVIDADES
Colégio Estadual Pedro Calmon	maio/2017	Jardim Armação Salvador	VISITA ACADÊMICA
Colégio Estadual Edivaldo Boaventura	maio/2017	Vale dos Rios Salvador	
Instituto Municipal José Arapiraca	maio/2017	Boca do Rio Salvador	
Escola Municipal Luiza Mahim	maio/2017	Jardim Armação Salvador	
Escola Municipal Visconde de Cairu	junho/2017	Brotas Salvador	

Fonte: Autora, 2017.

As bibliotecas escolares da rede oficial de ensino da Bahia, vinculadas à Secretaria Estadual, foram incluídas nos procedimentos de visita acadêmica levando em consideração o comprometimento desses educadores e políticos que sustentam o nome das escolas em destaque. Ainda que em épocas diversas, esses educadores contribuíram decisivamente para as transformações que as políticas educacionais exigiam. A ideia é valorizar e destacar os educadores e políticos que deram contribuições significativas para a educação na Bahia e no Brasil.

Durante as visitas às bibliotecas escolares, pude observar a inexistência de nomes em algumas bibliotecas. Apenas uma tinha o mesmo nome do colégio e uma apresentava o nome em homenagem à funcionária. Demonstrando assim nem sempre ser comum a nomeação de bibliotecas escolares.

a) Colégio Estadual Pedro Calmon

A visita acadêmica ao Colégio Pedro Calmon aconteceu no dia no dia 1º de junho de 2017. No dia combinado, após agendamento, fui recebida por uma professora que imediatamente me conduziu à biblioteca escolar. Lá eu tive a oportunidade de conhecer a bibliotecária da escola que, apesar de ocupar essa função, também tem formação em Artes Plásticas e Filosofia.

Fiquei encantada com a sua postura neste ambiente de leitura. O espaço é colorido, cheio de cantinhos sugestivos para a realização de alguma atividade temática. Neste dia, em virtude do “Dia dos namorados”, a biblioteca desafiou os estudantes na produção de uma “Árvore do amor”. A bibliotecária produziu a base para as postagens das folhas com as respectivas mensagens e imagens vinculadas ao dia dos namorados e namoradas.

Percebe-se que é um lugar em que os estudantes têm prazer de estar. A presença desses estudantes, segundo a bibliotecária, se dá, independente de projetos vinculados a outros professores. Ela procura estabelecer uma conexão com os estudantes com autonomia, compromisso e responsabilidade. Segundo a bibliotecária, os livros estão catalogados em título e assunto pela Classificação Decimal de Dewey (CDD)¹⁵. Os estudantes usam a carteira para empréstimo. Tem um espaço na biblioteca em que os livros são liberados. Qualquer membro da comunidade escolar pode pegar, levar e devolver sem precisar registrar. É o exercício da confiança e compromisso com a coisa pública.

Ao concluir a visita, ela ficou feliz em saber que há uma pesquisa a caminho em torno das bibliotecas escolares de escolas públicas.

¹⁵Classificação Decimal de Dewey (CDD): foi criada pelo bibliotecário Melvin Dewey, com base na classificação de Harris. Foi a primeira classificação bibliográfica propriamente dita, pois utiliza números arábicos. É a classificação mais utilizada no mundo, editado em várias línguas, mas suas línguas oficiais são o espanhol e o inglês.

Vale registrar a trajetória de Pedro Calmon Muniz de Bittencourt, que nasceu em Amargosa na Bahia em 23 de dezembro de 1902. Ele teve uma posição de destaque no cenário baiano no campo da educação na Bahia. Foi escritor, jurista, professor, historiador e político. Membro da Academia Brasileira de Letras e de várias outras instituições acadêmicas. Estudou em Salvador e ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, em 1920. Em 1922, transferiu-se para o Rio de Janeiro, convidado por seu padrinho, Miguel Calmon, para secretariar a Comissão Promotora dos Congressos do Centenário da Independência. Bacharelou-se em Direito, em 1924, na Universidade do Rio de Janeiro.

Em 1935, elegeu-se deputado federal, pela Bahia. Em 1939, tornou-se catedrático da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil e reitor, de 1949 a 1966. Durante o regime militar, proibiu a entrada da polícia militar na Universidade do Brasil, dizendo: "Aqui, esses beleguins de tropa militar não entram, porque entrar na Universidade só através de vestibular". (Fonte)

Em 1945, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras e foi o delegado brasileiro na Conferência Interacadêmica para o Acordo Ortográfico, em Lisboa. Em 1950, tornou-se ministro da Educação e Saúde no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946 a 1951). Doutor *honoris causa* das Universidades de Coimbra e professor das universidades do México, San Marcos e Quito, e Nova York, entre outras. Em 1968, tornou-se presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ele faleceu em 1985.

Seus textos, livros e ideias são importantes fontes de pesquisa acadêmica e deixam um legado significativo para a educação e cultura brasileira.

Figura 13 - Biblioteca Escolar Pedro Calmon



Fonte: Autora, 2017.

b) Escola Municipal Visconde de Cairu

No dia 02 de junho de 2017, realizei uma visita acadêmica à Escola Municipal Visconde de Cairu, localizada na Rua Frederico Costa, nº 73, Boa Vista de Brotas, em Salvador. Ao chegar ao ambiente escolar, fui recepcionada pela direção. Após a minha apresentação, fui informada pela mesma que a escola não possui biblioteca escolar, nem acervo de livros literários. Ela destacou a existência de uma sala multifuncional que fica à disposição dos professores para a realização de atividades como filmes, seminários e debates em torno de algum tema específico. Falou também da existência de uma estante onde ficam expostos livros para consulta e leitura guiada pelos professores. Em sua fala, ficou evidente que esses livros foram destinados para entregar aos alunos, mas por conta do número reduzido de exemplares, a direção resolveu armazenar na estante.

Figura 14 - Escola Municipal Visconde de Cairu



Fonte: Autora, 2017.

É importante destacar que Visconde de Cairu (1756-1835) foi um político, publicista e jurisconsulto brasileiro. Fundou o jornal "Conciliador do Reino Unido", defendeu os direitos do príncipe e ponderou as vantagens da monarquia continental. Foi Desembargador da Mesa do Paço e da Casa de Rogo, Deputado e Senador. Sua maior preocupação era o progresso do Brasil. Sua influência pesou de modo decisivo na política, proporcionando um grande passo no desenvolvimento do país. (EBIOGRAFIA, 2017).

Ainda de acordo com o e-Biografia (2017), em 1825, recebeu o título de Barão e em 1826, o de Visconde de Cairu. Nesse mesmo ano, torna-se Senador do Império, escolhido por D. Pedro I. Em 1832, se empenhou pelo propósito da criação de uma Universidade no Rio de Janeiro.

c) Colégio Estadual Edivaldo Boaventura

No dia 25 de maio de 2017, foi realizada uma visita acadêmica ao Colégio Estadual Edivaldo Boaventura, localizado na rua Arthur Fraga, Stiep. A

recepção pelo vice-diretor foi calorosa e prontamente forneceu as informações necessárias sobre o funcionamento da biblioteca escolar, possibilitou a visita ao espaço e ainda oficializou convite para um retorno breve.

A biblioteca escolar Lúcia Borges, denominada assim em homenagem a uma antiga funcionária da secretaria, já falecida, que muito se dedicou para a sua instalação, é um espaço pequeno. No momento da visita, estava acontecendo uma atividade do Projeto Mais Educação¹⁶, mas mesmo assim foi autorizada a minha entrada.

A precariedade do ambiente é visível: as prateleiras totalmente reviradas; a presença considerável de livros didáticos novos e velhos espalhados pelas estantes e pelo chão; uma casa de cupim com seus caminhos tortuosos espalhados pela parede.

O gestor informou que os professores do colégio realizam atividades de leitura na biblioteca, em especial os professores de Língua Portuguesa, apesar da precariedade do espaço físico.

Este colégio homenageia o professor Edivaldo Boaventura, educador renomado, fundador da UNEB, na condição de Secretário de Estado da Educação da Bahia. Sua contribuição foi relevante e continua sendo para a reflexão em torno dos desafios que cercam a educação. Dedicou parte significativa do seu tempo para ampliar o acesso ao direito à educação no território baiano. A biografia de Edivaldo Boaventura é marcada pelo compromisso com a escola pública e dedicação as universidades como organizações importantes para sociedade.

¹⁶Projeto Mais Educação: O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, é uma estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva. (Dados da SEC/BA, em 12/05/2017).

Figura 15 - Biblioteca Escolar Lucia Borges



Fonte: Autora, 2017.

d) Instituto Municipal José Arapiraca (IMEJA)

A visita acadêmica ao Instituto José Arapiraca, situado na Rua Aberlado Andrade de Carvalho, 141, Boca do Rio, aconteceu no dia 25 de maio de 2017. Ao chegar, fui recebida pela vice-diretora do instituto. Durante a nossa conversa, recebi a informação de que a Prefeitura de Salvador implantou o Projeto denominado Escolab dentro do Instituto. Para a gestora, os impactos desse projeto dentro do IMEJA resultaram na desocupação de todas as salas do primeiro andar, causando uma compactação e desativação de ambientes seguramente planejados como a biblioteca, o espaço multimídia e o laboratório de informática.

Nessa perspectiva, ao constatar o fechamento da biblioteca escolar e de outros espaços de pesquisa e leitura, a determinação revela uma concepção dispersiva, dificultando ainda mais a busca pelo livro e as práticas de leitura.

Quanto aos projetos de leitura, ela informou que o espaço da biblioteca, antes de ser desativado, era muito frequentado pelos estudantes para a realização de leitura, pesquisa e desenvolvimento de projetos interdisciplinares em parceria com os professores de várias áreas. A partir da desativação, a gestora salientou que as mudanças estão deixando os discentes e docentes revoltados.

e) Escola Municipal Luiza Mahim

Após realizar uma visita acadêmica à Escola Municipal Luiza Mahim, em 10 de maio de 2017, fui informada pela vice-diretora do colégio que a biblioteca escolar fora desativada desde 2015, durante uma reforma. Ela está localizada na Rua General Bráulio Guimarães, Nº 471, Armação, em Salvador-Ba.

A gestora informou também haver um Plano de Ação envolvendo os professores para a implementação da mesma até o final do ano letivo de 2017, mas admite desconhecer debates e medidas nos espaços da gestão escolar municipal em torno da legislação que discute a obrigatoriedade de implementação de bibliotecas até 2020.

De acordo com Fundação Cultural Palmares (2017), as informações sobre Luiza Mahim retratam o seu compromisso com uma causa histórica que é a luta por um país livre de preconceito racial.

Nascida em Costa Mina, na África, no início do século XIX, Luísa Mahim foi trazida para o Brasil como escrava. Pertencente à tribo Mahi, da nação africana Nagô, Luísa esteve envolvida na articulação de todas as revoltas e levantes de escravos que sacudiram a então Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX. (FCP, 2017).

Na condição de negra africana, sempre recusou o batismo e a doutrina cristã e um de seus filhos naturais, Luís Gama (1830-1882), tornou-se poeta e um dos maiores abolicionista do Brasil. Descoberta, Luísa foi perseguida, até fugir para o Rio de Janeiro, onde foi encontrada, detida. Não existe, entretanto, segundo a FCP (2017), nenhum documento que comprove essa informação.

4.3.4 Observação sistemática

Os autores Marconi e Lakatos (2009, p. 195) afirmam que a observação “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Ainda para os autores:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

Para Lakatos e Marconi (2009, p. 195), “a observação sistemática é estruturada, planejada, controlada, utiliza instrumentos para a coleta dos dados ou fenômenos observados”.

As observações sistemáticas ao lado das visitas acadêmicas foram fundamentais no estudo em tela. É preciso dizer, porém, que as visitas acadêmicas fizeram parte dos procedimentos exploratórios e apoiaram a tomada de decisão de quais seriam as bibliotecas escolares a serem incluídas no estudo.

Nesta seção, apresento, então, a biblioteca escolar do colégio Pedro Calmom que foi tomada como caso a ser estudado e conseqüente registro no diário de campo e para posterior análise crítica.

4.3.4.1 Registro em diário de campo e imagens

Os registros das observações sistemáticas foram feitos em diários de campo. A rigor, um diário de campo é um caderno destinado especificamente ao registro de todo material observado pelo pesquisador quando no campo empírico. Contudo, a definição de diário é ampla e tem uma farta literatura nas pesquisas em Educação. Os diários de campo podem ser compostos por diversos tipos de registros. O que se espera é apontar possibilidades de uso de acordo com as necessidades da pesquisa em execução.

Para Lewgoy e Scavoni (2002, p. 63), diário de campo é um documento “pessoal-profissional” no qual o estudante fundamenta a produção do seu

conhecimento a partir do cotejo entre as referências teóricas e o campo empírico, construindo assim, uma relação com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social.

Já para Lewgoy e Arruda (2004, p. 123-124), o diário de campo consiste em um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional à medida que, através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. Para esses autores, trata-se de um documento que:

Apresenta um caráter descritivo-analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. O diário consiste em uma fonte inesgotável de construção e reconstrução do conhecimento profissional e do agir, de registros quantitativos e qualitativos. (LEWGOY E ARRUDA, 2004, p. 123-124)

Para Falkembach (1987, p. 20), o diário de campo “consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários”. Para o autor, o diário de campo “facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção aos acontecimentos do dia de trabalho”. A partir dessa condição, ele é considerado “um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho”. Os fatos devem ser registrados no diário o quanto antes após o observado para garantir a fidedignidade do que se observa.

Segundo Barbosa e Hess (2010, p. 73), “para cada campo de interesse, pode-se criar um diário, o que facilita o retorno às anotações como possibilidade de menor confusão e embaralhamento”.

Então, seguindo as definições apresentadas pelos autores, ao produzir-se um diário de campo, deve-se descrever processualmente todas as atividades realizadas para o desenvolvimento do trabalho: O que? Quando? Como? Com quem? Por quê? Para que? Para quem? Na elaboração do roteiro, não pode faltar também a data, o horário, o local e o planejamento, os objetivos da ação, os sujeitos envolvidos. Deve-se também anotar dúvidas e questionamentos.

Barbosa e Hess (2010, p. 73) reforçam a perspectiva de diferentes tipologias na produção de diários. Dentre elas, destaco o diário de pesquisa, o diário de formação, o diário pessoal, o diário de viagem entre outros.

Destaco, para a pesquisa em desenvolvimento, o empenho em realizar o diário de pesquisa, documento no qual pretendo registrar o percurso e seu desenvolvimento, levando em consideração os seguintes aspectos apontados por Barbosa e Hess (2010, p. 19):

Assumir a intimidade da criação e da autocriação, ao mesmo tempo que se assume o publicizar na forma de troca de escritos ou de leituras em grupos, ou na forma de trabalho escolar ou de texto científico, de modo que o autor se aperceba do movimento que o envolve quando se transita de uma escrita pessoal para uma escrita socializada e pública.

O professor francês Hess (2010, p. 18) destaca o seu interesse pela prática do diário de pesquisa. Do ponto de vista da técnica, ele sugere a escrita em vários diários para não “misturar todos os campos de interesse num só e único diário” e “para voltar a eles e ao seu uso posteriormente”.

Do ponto de vista da produção das informações sobre o campo empírico, Barbosa e Hess (2010, p. 9) alertam que os acontecimentos registrados no diário de pesquisa “não podem ser considerados como fechados em si, enquanto realidades objetivas”. Para o autor, “ao fazer parte de sua própria temporalidade, a realidade é uma construção precária, provisória”, portanto dinâmica e situada historicamente.

Para o fortalecimento desse projeto, faz-se necessário refletir sobre diário de pesquisa que nos dizeres de Barbosa e Hess (2010, p.15) os compreendem “como recurso processual capaz de auxiliá-lo em sua autoformação”. A partir de tríplice perspectiva, os autores ressaltam “a formação para a pesquisa, para a escrita e, principalmente, formação de si como autor de sua atuação no social da vida cotidiana”.

Para capturar as informações dos referidos procedimentos de campo, lançaremos mão de equipamentos como gravadores, máquina fotográfica e registros em papel para o diário de campo.

A fotografia foi um instrumento importante no desvelamento da biblioteca escolar e, ao mesmo tempo, estratégia de estreitamento com o campo empírico.

Para Rodrigues (2006, p. 115), “a fotografia transformou-se quase em um passaporte de aproximação e partilha da intimidade local”. Ao utilizar a máquina fotográfica para fazer uso de um conjunto de imagens, esperamos favorecer uma aproximação com o ambiente em foco.

Inicialmente, a estratégia consiste em fotografar as bibliotecas visitadas e posteriormente as observadas, tomando como referência as práticas de leitura e seu cotidiano. A ideia é formar um mosaico de imagens para estabelecer nexos com os objetivos da pesquisa. Segundo Rodrigues (2006, p. 117), a fotografia é tida como instrumento de pesquisa importante nas ciências sociais e humanas. A opção em fazer essa escolha teve como objetivo facilitar o registro das múltiplas dimensões da realidade, buscando capturar, através de diferentes modos de olhar, o cotidiano da biblioteca e suas práticas de leitura.

Através das visitas acadêmicas, das observações, das observações sistemáticas, dos registros em diários de campo e registros de imagens, espera-se compreender o cotidiano das bibliotecas escolares e, conseqüentemente, das práticas de leitura ali desenvolvidas.

4.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos de diálogo foram identificados a partir do critério da implicação direta com a biblioteca. Para tanto, os estudantes como usuários principais foram, de forma representativa, escolhidos para serem observados e descritos a partir da interpretação do dito e não dito na biblioteca e seu entorno. O segundo sujeito foi o bibliotecário, que atuou como mediador dado o seu papel estratégico no acesso aos títulos e prática de leitura. E por fim, os gestores escolares, dada a sua responsabilidade formal no cumprimento do Projeto Político-pedagógico da escola no âmbito da implantação e uso da biblioteca escolar e seus projetos de leitura.

Os sujeitos de diálogo da pesquisa foram identificados a partir de três critérios. Primeiro, ser vinculado à escola recortada para o presente estudo. O segundo critério tomou como referência a circulação recorrente no entorno da biblioteca escolar e, por fim, que fossem educandos interessados na leitura. O bibliotecário e o gestor foram identificados pela sua respectiva condição e vínculo com a escola.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA EM/COM SERES HUMANOS

Ao considerar a existência de documentos que constituem os pilares do reconhecimento e da afirmação da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e da Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos (1948), a questão da ética na pesquisa ganha sistematização formal. Por conta desse movimento, são criados sistemas dos Comitês de Ética em Pesquisa e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

De acordo com Toledo e Gonzaga (2011, p. 206), “estes documentos surgem na década de 1940, como resposta aos crimes contra a humanidade, bem como os excessos contra os prisioneiros, notadamente durante a Segunda Guerra Mundial”.

Ao produzir um projeto de pesquisa, o compromisso em preservar a ética durante a construção do texto está posto. Vale ressaltar alguns princípios que darão suporte ao que será dito, pesquisado e analisado para que as práticas do plágio, da fraude e da má intencionalidade, não ocorram. Ou seja, a pesquisa deve levar em consideração o respeito pelos seres humanos, pela beneficência e pela justiça.

Esta pesquisa levou em consideração as Resoluções 466/2012 e 510/2016 bem como a 466/2012, informa que “todo pesquisador deve respeitar os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade” (BRASIL, 2012). Desta forma, o pesquisador assume o compromisso de preservar a privacidade dos participantes, cujos dados serão coletados e divulgados no anonimato sem possibilidade de identificação dos mesmos e assegura que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto apresentado. (BRASIL, 2017)

Vale destacar também que ainda na Resolução 466/12, o artigo XIII.3, reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas suas particularidades.

Para reforçar o artigo em destaque, trago também a Resolução 510/2016, que considera que a ética é:

[...] uma construção humana, portanto histórica, social e cultural; que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante; que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes; que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma aceção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico. (BRASIL, 2016)

A pesquisa em foco, em sua metodologia, realizou observação, descrito em diário de campo, fez registros fotográficos que envolveram seres humanos. Desta forma, a pesquisa assumiu o compromisso de preservar a privacidade dos participantes estudantes nos termos consentidos cujos dados foram levantados e divulgados no anonimato sem possibilidade de identificação dos mesmos.

O presente estudo foi encaminhado, juntamente com os documentos exigidos, ao Comitê de Ética em Pesquisa (CONEP), através da Plataforma Brasil.

4.6. FLASHES DE LEITURA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CULTURAL

Os procedimentos de análise seguiram a perspectiva histórico-cultural, a partir das observações sistemáticas registradas em diário de pesquisa e imagens das bibliotecas escolares realizadas.

Inserido no vasto campo da História Cultural, este capítulo objetivou analisar as práticas de leitura de estudantes na biblioteca escolar do Colégio Pedro Calmom em Salvador. Para tanto, utilizamos a metodologia da observação sistemática. Na medida em que fomos situando teoricamente as categorias centrais da investigação, trouxemos os marcadores das observações e, *a posteriori*, fizemos uma análise dos ditos descritivos.

Assim, o desdobramento empírico das visitas acadêmicas e observações foram completadas com o registro em Diário de campo realizados no Colegio Estadual Pedro Calmom e buscaram perceber junto aos estudantes investigados como se desenvolve as práticas escolares de leitura na ambiência

da biblioteca escolar e seu entorno. A experiência constituiu-se em um qualificado campo empírico gerando falas e atitudes que qualificaram a etapa de observação e potencializaram a investigação conforme descrição registradas no diário de campo.

O processo foi realizado nos meses de setembro e outubro de 2017 e imprimiu significado importante ao estudo em tela. Descrição do campo empírico seguiu a trilha cronológica do caminho percorrido e constituiu-se de cenas percebidas e breves relatos do vivido. Foram momentos de grande relevância para melhor entender o fazer da biblioteca e sua expressão formativa.

Em **28/09**, (quinta-feira), aconteceu o primeiro dia da observação na biblioteca. Ao chegar à escola, fui recebida pela gestora Solange, e pela própria bibliotecária, Aparecida França.

Neste dia, aconteceu a culminância do Projeto de Ciências cujo tema gerador foi SUSTETABILIDADE. A atividade contou com a participação de todos os professores e estudantes do colégio. A biblioteca escolar, segundo Aparecida, serviu de laboratório para que muitos estudantes, em grupo, se organizassem e produzissem muitas pesquisas em torno do tema. Uma experiência singular que permitiu diferentes modos de ler.

Ficou evidente que a Biblioteca do Colégio Pedro Calmon tem um vasto material para auxiliar os estudantes e professores na confecção dos projetos a exemplo da Feira de Ciência, das Gincanas Culturais, das pesquisas interdisciplinares e das atividades de leitura como saraus, recitais.

A biblioteca escolar Pedro Calmon possui 28 estantes, dois armários, sete mesas de ferro e fórmica, 25 cadeiras de madeira, uma mesa da bibliotecária e um balcão para uso dos estudantes, chegando durante o período em que estava realizando a observação. A ideia é que os estudantes deixem de usar o armário para guardar as mochilas e passem a usar a bancada para o mesmo fim.

Figura 16: Biblioteca Pedro Calmon



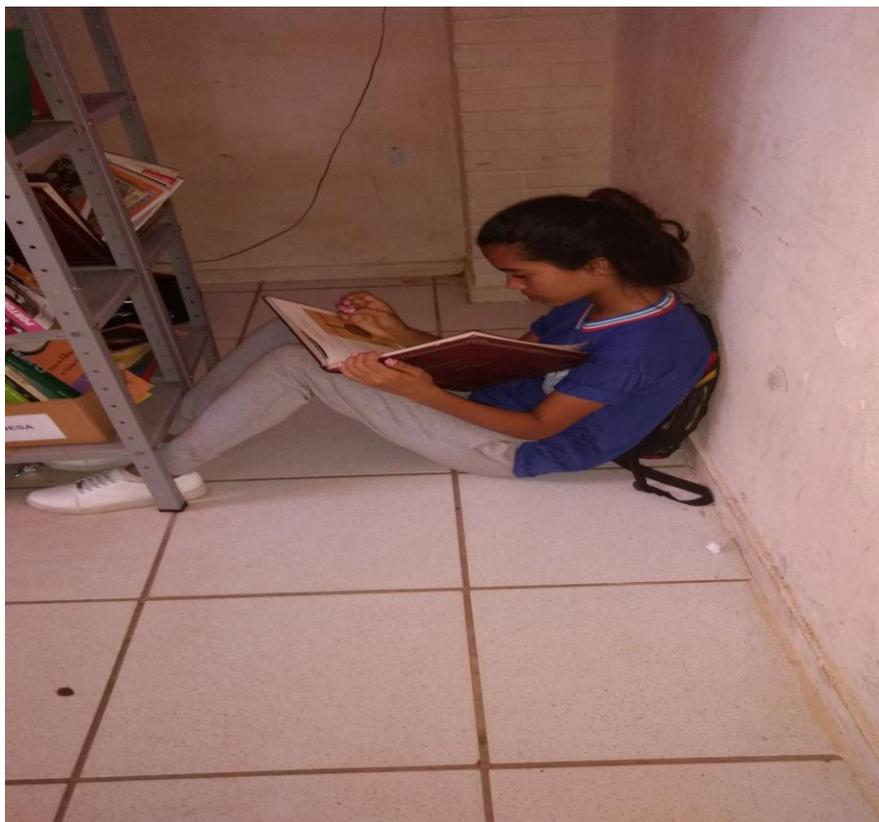
No dia **29/09/2017**, sexta-feira, o segundo dia de observação na biblioteca escolar Pedro Calmon aconteceu a partir das 07h20min e encerrou às 11h:50min, horário em que a bibliotecária conclui suas atividades.

Foi possível verificar a presença de estudantes de série variadas, mas a predominância é de estudantes do Ensino Fundamental. Durante toda a manhã, a frequência é intensa de estudantes devolvendo livros e alugando outros; alguns, de forma carinhosa, pedem sugestão à bibliotecária, que prontamente orienta, dá sugestões e pega o livro.

Logo nos primeiros horários, foi observada a presença de dois ou três estudantes sentados ao chão, atrás do último armário. Eles gostam de ficar deitados no colo um do outro manuseando os seus celulares: ora conversando com alguém, ora assistindo vídeo, ora cochilando, escutando músicas com ou sem fone de ouvido.

Foi possível perceber a presença de estudantes do EF realizando leitura solitária. Eles entram, escolhem um livro e ficam quietinhos e sozinhos na leitura silenciosa, apesar do barulho constante. Também foi possível perceber muitos estudantes, em aula vaga ou “filando” aula por estarem passados – comportamento muito comum nesta época do ano, realizando atividades solicitadas por algum professor.

Figura 17: Biblioteca Pedro Calmon



Fonte: Autora, 2017

A bibliotecária, num movimento delicado de parceria e solidariedade com a juventude, leitora permanece sempre em estado de produção de arte em parceria com os estudantes. Para o momento, a confecção de um painel representando a primavera, solicitada pela direção para compor a parede de uma ante-sala que dá para a direção e sala dos professores, está em curso.

Tal experiência, conta com a presença de estudantes que sem se preocupar com a nota, e, de forma prazerosa, embarcam na viagem da confecção dos painéis utilizando material de sucata e ali acontece a magia da contação de histórias reais e imaginárias para fazer valer o tema do painel. Os assuntos que são desenvolvidos pelos estudantes são dos mais variados e vai desde as dificuldades de se relacionar com a diretora e professores, a conflitos familiares. Cida está sempre serena, com uma escuta apurada e pronta para dar os melhores conselhos. Eles adoram a sua companhia. Percebe-se um nível de cumplicidade nunca visto por mim antes.

Apesar disso, o silêncio não é respeitado. Durante o intervalo, um número significativo de estudantes adentra à biblioteca para acompanhar e

saber o que está ocorrendo, elas falam, gritam, jogam, correm, são chamados a atenção e se vão. Só permanecem aqueles que querem ler, usar o celular, ou formar roda de conversa com a bibliotecária que certamente, é uma das mais animadas. Tudo isso no embalo da produção das atividades de arte sob o comando da bibliotecária, que, com o seu jeitinho, vai dando o comando da tesoura, da cola, da limpeza, da arrumação. Quando a manhã se finda, a biblioteca está completamente limpa e arrumada.

Figura 18: Biblioteca Pedro Calmon



Fonte: Autora, 2017

A frequência dos estudantes na biblioteca escolar se dá na medida em que o sinal toca para anunciar o início e o final de cada aula. Os grupos surgem neste contexto de aulas vagas e interessadas em realizar uma dessas atividades citadas. Nos três primeiros horários, a biblioteca permanece vazia, mas, na medida em que o intervalo surge, a frequência aumenta, sobretudo para devolver livro e alugar novos. Eles também aproveitam para comentar com a bibliotecária sobre a impressão da leitura do livro ou tentativa de leitura.

Nota-se a presença de um casal de namorados no chão sentados no fundo de um dos armários. Hoje também apareceram duas estudantes que escolheram livros de literatura e sentaram para realizar a leitura silenciosa, porém a leitura não durou muito. Logo pegaram os seus celulares e começaram a conversar. Em seguida apareceu um grupo de estudantes, sentaram e começaram a conversar sobre os mais diversos assuntos; não pegaram nenhum livro.

Percebe-se também o uso de palavras grosseiras e deselegantes entre eles: “chupa que é de uva”; “depois resolve, porra”, “vá se foder”. Cida, na medida do possível, tenta acalmá-los e pede com frequência, silêncio.

Figura 19: Biblioteca Pedro Calmon



FONTE: Autora, 2017

No dia **02/10/2017**, (segunda-feira), aconteceu o terceiro encontro de observação na Biblioteca Escolar do Colégio Estadual Pedro Calmon.

Como nos outros dias, o compromisso da bibliotecária com a produção de um painel para compor a parede da escola da ante-sala que liga a direção, coordenação e sala dos professores, está em curso. Esta produção é realizada em conjunto com algumas alunas que estão sem aula, no momento. Na medida em que as aulas vão acontecendo, a frequência e ajuda mudam. A produção vai acontecendo juntamente com muita conversa, gargalhadas, perguntas, elogios, fofocas. Os estudantes aparecem aos poucos e em pequenos grupos.

Durante o período que antecede o intervalo, a chegada de estudantes para devolver livro e pegar outros acontece aos poucos. No intervalo, este tipo de atendimento se intensifica. Neste dia, percebi a presença de uma aluna sentada atrás de uma estante conversando demoradamente com alguma alguém através do celular. Ela permaneceu atrás do armário durante todo o período das três primeiras aulas.

O que acontece nesta manhã é uma frequência intensa de estudantes para guardar as mochilas para poder circular pela quadra e cantina sem precisar carregar o peso da mochila. Nota-se que não há nenhum controle de quem coloca ou retira a mochila.

Durante o intervalo, em meio à chegada e saídas de estudantes para guardar as suas mochilas, aparecem algumas alunas do 5º ano para conversar, usar o celular e realizar alguma atividade escolar. Desse grupo, apenas uma estudante se dirige à estante e pega aleatoriamente um livro. Ela o folheia e, em questão de minutos, o coloca no lugar.

A bibliotecária, incansavelmente, continua com a sua produção. Neste dia, não tivemos a presença de nenhum professor. O que fica no registro é a liberdade que os estudantes têm para ouvir música, ver vídeos em celulares, conversar sobre os mais variados temas com drogas, sexo, namoro, festas, brigas, traição, dentre outros e a presença de uma estudante do 7º ano, de forma isolada, ao meio de tanto barulho e calor, realizar a atividade no caderno ancorado com o livro didático de Língua Portuguesa.

Nota-se que a bibliotecária da escola caminha independente do projeto político da escola. Ela entre e sai do ambiente escolar, se dirige à biblioteca, que fica na parte dos fundos e por lá permanece Sempre que precisa, solicita

material para a produção dos projetos e tem parte do seu trabalho dificultado pela localização da biblioteca.

Ao descrever o espaço físico da biblioteca escola do Colégio Pedro Calmon, vale destacar que a mesma possui o mesmo nome do colégio. Situado num espaço de 260m², o ambiente possui apenas dois ventiladores: um grande, preso da parede e outro pequeno em cima da mesa da bibliotecária. Apesar das portas ficarem abertas e possuir muitas janelas, o espaço faz muito calor. Durante o período de funcionamento que é de 07h20min às 11h50min, os livros são arrumados nos armários em caixas decoradas. São 25 caixas de literatura infantil e os armários ficam fechados. Um deles ficava vazio para guardar as mochilas dos estudantes.

Em **03/10/2017**, (terça-feira) o quarto dia de observação deu-se início a partir das 07h20min. A biblioteca já estava aberta, e a bibliotecária já estava dando continuidade ao projeto do dia anterior. Os estudantes iniciam a visita à biblioteca para conversar com ela, pedir opinião e tecer comentários dos mais diversos. Ela, como sempre curte os diálogos, interage e dá conselhos aos jovens que por ali surgem.

As estudantes que mais interagem com a bibliotecária são os do 6^o e 7^o ano. Durante o intervalo, as conversas e brincadeiras continuam e a bibliotecária interagia e dava gostosas gargalhadas.

As mesas vazias, ninguém pegava um livro para ler, apenas uso de celulares para conversar com alguém, ver vídeos e ouvir música.

Logo depois do intervalo, no quarto horário surgiu um aluno do 2^o ano que estava com horário vago. Ele escolheu o livro Capitães de Areia de Jorge Amado para ler e o fez de forma compenetrada, apesar do barulho e das conversas de grupo que fica permanentemente ao redor da professora. Também percebi a presença de estudantes sentados ao chão atrás da estante.

Na quinta aula, entrou um aluno pedindo indicação de um bom livro à bibliotecária. Ele manuseou o livro indicado - O livro dos Abraços de Eduardo Galeano.

O grupo de estudantes que entrou dessa vez, ao tecer diálogos com a bibliotecária, se dirigia a ela por mãe. Ela sorri muito, recebe abraços e beijos

de todos e permanece em sintonia com os tempos das juventudes. Ora dá conselhos sobre a importância de assistir aula, estudar ser educado e interage com as graças das brincadeiras dos estudantes. Ao todo, foram nove estudantes que circularam na biblioteca por diferentes motivações: desinteresse na aula ou ausência docente.

Os flagrantes observados ao lado dos breves depoimentos revelam os dizeres acerca da biblioteca e seu entorno e edificaram um mosaico:

Cida: “O diretor disse que vai botar pimenta no corredor e que vai resolver o problema daquele cantinho”. Os alunos não gostaram do comentário e reagiram mal com palavras deselegantes. Ela silenciou e disse que não queria nem saber.

Aluno jogando bola na biblioteca e correndo – foi chamado a atenção e eles acataram o pedido rapidamente.

“Ano que vem se preparem. A biblioteca será um centro de leitura, Ai eu quero ver. Só entra quem for ler.” Na opinião da estudante do 7º ano, o que vai acontecer no próximo ano é barraco. Ela continuou: “o barraco aumenta e se aproxima cada vez mais da biblioteca e você não percebe”.

Durante a quinta aula, apareceu uma funcionária da escola para chamar a atenção dos alunos que estão na biblioteca filando aula. Ela destacou que os professores estão reclamando” Por sua vez, eles informam que já estão passados e não estavam a fim de assistir aula. Desse modo, a permanência desse grupo representou muito barulho e gritaria no ambiente de necessária concentração.

Em **04/10/2017**, a observação do quinto dia foi iniciada às 7h:20min. e findou às 11h:50min.. Ao abrir a biblioteca, alguns estudantes/auxiliares que dão apoio aos projetos de arte, estavam a postos. Eles juntaram o material produzido ao longo do mês de setembro para fazer a montagem do painel numa parede que fica entre a direção e a sala dos professores.

Ao montar o painel, alguns professores e funcionários apareceram para elogiara a produção e tirar uma foto. A bibliotecária estava muito radiante com o resultado e elogios.

Durante o período em que a bibliotecária estava dentro do colégio montando o painel, a biblioteca permaneceu aberta e com a permanência de estudantes e, ao longo da manhã, a permanência de estudantes se fez na biblioteca. Seja por ser aula vaga, seja por eles já estarem passados na disciplina.

No segundo horário, apareceram dois estudantes para “alugar” dicionário. Precisavam voltar para sala de aula. A entrada e saída de estudantes, para guardarem as suas mochilas, acontecem o tempo todo e se intensificam no horário do intervalo.

A estudante Emily do 7º ano, de treze anos falou do que acontecem todos os dias no corredor que fica o armário. Ela alugou recentemente um livro de Hamlet de Shakespeare. Ela também leu o Mangá. Ela acha que o livro é muito “embolado” – confuso. Ela não troca porque acha que não tem livro que preste. Ela só gosta de histórias de terror. Quando chegou, veio por trás, e sentou ao meu lado e começou a contar histórias de terror. Ouvi várias. Ela me falou da internet do inferno em que o diabo oferecia a internet e o pagamento era feito

Desde o segundo horário, duas estudantes permaneceram sentadas numa mesa para conversa, fazer anotações numa caderneta. A outra estudante chorou baixinho e fez confidências de amor.

Também foi possível observar um estudante ajudando a bibliotecária na arrumação do espaço. Armários foram afastados e prateleiras foram colocados em cima. A frequência de estudantes na biblioteca para abraçar e beijar a bibliotecária, é intensa. Do 6º ao 3º ano.

No terceiro horário, um grupo de seis estudantes que apareceu para realizar a leitura e bater papo ao meio de muito barulho de martelo para prender uma prateleira. A leitura não fluía tranquilamente. A conversa e gritaria prevaleciam e os livros estavam apenas compondo o cenário frente à necessidade de conversar, atualizar os assuntos em torno de namoro, festa, caminhada, esporte, polícia, brigas e tantos outros temas.

A chegada de uma bancada para compor a decoração da biblioteca mobilizou muitos estudantes que se prontificaram com um funcionário a levar

até a biblioteca. Quando a mesma chegou, foi uma alegria geral. Um aluno pegou um pano e foi tratar de limpar, o outro pegou uma bucha molhada com o sabão e o outro pegou a vassoura para ajudar na limpeza.

Em **05/10/2017**, o sexto dia de observação deu início às 7:20 e findou às 11:50. Como sempre, a bibliotecária chega cedo e, ao abrir a biblioteca, a interatividade com os estudantes, está colocada. Os estudantes ficam muito à vontade para conversar, gritar, gargalhar. Vez ou outra, quando eles ultrapassam algum limite, ela os chama a atenção e eles acatam, mas logo voltam ao estágio anterior.

Neste dia também foi observado a presença de estudantes sentados e deitados no chão de trás do armário para conversar, namorar e usar o celular. Definitivamente, a biblioteca tornou-se o lugar dos encontros, dos fortalecimentos das amizades sob o comando da bibliotecária, que sempre está em diálogo com quem se aproxima da sua mesa. Ela tem uma equipe de estudantes como apoio.

Na conversa, foi comum perceber os apelidos surgirem a partir de personagens. Hoje, o estudante recebeu o apelido de Rabicó pela bibliotecária e ele prontamente contestou dizendo que era Pedrinho. Ela riu muito. Assim chegamos à quarta aula, e a permanência de estudantes do 6º ano, continuou.

Em **06/10/2017**, o sétimo dia e último de observação, deu-se início às 7:20 e findou às 11:50. A presença de estudantes que apóiam e fazem companhia a bibliotecária é de uma fidelidade impressionante. Eles são estudantes comprometidos com as diferentes dinâmicas da biblioteca.

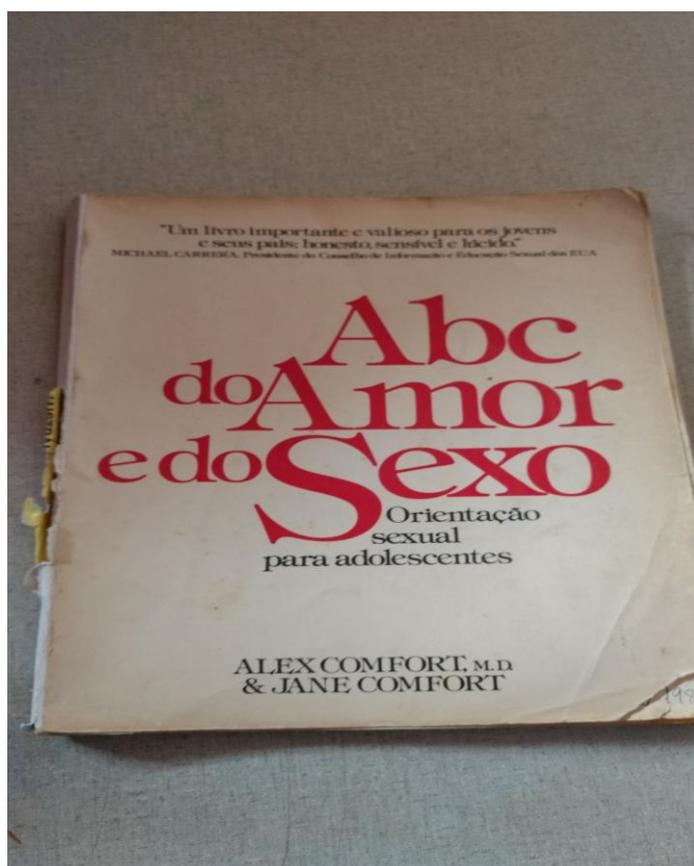
Neste dia, Aparecida, resolveu fazer uma faxina nos armários, produzir novas caixinhas para colocar os livros que são liberados para quem quiser pegar sem alugar. Alguns estudantes do 6º e 7º ano colaboraram com esse projeto.

Também, neste dia, aconteceu uma atividade de leitura e escrita com uma turma da 7ª série com 12 alunos. Tal atividade foi dirigida pela estagiária do curso de História da Faculdade Estácio de Sá. A discussão e leitura giravam em torno de “Roma”. Foi observado o desinteresse de muitos estudantes em desenvolver a atividade e o cuidado da estagiária em incentivar a leitura, ficou

evidente. Ao final da atividade, a maioria dos estudantes conseguiu realizar a atividade. Em destaque, registro duas meninas que conversaram o tempo todo e demonstraram dispersão na realização das atividades.

Outro momento que vale registrar, durante o quarto e o quinto horário foi a entrada de um grupo de seis estudantes: dois meninos e quatro meninas. Entraram eufóricos na biblioteca e se dirigiram ao armário procurando por um único livro - O ABC do Amor e do Sexo – Orientação sexual para adolescentes de Alex Confort e Jane Confort. Assim que acharam, foram direto para uma mesa do canto e lá começaram a folhear que, a essa altura, as folhas já estavam descolando do livro. Era uma leitura coletiva, entusiasmada, curiosa. O interesse maior estava localizado nas imagens onde apareciam homens e mulheres nuas, os órgãos sexuais masculinos e femininos. Segundo a bibliotecária, este é o livro mais procurado pelos estudantes do 6º e 7º ano.

Figura 20: Livro mais solicitado



Fonte: Autora, 2017

Figura 21: Leitura em grupo do livro mais solicitado



Fonte: Autora, 2017

Ficou evidente nas falas e gestos a importância da formação integral do estudante, do técnico e do professor e a necessidade da formação continuada ao lado de experiência pedagógica, envolvendo diversos conhecimentos e, tendo em vista que, dentre as experiências pedagógicas fundamentais, encontra-se a biblioteca escolar e seu acervo e a compreensão do entrecruzamento entre o espaço de leitores e o tempo de leitura, pela lente da história cultural, tomando a cultura digital como desafio para avançar na democratização das práticas de leitura.

De acordo com Pesavento (2005, p. 46), a cultura é compreendida como “uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica”, necessitando, assim, de permanente entrecruzamento com a história como base e a cultura para se viver em sociedade.

Ao discutir sobre representações, Oliveira (2016, p. 81) aborda o conceito de análise e suas implicações no cotidiano escolar. Ela destaca que:

A escola não é apenas um receptáculo de informações, valores e verdades, mas também produz suas próprias verdades por meio das representações que constrói sobre seu cotidiano e as expressa por meio das práticas escolares.

Para Chartier (1988, p.36), “a representação nada mais é do que um signo. Portanto, a presente pesquisa buscou reconhecer, no cotidiano, a possibilidade de capturar o movimento das bibliotecas e as distintas práticas de leitura nelas desenvolvidas.

Ainda sobre representações, o autor afirma que:

Os esquemas intelectuais criam as representações que conferem um sentido ao mundo e que possibilitam deciframos como, historicamente, os homens expressaram a si próprios e ao mundo, pois as representações são matrizes de condutas e constituintes de práticas de uma sociedade.

Desse modo, as representações humanas, expressas em diferentes registros ao longo da história, nos possibilitam olhar o passado e viver o presente, tendo as práticas de escrita como legado para as próximas gerações.

Já Peter Burke (1992, p.38) destaca a necessidade de o historiador “ler nas entrelinhas dos documentos e ter a consciência de que todo documento, imagem ou objeto são produções humanas”, portanto, representações da realidade.

Para reforçar essa ideia, Chartier (1998, p. 39) discute a não existência de uma neutralidade nas representações quando afirma que:

[...] as mesmas devem ser tomadas como construções históricas surgidas por relações de lutas, disputas e conflitos. As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.

Portanto, a análise das observações registradas em diário de campo e imagens, na presente pesquisa, a biblioteca escolar constitui-se como espaço dialógico, representacional e crítico.

Ao discutir as representações do universo escolar, Chartier (1998, p. 40), destaca que “as representações são reveladas pelos discursos e pelas práticas diferenciadas” e considera, para além de um “receptáculo de informações, valores e verdades”, a nossa capacidade de produzir versões implicadas com o cotidiano dos fazeres escolares.

Ainda nessa perspectiva, Oliveira (2016, p. 80) acrescenta que “a escola tem uma cultura própria, construída ao longo do tempo por seus atores que são professores, alunos, direção e comunidade. A autora afirma ainda que “a

cultura escolar abrange tanto o sistema de valores a serem transmitidos pela escola como as práticas que permitiram sua existência”, (p.82).

Ao enfatizar as maneiras pelas quais o sujeito se apropria de uma determinada forma de agir e pensar sobre o mundo, Chartier (1988) aponta essa preocupação por meio de sua teoria da leitura e se propõe a identificar “como os leitores apreendem e se apropriam de texto, bem como a maneira como o texto afeta o leitor e o conduz a uma nova maneira de compreender a si próprio e ao mundo que o cerca”.

Nesse cenário, a pesquisa em questão se desenvolveu buscando harmonizar as reflexões postas pelos teóricos que discutem pela lente da história cultural com as informações levantadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – POR UMA BIBLIOTECA EM MOVIMENTO

Durante o percurso de minha formação no Programa de Pós-Graduação da UNEB, minhas experiências com a leitura se tornaram mais frequentes e foram, ao lado das orientações, do campo empírico e das interlocuções nos componentes curriculares decisivos no labor investigativo em questão e muito significativas para o texto no seu conjunto.

Ao chegar nas considerações finais, importa destacar leitura do texto “Herdando uma biblioteca de Miguel Sanches Neto” sugerida por Gramacho (2013) em seu texto dissertativo “Literatura e Ensino: professores e poetas na construção de saberes”. As palavras, frases e texto nos inspiraram acerca do tesouro que é uma biblioteca e sua importância qualitativa para a comunidade escolar e a necessária luta em defesa das diferentes práticas de leitura como experiência formativa permanente.

Quanto ao percurso metodológico, optamos por fazer uma revisão de literatura em sintonia com as visitas acadêmicas itinerantes até chegar ao colégio escolhido como campo de observação direta e de registro. Para realizar o percurso bibliográfico, buscamos autores que refletiram acerca das categorias centrais do estudo aqui proposto.

Com relação aos documentos, priorizamos o essencial. Lemos e analisamos o PNBE e o Projeto Político Pedagógicos do Colégio observado. Para fazer a análise documental, a leitura foi mais parafrástica do que polissêmica.

Como professora de Língua Portuguesa e Literatura, graduada pela UCSal, nos anos 80, professora da rede pública estadual de ensino, durante 25 anos e diante de tantas transformações em que o país vive atualmente, não poderia deixar de fazer o que sempre me fascinou no tempo da graduação: pesquisar. Pesquisar pela causa da educação e que no âmbito do GESTEC fortaleceu ainda mais a compreensão do entrecruzamento entre fazer educativo e gestão escolar. A cada passo foi ficando evidente a relevância de uma pesquisa aplicada e implicada. Nessa perspectiva, o estudo buscou alargar a base teórica acerca do tema e nos levou a aprofundar o debate acerca do papel estratégico das bibliotecas em movimento e das necessidades da variar gênero literário e possibilidades de práticas de leituras com vista a elevar o padrão cultural e a leitura de mundo a partir do cotidiano escolar.

Constatei ainda que não é mais possível pensar a biblioteca dissociada de uma cultura digital. Tal reflexão decorreu da revisão da literatura, das visitas acadêmicas, registros em diário e imagens e observações sistemáticas e foram, no decorrer da investigação, afirmando a importância da biblioteca escolar como espaço temporal de vivências e encontros, como equipamento multidisciplinar e de inúmeros projetos educativos transversais e como janela para leituras críticas e pedagógicas dos contextos escolares e sociais que vivemos.

Ao ser acolhida no Colégio Estadual Pedro Calmon, na condição de pesquisadora, pude vivenciar, intensos processos de reflexão e sobre o quão a escola pode ser vista e revista se sua biblioteca é constituída de infraestrutura, política de sentido e legitimidade escolar.

No processo investigativo, foi possível conviver com leitores inquietos, solitários, dispersos, disciplinados, curiosos, criativos. Leitores que encontraram no CEPC um espaço acolhedor, para, a partir das produções de arte e o clima propenso ao diálogo e escuta atenta por parte da bibliotecária, criar um ambiente motivador de práticas de leitura diversificada. Foi possível

também perceber, alunos ávidos por usar a biblioteca pela mesma ser um ambiente acolhedor, livre para usar o celular, conversar, dormir e namorar. A presença da bibliotecária funcionava como uma profissional sensível e para além do seu fazer. Alguns alunos a chamavam de mãe. Era frequente a procura de estudantes, sobretudo meninas para pedir conselhos sobre namorados, brigas de família, entre outros assuntos. Esses achados da pesquisa me instigam a pensar que a escola pública e, particularmente, a biblioteca escolar tem papeis relacionais e culturalmente relevante na reafirmação de práticas criativas e inovadoras com o objetivo de formar cidadãos e cidadãs leitores autônomos, críticos, sensíveis e socialmente engajados.

Ao concluir a pesquisa, pude perceber ao longo de todo o processo em que convivi no ambiente da biblioteca escolar de um colégio estadual em Salvador, notadamente nos momentos de leitura silenciosa ou em Atividades Complementares dirigidas por algum professor, um lugar de produção de conhecimento e possibilidades artísticas. Nesse processo, foi possível reaprender e ressignificar minhas percepções; apreender as transformações em que vem ocorrendo às dinâmicas de leitura em outros artefatos tecnológicos como o celular, *tablet* e outros dispositivos móveis.

Assim, importa retomar o propósito do Mestrado Profissional e o desafio estratégico do GESTEC como programa de Pós-Graduação da UNEB e afirmar referências sobre o sentido de produto nesse fazer formativo.

De acordo com o regimento do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), o programa visa:

À produção de conhecimentos, a atualização permanente dos avanços da ciência e das tecnologias, a capacitação e o aperfeiçoamento de profissionais na área da gestão educacional e processos tecnológicos, bem como o desenvolvimento da pesquisa aplicada e a inovação tecnológica no campo da educação. (GESTEC, 2011, p. 1)

Com o objetivo de formar profissionais para intervir na realidade educacional na qual eles estão inseridos, é que a construção de produtos está posta na pesquisa aplicada como possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da cultura, da ciência e da tecnologia.

Moreira (2004, p. 134) afirma que a pesquisa no Mestrado Profissional em ensino deve ter as seguintes características:

Ela deve ser aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino na área específica, sugerindo-se fortemente que, em forma e conteúdo, este trabalho se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais.

Segundo dados que constam na página oficial do Ministério da Educação, o trabalho de conclusão final do curso do Mestrado Profissional sugere uma proposta de intervenção em procedimentos de aplicação ou adequação de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso.

A partir das abordagens e procedimentos adotados, buscamos construir como sínteses: o relatório de pesquisa em tela e uma futura exposição fotográfica, legendada virtual, implicando o cotidiano das práticas de leitura nas bibliotecas escolares a ser desenvolvida como desdobramento do presente estudo.

Trata-se de produtos distintos, porém plenamente implicados com o objeto da pesquisa ressaltando, assim, a potência da biblioteca escolar como espaço/equipamento de práticas de leitura.

Por fim, é digno de nota o relevo de bibliotecárias e docentes na formação dos estudantes e a necessidade de fortalecer a luta pela consolidação de políticas públicas de leitura e de revitalização dos espaços das bibliotecas e em especial as escolares, como alternativas necessárias para a construção de educação mais comprometida com fazer pedagógico inclusivo e de qualidade social.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Regina; CARVALHO, Kátia de **O Neomanuelino ou a reinvenção da arquitetura dos descobrimentos**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ IPPAAR, 1994. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa. Editora Nova Aguilar, 2006, p. 251.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, nº 113, p. 51-64, julho/2001.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/26/pdf_23>. Acesso em: 9 jun. 2011.

BRASIL. Avaliação de Bibliotecas Escolares no Brasil. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas emendas constitucionais n. 1/1992 a 68/2011, pelo decreto legislativo 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão n. 1 a 6 de 1994. 35. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Manual básico da biblioteca da escola. Brasília: MEC/FNDE, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. Sistema Nacional e Estadual das Bibliotecas da Bahia: 1970. Disponível em: <<http://bibliotecas.ba.gov.br>>. Acesso em 29 out. 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. Programa fome do livro: política nacional do livro, leitura e bibliotecas públicas. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

BRASIL. Senado Federal. Lei 12.244/10 de 24 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/legislação/lista>>. Acesso em: 05 out. 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Dialogismo e construção do sentido/organização**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Odiário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo Brasília: Liberlivro, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar:** importância do setor no contexto educacional. Baixada Santista. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008.

BIBLIOTECA Arnold Ferreira Silva. Prefeitura de Feira de Santana. Disponível em <<http://www.feiradesantana.ba.gov/biblioteca/arnold.asp>>. Acesso em 23 de maio 2017.

BIBLIOTECA Central do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.bibliotecas.ba.gov.br/> . Acesso em 20 maio 2017.

BIOGRAFIAS E CURIOSIDADES. Disponível em <https://biografiaecuriosidade.blogspot.com.br>. Acesso em 06 de jun. 2017.

BIOGRAFIA sobre Edivaldo Boaventura. Disponível em: <http://www.edivaldoboaventura.com.br/biografia/biografia.html>. Acesso em: 10 jun de 2017.

BIOGRAFIA sobre Luiza Mahim. São Paulo. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuiMahin.html>. Acesso em: 10 maio 2017.

BIOGRAFIA de Visconde De Cairu. E Biografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/visconde_cairu. Acesso em: 25 maio 2017.

BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO. Disponível em: https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato. Acesso em: 25 maio 2017.

BIOGRAFIA de Pedro Calmon. Disponível em: <http://www.historia-brasil.com/bibliografia/pedro-calmon.htm>. Acesso em 30 maio 2017.

BIBLIOTECA Thales de Azevedo. Disponível em: <http://www.thalesdeazevedo.com.br/biografia.htm>. Acesso em: 05 maio 2017.

BORRACHALIBLIOTECA. Disponível em: <www.lumenfm.com.br/publicada>. Acesso em: 04 jul. 2014.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BONILLA, Maria Helena. Escola Aprendiz: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. de A. (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 23-40.

BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história:** novas perspectivas; A história da leitura de Robert Darnton. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter., **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CABRAL, Maria Luisa. **Bibliotecas, acesso sempre**. Lisboa: Colibri, 1996.

CAMPO EMPÍRICO. Disponível em <https://www.significadosbr.com.br/>. Acessado em 12 de maio de 2017.

CASA Fundação Anísio Teixeira. Disponível em: <https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/Casafundaçãoanísio Teixeira>. Acesso em 11 jul. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de et al. **A invenção do Cotidiano**. Vol.2., Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CEVALLOS, Ivete; PASSOS, Larizete Ferragut. O mestrado profissional e a pesquisa do professor. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba, v.12, n.37, p.803-822, set./dez. 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV XVIII**. Tradução: Mary Del Priori – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Leitura: Uma prática cultural**. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger.. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade 2011.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2006.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA. Disponível em www.cfb.org.br. Acesso em: 04 mar. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: www.conselho.saude.gov.br, 2016>. Acesso em 05 jul. 2017.

DAMASCENO, Diego; MARTINS, Marco Aurélio. Um homem de idéias práticas. Salvador: **Revista Semanal do Grupo A Tarde**: Muito, pp. 30-35, 25/04/2010.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEMO, Pedro. **Avaliação**: para cuidar que o aluno aprenda. Editora CRIARP, São Paulo, 2006.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **A escola (in)visível**: jogos de poder/saber/verdade. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

E-SCRITA - REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA UNIABEU. Nilópolis, v. I, Número 2, Maio-Agosto, 31–253, 2010.

EU QUERO MINHA BIBLIOTECA. Disponível em: <<http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

FACELLI, Luis. **Alta tecnologia y alôs recursos: cerrando La brecha em El campo de la formación de recursos humanos em conservación**. In: Simpósio Eletrônico Internacional-Conservación Preventiva Bibliotecas, Archivos y Museus. Argentina: Fundación Patrimônio Histórico, 2005.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: conceitos, experiências diálogos Brasil-Itália. Cidade Futura: Florianópolis, 2006. FANTIN, Monica. A Mídia na Formação Escolar de Crianças e Jovens. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, INTERCOM, Natal, 2008.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**. Universidade de Ijuí. ano 2. nº 7, julho /set 1987.p. 19-24.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FIALHO, Nadia Hage; HETKOWSKI, Tânia Maria; SACRAMENTO, Jônathas Alves. Mestrado Profissional em Educação: Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. **Revista Educação em Perspectiva**. Dossiê “Novas Tecnologias, Formação Docente e Pós-Graduação”. Viçosa, v 4, n 2, p. 489-509, jul/dez 2013.

FLICK, Uwe. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**; Tradução Roberto Cataldo Costa; Porto Alegre: Artmed, 2009.

FELGUEIRAS, M. L. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Revista Proposições**, v.16, n.1(46), jan./abr. 2005, p.87-102.

FILHOS ILUSTRES DA BAHIA: ANFRÍSIA SANTIAGO. Disponível em: <http://ilustresdabahia.blogspot.com/2012/09/httpwww.html>. Acessada em 12 de julho de 2017.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. [1. ed. em 1970]

FRAZÃO, Dilma. Biografia de Oswaldo Cruz. Disponível em: www.ebiografia.com/owaldo_cruz. Acesso em: 12 de julho de 2017.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 04 de junho de 2017.

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON. Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br>. Acesso em: 31 de janeiro de 2017.

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. (Brasil) Disponível em: <http://www.gplsalvador.com.br/biblioteca>. Acesso em 05 maio 2017.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO J. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. Maria Isabel Orofino (org.). Capítulo 1: Cultura midiática e mediações no espaço escolar, 1997. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.

GATTI, Bernadete. A construção metodológica da pesquisa: desafios. **RBPAE**, Recife, v 28, n. 1, p13-34, 2012.

GATTI, Bernadete. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/07,PDF>. Acesso em: 16 abr. 2017.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, Henriette Ferreira. **Documentos Científicos**: orientações para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Salvador: Edições São Bento, 2007.

GRAMACHO, Regina Lúcia. Literatura e Ensino: professores e poetas na construção de saberes. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, Salvador, 2013.

GRIEBLER, Ana Cristina de Freitas [et AL.]. **Coletânea sobre preservação e conservação de acervos em bibliotecas brasileiras**. Nova Friburgo: Êxito Brasil, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p.43-110.

HETKOWSKI, Tânia Maria; DANTAS, Tânia Regina. Mestrados Profissionais: a itinerância da área de educação e os legados da Universidade do Estado da Bahia. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 25, n. 47, p. 89-103, set./dez.2016.

INSTITUTO PRÓ LIVRO. Disponível em <<http://prolivro.org.br/home/>>. Acesso em 21 jun. 2017.

INSTITUTO C & A. 2009. Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/>>. Acesso em 18 fev. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Disponível em: www.inep.gov.br . Acessado em 13 de julho de 2017.

JANUS, Lorena. **Leitura em questão**: Momento de descobertas.. [s.n] n.17, Jan./Jun., 2013. p. 1 075 – 082.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n.1, jan./jun., 2001.

KAVANAGH, Rosemary; SKOLD. **Bibliotecas para cegos na era da informação: diretrizes de desenvolvimento**. São Paulo: Beatrice Christensen Editora, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. (Relatório Oficial a IFLA, nº 86.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1993.

LAKATOS, Eva Marina; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

LAKATOS, Eva Marina; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LEODORO, Marcos Pires e BALKINS, Marcia Alexandra Andrade de Souza. Problematizar e participar: elaboração do produto educacional no Mestrado Profissional em Ensino da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia - PPGECT II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia 07 a 09 de outubro de 2010 ISBN: 2178-6135 Artigo número: 84 ABNT.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; ARRUDA, Maria. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experimentação do diário digital. **Revista Texto & Contextos**. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2004.

LEWGOY, Alzira M^a. B; SCAVONI, Maria Lucia. Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado. **Revista Texto & Contextos**. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Bibliotecas Escolares: realidades, práticas e desafios para formar leitores**. SIBI/Faculdade de Educação/Biblioteca Anísio Teixeira, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

LUBISCO, Nídia. **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011.

LUCENA, Patrícia; SILVA, Alzira. LUBISCO, Nídia M. L. **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011. –et al. A recuperação do conteúdo informacional na biblioteca temática Paulo Freire: por uma diversidade cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 20. 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2002.

LUCK, Heloísa. **Perspectiva da Gestão Escolar e implicações quanto a formação dos seus gestores**. [s.n] Brasília, v.17, nº 72, p.11-33, fev/jun, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: 5 ed, Editora Atlas, 2009.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MATOS, Rosângela da Luz; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. A orientação Acadêmica entre a disciplina e a interdisciplinaridade. **Observatório da vida estudantil: universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MELLO, Dulcina Edith Winter de; ROBERTO, Maria Leda R. **Gêneros Textuais: ensino e produção**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 71-84.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em 10 out. 2009.

MOURA, Daniela Silva. A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma - Santa Catarina. Valmira Perucha, Núbia Silvia Guimarães, Repensando o espaço da biblioteca e contribuindo com formação de leitores, **Linha Mestra**, nº24/jan. - jul.de 2014.

MUNIZ, Dinéia Sobral; SOUZA, Emília Helena P. M. de; BELTRÃO, Licia M. F. **Entre textos, Língua e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 2007.

NOVAES, Ivan Luiz. **Construção do Projeto de Pesquisa sobre Políticas e Gestão Educacionais**. Salvador: EDUNB, 2014.

NOVOA, Antonio. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1992, p. 11-30. (Coleção Ciências da educação; 4). 1988 e 2000.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

NUNES, João Batista Carvalho; OLIVEIRA, Luisa Xavier. **Cultura Digital: retrato do uso das tecnologias no Estado do Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL. Disponível em <<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/bibliotecas>>. 2013. Acesso em 30 mar. 2017.

OBSERVATÓRIO DE LEITURA: Salvador Lê: Observatório de Leitura. Disponível em: <<http://gelingfaced.blogspot.com.br/p/observatorio-de-leitura.html>>. 2010. Acesso em 24 maio 2017.

OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de; DOURADO, Luiz Fernandes. **Escola democrática, definições, princípios e mecanismos de implementação**. [s.l.] Escola de Gestores/MEC, 2010.

OLIVEIRA, Rosilene Batista. A história cultural: concepções, perspectivas e desafios. **Revista Plures Humanidades**. v. 14, n.1, 2013. Disponível em

<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/95>. Acesso em 11 jun. 2017. ABNT/RO

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2013.

PERUCCHISSO, Valmira. Biblioteca nas Escolas Públicas. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.04, nº04, 1999.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PORTILHO, Gabriela; PINTO, Júlia. Bibliotecas digitais complementam o ensino em sala de aula. **Revista Nova Escola**. Abril de 2011.

PRETTO, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 24, n.1, p. 95-188, 2011.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO – GESTEC. Disponível em: <www.uneb.br/gestec>. 2011. Acesso em 06 maio 2017.

ROCHA, João Augusto de Lima et al. **Anísio em Movimento**: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992.

RODRIGUES, Emília Oliveira de Santana. (Organizadora). Fios de Leitura, escrita e imagem: mostra e relatos de quem já construiu uma vida. Salvador: EDUNEB, 2014.

RODRIGUES, Maria Lúcia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

ROSETTO, Márcia. Metadados: novos modelos para descrever recursos de informação digital. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS. **Anais...** São Paulo. Imprensa Oficial, 2002. p. 485-498.

SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Neusa; SÁ, Nysia; FURTADO, Sandra. **Bibliotecas Digitais**: do conceito às práticas. 2001. Disponível em <www.bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 28 maio 2017.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOBRAL, Elvira Barcelos. Recursos humanos para a biblioteca escolar. In.: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, Brasília. **Anais...** Brasília: INL/UNB, 1982. p. 88-108.

STEIN. Flagrante do cotidiano das bibliotecas. Charge. Disponível em <identidade 85.blogspot.com.br/2012/biblioteca>. Acesso em 26 fev. 2017.

TERUYA, Teresa Kazuko; GOMES, Iara de Oliveira; LUZ, Marcia Gomes; CARVALHO, Aline Monique. As **contribuições de John Locke no pensamento educacional contemporâneo**. [s.l.] [s.n.]. 2012.

TOLEDO, Cesar de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Tereza Claro (Org.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa**. [s.l.] EDUEM, 2011.

TRIVINUS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEP). Disponível em: <<http://www.uneb.br/comitedeetica>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **Pesquisa e ensino**: considerações e reflexões. [s.l.] UNIGRANRIO, 2007.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. Preservação e conservação do acervo da DBDCQ/USP. In: **Coletânea sobre Prevenção & Conservação de Acervos em Bibliotecas Brasileiras** [S.l.: s.n.], 2008.

ANEXO A – SÍNTESE DO PROJETO - BIBLIOTECAS DA BAHIA: LEITURA E ARTE EM MOVIMENTO



Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Sistema da Pró-reitoria de Extensão - SISPROEX
www.sisproex.uneb.br

SISPROEX
SISTEMA DA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Inscrição Edital

Edital que visa apoiar financeiramente a divulgação e disseminação da produção extensionista de natureza científica e/ou tecnológica, esportivo, artístico ou cultural, bem como de caráter político-acadêmico, a serem realizados, pelos discentes dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: JANIMEIRE MEDRADO FERREIRA Matrícula: 081610086 Inscrição: null
Unidade: DEDC - CAMPUS I
Vínculo: Carga Horária:
Telefone: E-mail:
Telefone de Contato: (71) 8232-3346 E-mail de Contato: rlmatos@uneb.br

DADOS DO PROJETO

Nome do Projeto: Bibliotecas na Bahia: leitura e arte em movimento

Faixa e Execusão: REGIONAL

Grande Área: Ciências Humanas

O evento envolve apresentação/exposição de trabalhos

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

- Visitação de escolas públicas em Caitité para identificação do patrimônio material arquitetônico, história e acervo;
- Visitação de bibliotecas escolares municipais e estaduais em Caitité para identificação do patrimônio material arquitetônico, história, acervo e projetos de leitura em desenvolvimento;
- Produção de imagens das bibliotecas públicas em Caitité;
- Micro-entrevistas estruturadas com os bibliotecários/as professores e professoras, estudantes e comunidade escolar;
- Análise das entrevistas e produção de texto escrito no gênero ROTEIRO para compor a estrutura do conteúdo do documentário;

NOME	CPF	MATRÍCULA	INSTITUIÇÃO
ROSANGELA DA LUZ MATOS	476.965.670-04	745947896	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

COMISSÃO CIENTÍFICA / AVALIADORA

NOME	CPF	MATRÍCULA	INSTITUIÇÃO
Janimeire Medrado Ferreira	408.974.435-00	081610086	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
LIDIA BOAVENTURA PIMENTA	347.230.305-06	740030482	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
ROSANGELA DA LUZ MATOS	476.965.670-04	745947896	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Anexos

- SIP - FIP - DEDCI-1412017Bibliotecas na Bahia- - 2017-03-03 10.13.28.Janimeire.pdf
- Lattes.Janimeire.Medrado.Ferreira.pdf
- TERMO-DE-COMPROMISSO_Modelo.Janimeire.docx

ANEXO B – RESULTADO DO EDITAL



A PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX) DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) no uso de suas atribuições legais e regimentais RESOLVE: Tornar Público para conhecimento dos interessados, o Resultado Final do Edital 007/2017 (conforme aviso nº 009/2017, publicado no D.O.E. de 24/01/2017) que visa apoiar financeiramente a divulgação e disseminação da produção extensionista de natureza científica e/ou tecnológica, esportivo, artístico ou cultural, bem como de caráter político-acadêmico, a serem realizados, pelos discentes dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB, no período de maio a outubro de 2017, no âmbito da UNEB. Este Edital se submete no que couber, aos dispositivos da Lei Estadual nº 9.433/05, de 01.03.05, do Decreto Estadual 9.266/04, de 14.12.04, da Lei Estadual nº 11.174/08, da Resolução do Conselho Universitário (CONSU) nº 881/2012 e demais dispositivos legais e regulamentares vigentes.

RESULTADO FINAL DO EDITAL UNEB 007/2017

CATEGORIA: PROPOSTAS CLASSIFICADAS E BENEFICIADAS

INSCRIÇÃO	PROPONENTE	TÍTULO DA PROPOSTA	UNIDADE	VALOR APROVADO
17007141	ANA FLAVIA FERREIRA DE BRITO OLIVEIRA	AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA DOS INSTRUTORES/MONITORES DOS COLÉGIOS DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA	DEDC - CAMPUS I	4.975,00
17007140	ANA TEIXEIRA DUARTE	HISTÓRIAS DENTRO DO ESPELHO: OS GÊNEROS DAS PRÁTICAS DE ESCRITA NA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA	DEDC - CAMPUS I	2.550,00
17007126	CAIO FELIPE DE BARROS SOUZA	DIA DE CAMPO SOBRE ALTERNATIVAS DE ALIMENTAÇÃO DO GADO NA SECA	DCH - CAMPUS IX	5.000,00
17007118	CLECI DOS SANTOS MONTEIRO	SEMINÁRIO: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONTEMPORANEIDADE	DCHT - CAMPUS XVII	5.000,00
17007108	DAIANE AMANCIO MENDES	OFICINA DE GAMIFICAÇÃO	DEDC - CAMPUS I	5.000,00
17007111	DANILO CARVALHO DE LIMA	INAUGURAÇÃO DO LCTM: EXPOSIÇÃO DA OFICINA DE METAIS E PRODUTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS E ARTESANAIS DAS CERÂMICAS	DCET - CAMPUS I	5.000,00
17007114	EDMILSON SANTOS DE OLIVEIRA JUNIOR	IV CICLO DE PALESTRA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA CONTEMPORANEIDADE	DEDC - CAMPUS VIII	4.540,00
17007128	FABIANO PAIXAO DE SOUZA	"ESSE CANTO QUE DEVERIA SER UM CANTO DE ALEGRIA ...": A LUTA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS E NEGRAS FRENTE À MINERAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DE CAETITÉ E PINDAÍ	DCH - CAMPUS VI	5.000,00
17007139	JANIMEIRE MEDRADO FERREIRA	BIBLIOTECAS NA BAHIA: LEITURA E ARTE EM MOVIMENTO	DEDC - CAMPUS I	4.110,00
17007147	JOAO PEDRO RAMALHO MARTINS	SEMINÁRIO DE JORNALISMO CULTURAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO	DCH - CAMPUS III	4.998,00